



Anunciada em Cabul formação dum Governo de Frente Nacional

Um grupo de pessoas aguarda às portas desta prisão sita a 16 quilómetros de Cabul (Afeganistão) a libertação de presos políticos que jaziam na cadeia por ordem do presidente deposto, Amin. Segundo o novo chefe de Estado, Karmal, já foram libertadas 10 mil pessoas desde o passado dia 27 de Dezembro. Entretanto, notícias orientais referem que o novo se registaram graves incidentes em frente de uma prisão, e dos quais resultaram mortos e vários feridos. As pessoas que aguardavam a libertação de presos assaltaram o edifício da cadeia para libertarem os detidos. (Telefoto UPI/ANOP/DL).

Pág. 12

Vasco Lourenço ao "DL" "Têm razão os que me consideram



**adversário
porque
continuarei
a defender
os ideais
de Abril"**

Pág. 20

AD ignora Abril

Um programa para 1973

Num discurso que durou 32 minutos, Sá Carneiro apresentou à Assembleia da República o seu programa de Governo. Apesar do tom cuidadoso da intervenção do Primeiro-Ministro, interessado em dar de si próprio e do seu executivo uma imagem de moderação, a oposição desmontou com facilidade os objectivos reais do Governo AD: abrir caminho para a destruição da Constituição. Para já, nos nove meses que se seguem, Sá Carneiro promete nova delimitação dos sectores

público e privado, com abertura à iniciativa privada, incluindo a banca e os seguros; revisão das leis eleitorais e instituição do referendo; revisão da Lei Barreto, para mais fácil e rapidamente acabar com a Reforma Agrária; revisão da Lei que cria o Serviço Nacional de Saúde, e das Leis da Televisão e Radiodifusão; plena integração na CEE e empenhamento activo e reforçado na política da Nato. Na verdade um programa para 1973 que, obviamente, desconhece Abril.



Ontem, durante a apresentação do Programa do Governo: Sá Carneiro revê, deliciado, parte do que acabara de ler; Freitas do Amaral, trinca o lábio e pensa, provavelmente, em Lurdes Pintasilgo; Pinto Balsemão, sempre bem disposto e verdadeiro «public relations», sorri para a oposição

Págs. 7 e 8

Comunicação Social Governo leva à demissão de Daniel Amaral

O Governo AD prossegue a ofensiva contra os órgãos de Comunicação Social. As últimas decisões sobre o regresso dos antigos gestores da EPNC levaram à demissão de Daniel Amaral.

Pág. 2

Encontro Nacional da CGTP

Lazer também ocupa trabalhadores



Com a participação activa de largas dezenas de representantes de organizações sindicais e de empresa, decorre até ao fim da tarde em Lisboa um Seminário Sindical Nacional dos Tempos Livres, iniciativa da CGTP-Intersindical Nacional que tem em vista traçar as principais linhas de acção do Movimento Sindical no domínio das actividades de lazer dos trabalhadores (cultura, desporto, turismo social).

Pág. 10

HOJE
NO "DL"

sete
PONTO
sete



COMUNICAÇÃO SOCIAL

Conselho de Imprensa efectua encontro sobre defesa da liberdade de expressão

● Presentes Grã-Bretanha, Suécia, Holanda e Itália

O Conselho de Imprensa vai promover a realização em 29 de Fevereiro e 1 de Março do ano em curso, de um encontro em que se tratará o tema «Os Conselhos de Imprensa e a Defesa da Liberdade de Expressão».

Para este encontro foram convidados o «Press Council» (Grã-Bretanha), o «Allmänhetens Pressombudsmän» (Suécia), o «Raad Voor de Journalistiek» (Holanda) e a «Ordine dei Giornalisti» (Itália) que já confirmaram a sua presença. Estas organizações correspondem ao nosso CI.

O Conselho de Imprensa, no seu plenário de 7 de Janeiro, deliberou convidar todos os membros do Conselho a apresentarem comunicações com uma duração de 10 a 15 minutos no máximo.

A ordem de trabalhos do Encontro é a seguinte:

Introdução (as origens, as estruturas, o financiamento e o âmbito do Conselho de Imprensa); **Conselhos de Imprensa, liberdade de expressão do pensamento e independência em relação ao poder político-económico** (concentração monopolista, publicidade e limites à liberdade de expressão, e limitações da liberdade de expressão pelo poder político); **Ação dos Conselhos de Imprensa em relação aos deveres deontológicos e profissionais e a missão social dos jornalistas e dos órgãos de comunicação social** (queixas, divulgação das decisões, direito de resposta, autodisciplina dos órgãos de informação e dos jornalistas, contribuição para a definição de um código ético-profissional, possibilidade de aplicação de sanções e formação profissional); **Contribuição dos Conselhos de Imprensa para o estabelecimento de uma nova ordem de informação** (fluxo da informação Norte-Sul, e fluxo da informação Este-Oeste).

Neste último ponto, encontra-se também incluído o direito de expressão dos imigrantes e outras minorias.

Sindicato dos Jornalistas já habilitado a passar Carteira Profissional

O Sindicato dos Jornalistas, dando cumprimento ao Decreto-Lei 513/79 de 24 de Dezembro, que aprovou o Regulamento da Carteira Profissional, encontra-se já habilitado a passar aos sócios o respectivo título profissional.

Assim, e segundo comunicado à classe, para obtenção da Carteira Profissional, todos os jornalistas não estagiários que exerçam a profissão devem, no prazo de 30 dias (contado a partir de 25 de Dezembro passado) entregar no Sindicato os elementos necessários legalmente previstos: Bilhete de identidade ou certidão de nascimento; três fotografias recentes tipo passe; certificado do Registo Criminal; declaração de que não se encontra em qualquer das situações de incompatibilidade previstas no artigo 3 do Estatuto do Jornalista; documento comprovativo de que exerce a profissão, passado pela entidade patronal, com indicação de categoria ou funções; declaração de respeito pelos deveres deontológicos da profissão; e declaração de que não é titular de Carteira Profissional válida, caduca, suspensa ou apreendida.

As declarações constam de fórmulas já existentes nos serviços do sindicato.

SJ critica delongas que levaram à morte de Fernando Madureira

A morte do jornalista Fernando Madureira torna «dolorosamente evidente» os efeitos da «indefinição», se não irresponsabilidade, governamental face ao futuro da empresa do sector da Informação.

Nestes termos se refere ao suicídio daquele associado o Sindicato dos Jornalistas, censurando «quantos têm desprezado ou ignorado os direitos dos trabalhadores» da Comunicação Social.

«O desprezo pelos mais elementares direitos, como a recusa de um posto de trabalho, favorecem actos de desespero», sublinha o Sindicato em comunicado ao recordar as delongas no pagamento dos salários em atraso aos trabalhadores de «O Século», de que Fernando Madureira era redactor, e do «Jornal do Comércio».

Daniel Amaral pediu demissão

O secretário de Estado da Comunicação Social, Carlos Sousa e Brito, recebeu Daniel Amaral, presidente do Conselho de Gerência da Empresa Pública dos jornais «Notícias» e «Capital», que lhe apresentou o seu pedido de exoneração das funções que vem desempenhando.

O secretário de Estado irá agora submeter o pedido ao Conselho de Ministros.

Rectificação

Na notícia ontem inserta no «DL», intitulada «Gestores voltam ao Conselho de Gerência da EP «Notícias/Capital», uma grafia alterou o que pretendíamos dizer quanto aos referidos gestores. Assim, onde se lê «ali colocados pelos Governos Mota Pinto», etc., deve ler-se «ali confirmados pelo Governo Mota Pinto», etc.

Casa da Imprensa cria comissão de "apoio e dinamização"

A Direcção da Casa da Imprensa criou uma comissão de «dinamização e apoio» composta por um associado representando cada órgão da Informação.

Na opinião da actual Direcção da Casa da Imprensa, presidida pelo jornalista Rodrigo Pinto, a criação da comissão constitui a única possibilidade de concretizar alguns dos antigos projectos desta associação de jornalistas.

Entre estes projectos salienta-se a construção da Casa de Repouso dos Jornalistas e o propósito de instalar um restaurante-bar e uma sala de exposições no quinto andar do edifício pertencente à Casa da Imprensa.

A Casa da Imprensa conta actualmente com trezentos associados e vive com enormes dificuldades para fazer face às despesas de assistência médica dos associados e familiares e manutenção da pensão de viuvez às mulheres dos jornalistas.

PARA 'FACILITAR SOLUÇÕES'?

Alegre, Gama, e Tito de Moraes demitem-se do Secretariado do PS

Manuel Alegre, Jaime Gama e Tito de Moraes demitiram-se ontem do Secretariado Nacional do PS.

Os três dirigentes demissionários são geralmente considerados ao nível da Imprensa, como pertencentes ao grupo dos «históricos», designação que se aplica aos fundadores do partido.

A notícia destas demissões é da ANOP, citando fontes socialistas, segundo as quais se tratava de «facilitar soluções» para a crise por que o PS passa actualmente, sobretudo depois das eleições de Dezembro último.

Constou também — ontem à tarde, nos bastidores da Assembleia da República, por exemplo — que outra demissão no PS seria Vítor Constâncio. O próprio, no entanto, instado pela Imprensa, recusou-se a confirmar ou desmentir, sequer a falar no assunto.

No próximo fim-de-semana, o PS reúne no Porto a sua Comissão Nacional. A reunião é considerada decisiva para o futuro do partido nos tempos mais próximos, em função das exigências táticas e estratégicas que se lhe põem e, principalmente por causa das questões internas com que a organização presentemente se debate e de cuja clarificação depende muito a linha a seguir na presente situação política.

AINDA QUE SEM A "CONFIANÇA" do VI

Lurdes Pinasilgo regressa à UNESCO?

«Um embaixador político carece de confiança do Estado, e só pode sê-lo, portanto, na exacta medida em que a tenha, em particular do Governo, não devendo sê-lo se a não tiver» — afirmou ontem à ANOP o secretário de Estado adjunto do vice-primeiro-ministro, Ribeiro e Castro, a propósito do «caso» de Maria de Lurdes Pintasilgo.

A chefe do V Governo, que é embaixadora na UNESCO, regressaria às suas funções neste organismo da ONU logo após terem cessado as funções do seu Executivo, mas o novo responsável pela diplomacia portuguesa ao nível de Governo, Freitas do Amaral, através do secretário-geral do MNE, Caldeira Coelho, instruiu-a no sentido de que não regressasse a Paris, por enquanto. E Lurdes Pintasilgo tem estado «detida» em Lisboa. A Imprensa vem falando algo compreensivelmente, de «saneamento» e «caça às bruxas», a propósito.

Ribeiro e Castro diz que «repudia veementemente» tais termos e quem a eles recorre para falar da situação. E adianta que, em breve, a ex-primeira-ministra será recebida pelo actual vice-primeiro-ministro e titular do

MNE, o líder do CDS, Diogo Freitas do Amaral. Então a situação será «esclarecida» — disse.

Para o adjunto de Freitas do Amaral, a questão é «óbvia, simples, transparente» e falar de «caça às bruxas» ou «saneamento» é «acusação, especulação e linguagem que apenas se compreende por provir justamente de quem se caracterizou por promover constantes caças às bruxas em Portugal e por ter lançado até, no vocabulário político, essa palavra sinistra que é «saneamento».

Entretanto, Maria de Lurdes Pintasilgo deverá ser chamada

às Necessidades na próxima segunda-feira, para um encontro com Freitas do Amaral. E, ao contrário do que chegou a admitir-se — e seria pretensão generalizada entre as cúpulas da AD, não estará decididamente em causa a sua permanência à frente da delegação portuguesa na Unesco.

Lurdes Pintasilgo poderá voltar a estas funções dentro em breve, ultrapassando-se assim uma situação de extrema delicadeza, principalmente no tocante às relações entre o actual Governo e o Presidente da República.

VASCO PULIDO VALENTE NA SEC :

“Não vim para fazer relações públicas com a comunidade cultural”

«Não vim para aqui para fazer relações públicas com a comunidade cultural portuguesa, seja ela AD ou outra coisa» — afirmou à ANOP o novo secretário de Estado da Cultura, Vasco Pulido

Valente, ontem, no primeiro dia que trabalhou no seu gabinete da Avenida da República. «Vim cumprir objectivos» — acrescentou.

Segundo Pulido Valente, o VI

COORDENADOR DA CP DA AD

Lucas Pires aceita funções

(mas aguarda condições para poder desempenhá-las)

Na sequência dum encontro tido pela manhã com o Primeiro-Ministro, Sá Carneiro, o deputado Lucas Pires, do CDS, declarou aos jornalistas, ontem à tarde, que tinha aceite as funções de coordenador da comissão permanente da Aliança Democrática.

A declaração foi feita em S. Bento sob a forma de comunicação por escrito, que o próprio Lucas Pires leu, antes de a distribuir. O deputado centrista esclareceu ainda que não vai, por enquanto, desempenhar as funções que aceitou: aguarda, para isso, que seja aprovado, no âmbito da AD, um protocolo sobre a composição, funcionamento e competência da comissão permanente.

Uma vez no exercício das funções de coordenador da comissão, Lucas Pires procurará — disse — assegurar funções de ligação entre os vários sectores da Aliança. «Na Assembleia da República intervierei e responderei em princípio como deputado e dirigente do CDS, sem embargo

da contribuição que possa dar à formação da vontade da maioria no Parlamento» — diz ainda Lucas Pires, na sua declaração.

João Versteeg, consul-geral na Rodésia

É João Versteeg e parte para Salisbury a semana que vem o primeiro cônsul-geral de Portugal na Rodésia-Zimbábue.

A nomeação foi ontem publicada em suplemento ao «Diário da República», ao mesmo tempo que divulgada pelo MNE, e inseriu-se na movimentação diplomática internacional em relação à Rodésia desencadeada pelo levantamento das sanções impostas à antiga colónia britânica pelo Conselho de Segurança da ONU.

A cessação dos efeitos das sanções conta a partir de 21 de Dezembro de 79.

Governo, em matéria de cultura, concederá «prioridade absoluta» à «defesa do património, no sentido mais amplo». «A animação e vivificação daquilo que existe, desde os museus, aonde ninguém vai, até aos palácios, que estão fechados, aos monumentos que ninguém conhece, será a principal preocupação. As outras actividades, de teatro, cinema ou música, organizar-se-ão em torno disso» — palavras do novo titular da SEC.

Para Pulido Valente, há uma parte da política cultural que «não é contenciosa»: trata-se do que diz respeito à preservação e divulgação daquilo que pertence a todos. «Enquanto houver clássicos portugueses por publicar, não descansarei» — disse. E a propósito, lembrou que, dois

anos depois do centenário de Alexandre Herculano, a sua «História de Portugal» ainda não se encontra à venda.

«A única maneira concebível de se comemorar centenários é publicar as obras dos autores que se pretende homenagear — pensa Pulido Valente. — A política cultural do Governo reger-se-á por dois únicos critérios: a efectiva acção cultural das iniciativas que se tomarem ou apoiarem e a qualidade destas iniciativas. Ninguém será protegido ou perseguido pelas suas ideias políticas».

Vasco Pulido Valente, além de secretário de Estado da Cultura, é secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro, Francisco Sá Carneiro.

ATENTADO CONTRA O EMBAIXADOR DE ISRAEL

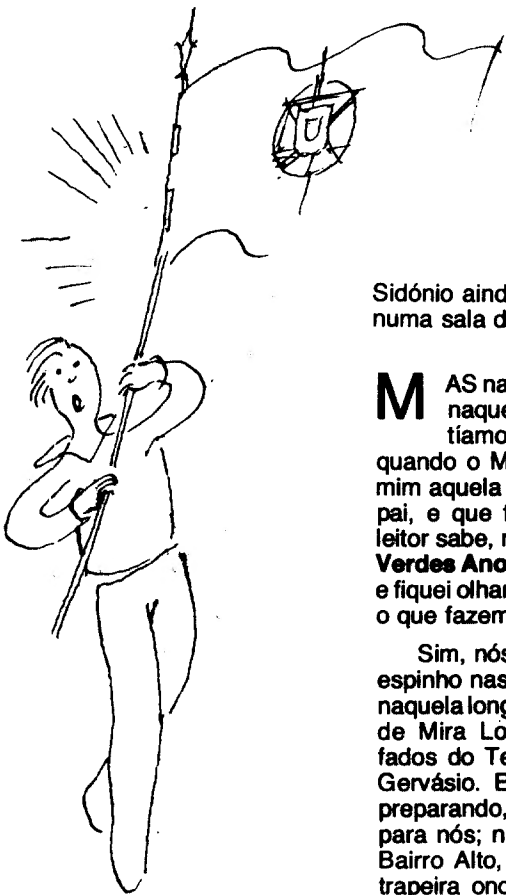
Governo francês desmente prisão de suspeito

A Polícia francesa não prendeu nem interrogou o presumível autor do atentado contra o embaixador de Israel, segundo revelou em Paris uma fonte do Ministério do Interior, na sequência de uma notícia publicada na sexta-feira pelo diário de Tel Aviv «Yedioth Ahronoth», segundo a qual o referido indivíduo, «portador de um passaporte libio», fora detido na região parisiense, interrogado e libertado dias depois.

O mesmo jornal acrescenta que o suspeito teria sido visto pela última vez na região de Nice, de onde desaparecera subitamente há dois anos.

Entretanto a Polícia de Nice desmente ter tido qualquer conhecimento desse desaparecimento pois se o homem tivesse abandonado subitamente o hotel deixaria objectos de uso pessoal e a Polícia seria avisada.

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910



CAPÍTULO 15.º

ARMAS

PARA O POVO

A GORA nós estávamos alegres e felizes. Isto porque nos sentíamos livres daquela nuvem negra do sidonismo, que, no entanto, durara nada menos de um ano e nove dias. Mas na madrugada que veio após a morte do Sidónio não deixávamos de estar perplexos. Todos nós éramos nados e criados nos invernos frios e chuvosos de Lisboa. Durante esse ano tínhamos defendido princípios que nos pareciam representar a lógica e o racionalismo. E estávamos na nossa cidade. Por isto, alguns de nós, nunca tinham visto com bons olhos a inclusão no nosso grupo do forasteiro que nos batera à porta por saber das nossas múltiplas, mas pequenas aventuras. A título de discípulo, é certo, o aceitámos, a rir, dando-lhe o nome de Zé de Garvão. Mas já começara a cansar-nos quando ele, mesmo sem pretexto, exibiu um fanatismo de inquiridor. Um exibicionismo gritantemente ofensivo. O nome de Zé de Garvão era José Júlio da Costa.

P ORÉM, agora, com ele preso, tínhamos passado a vê-lo sem máscara, pois muitas vezes nos dissera: — Ando com vocês para conhecer os segredos das ruas de Lisboa.

E perguntava: — Em Lisboa quais são as ruas que acabam em becos sem saída? O meu sangue, amigos, é árabe. Olhem, eu ando com vocês para conhecer as ruas que me podem levar à morte...

— Que morte?

— É simples. Um homem que sabe do seu destino não pode perder-se nos labirintos da vida. E Lisboa é um labirinto de vielas. Por exemplo, em São Bento, qual é o caminho mais rápido que devo seguir para escapar de uma perseguição? E estando no Terreiro do Paço? E no Palácio de Belém? E na estação do Rossio?

P ORÉM, depois dele ter assassinado Sidónio, nós compreendíamos que, mantendo, procurara apenas satisfazer o seu doentio desejo de eternidade, e celebridade: via-se como um herói na certeza de ser admirado pelo povo...

— Mas que povo? Dizíamos nós, agora, quando o cadáver de

Sidónio ainda estava sem destino numa sala do Palácio de Belém?

M AS na verdade, eu creio que, naquela hora, nós nos sentíamos desamparados. Foi quando o Marcelo estendeu para mim aquela carta que recebera do pai, e que foi publicada, como o leitor sabe, no 13.º capítulo dos **Verdes Anos**. — Lê, disse-me. Eu li e fiquei olhando para ele: — E agora o que fazemos?

Sim, nós estávamos com esse espinho nas nossas consciências, naquela longa madrugada, na casa de Mira Lopes, a cantadeira de fados do Teatro Apolo, amiga de Gervásio. Ela estava na cozinha preparando, mais uma vez, café para nós; num segundo andar do Bairro Alto, nos desvãos de uma trapeira onde em janelas de guilhotina sucumbiam ao frio sardineiras e rosas pálidas. Por minha vez dei a carta a ler a Gervásio.

— E agora, perguntei: — Como vamos justificar-nos?

E ele, sentado na ponta de um

Chianca de Garça

deira da Cruz de Cristo que ligava o clero ao grupo do integralismo lusitano; e a bandeira negra de Teófilo Duarte, essa, em pura sublimação sentimental. Quatro bandeiras. Mas todas elas, em passo de carga, contra a bandeira verde rubra da República Portuguesa, a ser defendida, de serra em serra, de rio em rio, por soldados, marinheiros e civis...

A NTES, porém, em Lisboa, essas quatro bandeiras insubmissas, precisavam tapar o buraco que se abria, à face das leis, por falta de um Presidente, ou de um Rei, sendo que esta segunda hipótese, só seria viável se Sidónio continuasse vivo. Mas com ele morto o que poderia fazer-se era escolher um Presidente com todas as certezas de que seria apenas provisório. Os monárquicos chegaram mesmo a aconselhar o seu próprio chefe, Aires de

galerias quando vimos Canto e Castro subir, pálido e trémulo, as escadas da presidência, para, lá em cima, rabiscar seu nome numa folha de papel, e sussurrar quatro palavras, correspondidas por outras quatro. Então, franzindo os olhos, por certo miópes, olhou para baixo, e como um militar alemão ao render-se ao inimigo, esperou: Foi aí que se escutou uma salva de palmas, que, conscientemente, não posso dizer que fosse calorosa. A nosso lado alguém dizia: — **Consumatum est**. — Descemos, Mas nem tudo estava findo. Agora ele teria de ir à varanda, como fizera um ano antes Sidónio Pais, quando fora apoteoticamente aclamado pela multidão.

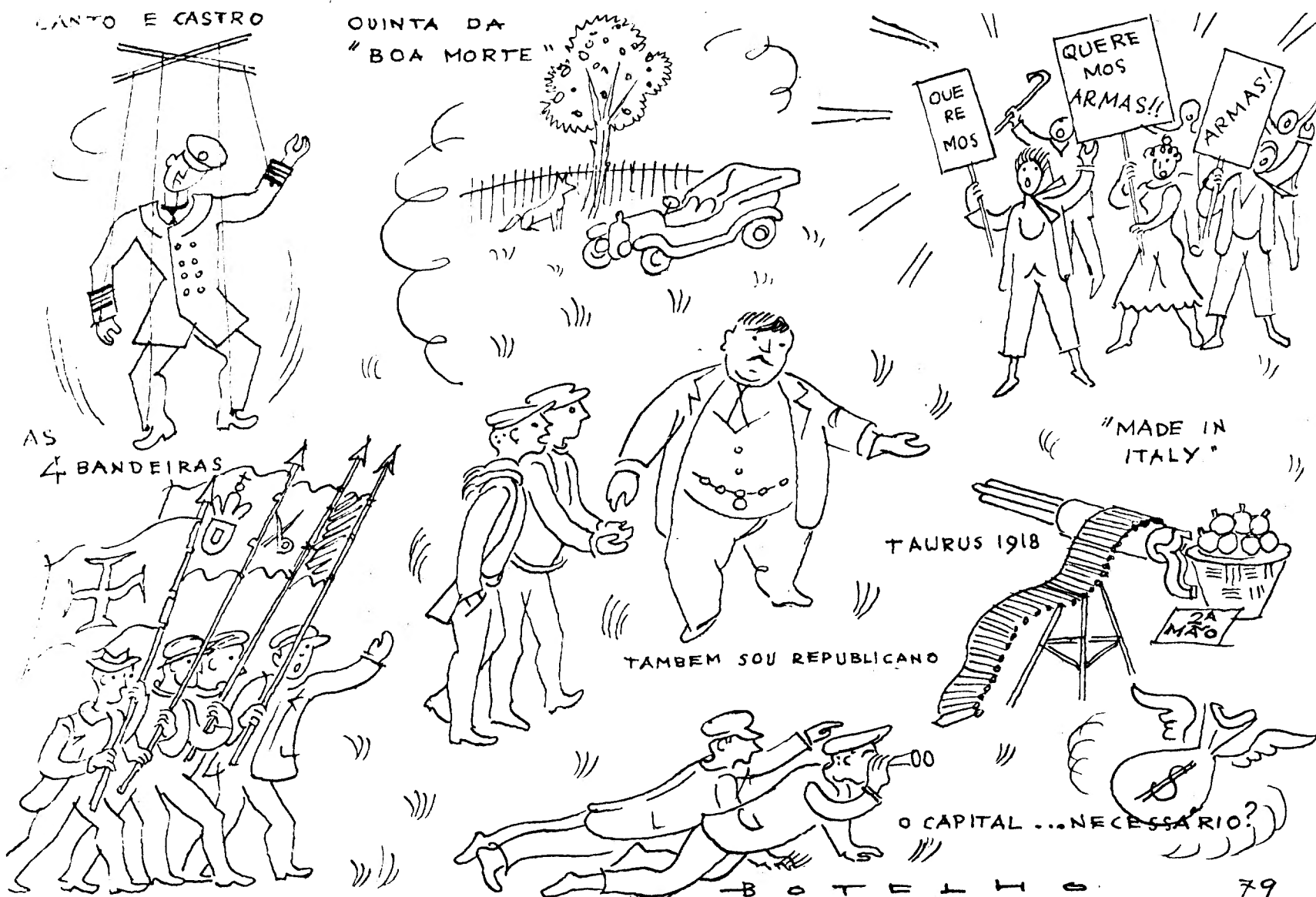
— Vamos, almirante, disse não sei quem.

— Para onde?

— Vossa Excelsa, agora, vai ser apresentado ao povo.

— Ao povo? Para quê? Ninguém me conhece. E estou cansado de estar aqui há cinco horas, à espera de nada. Vamos, depressa, pois

grupo 14 de Maio, não éramos um caso único. Não. Na Lisboa dos anos 13, 14 e 15, existiam dezenas de grupos semelhantes, onde era adorada uma só e única deusa: — a República. Ela era, para nós, um novo jogo infantil. A minha participação num desses grupos surgiu quando o acaso chamou por mim na Rua Garrett, episódio já contado nestes **Verdes Anos**. E se, hoje, posso fazer, em prosa, o que Carlos Botelho traça, aqui, nos seus **Cartões** cheios de graça procuradamente ingénua, é porque, ao escrever este folhetim da nossa juventude, consegui rearticular personagens que conviveram comigo, num grande conjunto, — verdadeiro painel daquilo que era Lisboa nos primeiros anos da República. Nada é inventado. Nada é ficção, tudo é reproduzido, daqui e dali, pequenos farrapos coloridos, com palavras e factos da minha memória. E dos meus olhos que viram nascer nas ruas de Lisboa, em 5 de Outubro, a República de 1910. E isso ninguém me pode negar.



sofá, batendo nas cordas da guitarra de Mira, um desafinado perurum, cantarolou assim:

**Mas agora, meu amigo,
já sabemos, já sabemos,
Que o que tem... de ser...
tem muita força!**

I AMOS entrar agora num ano terrível, — o de 1918, em que, de norte a sul, quatro bandeiras, agitando-se ao vento, ao sol e à chuva, iriam dividir os portugueses entre si. Quatro bandeiras. Quatro guerras civis. Todas simultâneas. A bandeira repetitiva dos monárquicos; a bandeira suicida dos sidonistas, temerosos de que escapasse o Poder que, por milagre, lhes tinha caído nas mãos; a ban-

Ornelas, que aceitaria desde que fosse com espírito de sacrifício. Mas como isso provocasse risos, os sidonistas, no seu culto pelas fardas, lembraram que devia ser escolhido para Presidente o decano das Forças Armadas, com o que logo todos concordaram. E foi assim que, de um dia para o outro, elegeram o velho almirante Canto e Castro. Tinham razão. Não era peixe, nem carne.

A O saberem disto, os rapazes do grupo 14 de Maio, pois já não eram mais meninos, correram para São Bento para assistir ao acto solene da posse, na qual, diga-se de passagem, não chegou a existir a menor solenidade... E já estávamos instalados nas

estou com sono e quero ir para casa

A BRIRAM-SE as janelas. Lá fora uma névoa fria e fina vinha do alto. A praia, porém, estava completamente deserta. E agora? Então meia dúzia de empregados, cheios de boa vontade, desceram, correndo, e apareceram na rua aplaudindo e dando vivas. Tinham-se apiedado do velho almirante. E, por toda a cidade, Lisboa dormia...

Mas não, não dormia. Estava de vigília republicana. Como sempre. Lisboa sabia que tinha de dar a última palavra.

U M facto importante preciso contar: — Nós, do pequeno

M AS um facto extraordinário estava acontecendo. Quanto mais os adversários apertavam o cerco contra a República, mais jovens, em Lisboa, levavam a sua adesão não só ao grupo 14 de Maio, mas a todos aqueles que, valiantes, queriam pegar em armas. E tivemos que reconhecer as nossas dificuldades. As portas dos quartéis que, outrora, sempre nos ajudavam, estavam agora em mãos de monárquicos ou de sidonistas. E até em Alcântara, no quartel dos marinheiros, não mais contávamos com a mesma generosa solidariedade. E em nossa volta repetia-se o grito que nos desesperava:

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910

Continuação da pág. 3

— Queremos armas! Queremos armas!

A Té que um dia Gervásio falou assim para mim: — Sabes, pá. Se não arranjam armas, temos de lutar com bombas.

— Mas onde descobrir quem as forneça para nós? Os especialistas estão todos presos...

Foi aí que, de repente, tive uma iluminação, e gritei: — Escuta. Eu conheci na Boa Hora um sujeito que fabrica bombas. E sei onde ele morava. Querem vocês ir até lá? — Fomos. No número 13, da Rua das Cebolas, subimos ao terceiro andar.

— O quê? Não. O senhor Eustáquio Fagundes já não mora aqui. Onde? Creio que numa quinta, nos Olivais, chamada da Boa Morte.

Descemos. Olhei para Gervásio e disse-lhe: — Olivais? Quinta da Boa Morte? Então isso é contigo. Não és tu um detective experimentado? Leva-nos à Quinta da Boa Morte...

E lá chegámos na manhã seguinte. Tinha sido talvez uma casa de recreio em velhos tempos. No meio de árvores. Separada da estrada por um muro, um portão de três portas e dois cachorros alemães. Mas com o barulho que sempre fazia aquele nosso velho automóvel, vi aparecer, no alto de um terraço, um sujeito, no qual, não sei como, apesar de mais gordo e com o ar tranquilo de um burguês enriquecido, reconheci Eustáquio Fagundes (personagem do 1.º capítulo destes Verdes Anos). E vim-lo aproximar-se lentamente até junto de nós.

— Eu sou aquele rapaz a quem o senhor, em 1914, convidou para trabalhar no seu negócio de fazer bombas...

— Bombas? Mas onde isso já vai, meus amigos. Meu negócio agora é outro. Represento uma firma de Turim, especialista em armas de fogo. Agora só vendo novidade é um Taurus, 1918, último modelo, made in Italy. Será disso que vocês precisam? Mas ainda ontem vendi com para o Teófilo Duarte. Duzentos e cinquenta para gente do Governo. Trezentos foram para o Porto, comprados pelos monárquicos. Só sobram agora cento e trinta. É atrás disso que vocês vêm?

— É. Mas nós queríamos saber as suas condições e o prazo de entrega de material.

— Dêem-me garantias, ou tragam um flador. Vocês de que lado estão?

— Nós somos republicanos. Da República do 14 de Maio.

— Bem... Sabem? E falou, falou, falou... Se amanhã, cedo, trouxermos o dinheiro que acabo de pedir, levam as armas, e as munições que desejarem. Eu também sou republicano...

E saímos disfarçando o nosso desânimo. Mas onde iríamos arranjar o capital necessário? Onde? Onde? Foi aí que o Marcelo parou o carro e disse para nós, pondo-se de pé: — Rapazes, o meu pai chegou ontem de Paris. Já conversei com ele. Por isso não tenham medo. Agora, dinheiro para defender a República não nos vai faltar. — E voltámos para a cidade gritando ao vento: — Viva a República! Viva! Viva!

Fim do 15.º capítulo

A seguir: — 16.º capítulo O PAI E A FILHA

Gestão de Braga — três vereadores a tempo inteiro

A nova gestão camarária de Braga aprovou a permanência, a tempo inteiro, de três vereadores.

Carlos Alves, António Martins e Nuno Cunha foram escolhidos para chefear, respectivamente, os sectores de Cultura, Serviços

Municipalizados e Mercados e Feiras.

A Câmara deliberou também conceder à Associação Académica da Universidade do Minho um subsídio de oitenta contos para a realização da III Semana Cultural, hoje, aliás, iniciada.

PODER LOCAL

Associação dos Municípios da Área do Porto anunciada pelo presidente da edilidade

O novo presidente da Câmara Municipal do Porto, Alfredo de Magalhães, ao tomar posse, afirmou-se confiante em que «os vereadores vão abdicar, na administração autárquica, de aspectos de política partidária», a fim de servir os interesses da comunidade.

Alfredo de Magalhães afirmou que «a democracia autêntica só pode viver em regimes de liberdade e justiça, mas liberdade responsável e justiça ministrada com base em leis que tenham o consenso da maioria dos cidadãos».

Preconizou a concretização, «com prontidão», da Associação dos Municípios da Área Metropolitana do Porto, «que se impõe

como indispensável para que seja possível resolver muitos dos problemas e carências».

O novo presidente esboçou um plano de acção e garantiu que a orientação da nova Câmara será no sentido de dar «resposta pronta e imediata a angustiantes carências que afligem muitos dos nossos conterrâneos».

Por sua vez, o presidente cessante, Aureliano Veloso, fez votos para que «os responsáveis pela manutenção da nossa jovem democracia conduzam os seus actos com ponderação, clareza, isenção e honestidade», por forma a que «os cidadãos que querem permanecer livres não se vejam frustrados, ludi-

briados» e levados «a aceitar, como mal necessário, uma qualquer ditadura».

A encerrar a sessão, o antigo presidente da Assembleia Municipal, António Macedo, enalteceu o trabalho desenvolvido pelo Executivo cessante, que reputa de «notável» e que «não foi obra de fachada». E disse ainda que «sem democracia nas autarquias, não há democracia em Portugal».

Por sua vez, o novo presidente da Assembleia Municipal do Porto, Almeida e Silva, afirmou no acto de posse, que é tempo de abandonar as «ilusórias vantagens partidárias».

«Devemos dedicar-nos à cidade onde ainda há miséria e fome», acrescentou.

Reunião em Coimbra dos eleitos pela APU no distrito

Os membros da APU eleitos para as autarquias locais do distrito de Coimbra reúnem-se, esta tarde, no Anfiteatro de Química da Faculdade de Ciências para discutir as linhas do trabalho a desenvolver naqueles órgãos do Poder Local.

Luis de Sá, militante do PCP e membro da Comissão Coordenadora Nacional da APU, participa na referida reunião.

Carlos Costa, do Secretariado do Comité Central do PCP, dará, ao fim da tarde, uma conferência de imprensa.

Palmela: instalada Câmara e Assembleia

Foram ontem instaladas a Câmara e a Assembleia Municipais de Palmela, da presidência, respectivamente, de Edgar Costa e Carlos Pezinho.

A edilidade é constituída por cinco elementos da APU, um do PS e um outro do PSD.

Por sua vez, a AM é composta por 21 eleitos da APU, 7 do PS, 6 do PSD e 1 da UDP.

Festas de Sobral de Monte Agraço começam hoje

De hoje até ao dia 15 efectuar-se-á, em Sobral de Monte Agraço, as tradicionais festas da localidade.

O programa compreende hoje a estrutura de uma quermesse, uma actuação do rancho folclórico «Os camponeses da aldeia de Martin Afonso» e um baile à noite. Amanhã continua o baile, segunda-feira sobre a cena a peça «Cozido à portuguesa» e, no dia seguinte, missa em honra de Santo Amaro.

SAÚDE

Seminário Internacional sobre Integração de Deficientes

O seminário internacional sobre a integração de crianças e jovens deficientes termina hoje os seus trabalhos.

Este seminário, organizado pela Direcção-Geral do Ensino Básico, em colaboração com a OCDE, contou com a participação de médicos, psicólogos, pedagogos e professores portugueses, além de especialistas daquela organização internacional.

Há longos anos que os técnicos da OCDE estão interessados no problema dos deficientes e sua integração na sociedade e na escola.

A oportunidade de confrontar os seus conhecimentos e experiência com os técnicos portugueses surgiu quando o ex-ministro Veiga da Cunha acompanhou a Paris o Presidente Ramalho Eanes.

Em Portugal existem cerca de

60 mil crianças deficientes, 40 mil das quais, são deficientes mentais.

Este seminário ocupou-se apenas dos deficientes visuais, auditivos e motores, uma vez que «O estágio de abordagem deste problema em Portugal não permite ir mais além», segundo declarou à ANOP Ana Maria Bernard da Costa, chefe de divisão do Ensino Especial.

Contudo, nos países da OCDE trabalha-se já na integração dos deficientes mentais no ensino normal.

Tratando-se de um problema interdisciplinar, o seminário sobre integração de crianças e jovens deficientes, contou ainda com representantes dos Ministérios da Educação, do Trabalho e Saúde, bem como da Direcção-Geral da Saúde e Direcção-Geral dos Hospitais.

Os grupos de trabalho

debruçaram-se sobre outros temas. O primeiro versou sobre observação, diagnóstico, orientação médico-psico-pedagógica e problemas de ligação das estruturas de saúde e educação.

O segundo focou o problema da integração da criança deficiente «até aos seis anos» na família e no jardim de infância, educação de pais e formação de educadores.

O terceiro grupo ocupou-se dos deficientes em idade escolar (Primário, Preparatório e Secundário), ligação das estruturas de ensino especial com o ensino normal, formação de professores e preparação da família.

Finalmente, o quarto grupo trabalhou o problema da inserção social dos adolescentes deficientes e sua formação profissional.

SELOS
COMPRA - VENDE
NAS MELHORES CONDIÇÕES
A. RAPOSO

FILATELIA

RUA S. NICOLAU, 26-4.º — 1100 LISBOA
TEL. 370789

PREÇÁRIO EM DISTRIBUIÇÃO CONTRA O ENVIO DE 10\$00 EM SELOS DE CORREIO

ESPERANÇA-CABELEIREIRA

Comunica às suas Exas. Clientes que se encontra a trabalhar no SALÃO VIA ROMA — Av. de Roma, 48-1.º — Tel. 89 49 19 — Lisboa.



Electricidade de Portugal, EDP
/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 13 de Janeiro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Mesquinho, Silvina, Vale Rosal, Medos de Baixo, Golfe, Foros e Ramos, das 08.00 às 11.00 horas.

CONCELHO DO SEIXAL: Desportivo, Boieiro, Gimno e Rústico, das 08.00 às 11.00 horas.

CONCELHO DE SETÚBAL: Praias do Sado, das 08.30 às 13.00 horas.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1979

Electricidade de Portugal, E.P.
Zona de distribuição Setúbal

Manuel Fernandes Camacho



REINALDO JORGE VITAL RODRIGUES

ENGENHEIRO AGRÓNOMO

Na impossibilidade de fazê-lo pessoalmente a família, vem, por este meio agradecer a todos aqueles que a acompanharam na sua dor e participar que no dia 28 do corrente às 19 horas será celebrada missa por sua alma na Igreja de S. João de Deus.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE

A partir de 1 de Janeiro de 1980, se você vender o seu veículo, o respectivo seguro cessa às 24 horas desse dia.

O comprador desse veículo terá de fazer o seguro de forma a mostrar-se válido a partir do momento em que você lho vendeu.



ERGIO SAMPAIO

SALDA

TODOS OS ARTIGOS DE OUTONO-INVERNO
PARA HOMEM E SENHORA

BOUTIQUE — AV. DA REPÚBLICA, 11A • LISBOA

TELEF. 843838

ENSINO

SETUBAL

Na Escola Técnica voltou a "Internacional"

Durante a campanha eleitoral um grupo de gente nova ligada à AD não esteve com meias medidas: venceu a direita em todas as votações até hoje verificadas após o 25 de Abril na Escola Industrial e Comercial de Setúbal, a sua verdadeira imagem pública revelou-se-lhe pelo assalto às instalações da sala de rádio da Associação de Estudantes desta escola com o objectivo (conseguido) de roubar a aparelhagem sonora. Havia, porém, outros fílos. Um deles consistia em impedir — por métodos desta natureza — que os estudantes em serviço na sala de rádio tocassem música revolucionária e principalmente a «Internacional».

Vale a pena explicar melhor as coisas.

TRADIÇÃO

Estabeleceu-se a seguir ao 25 de Abril uma tradição entre os jovens estudantes da Escola Técnica, designadamente entre os responsáveis da rádio. Transmitir, na abertura da pequena «estação», o hino de todos os trabalhadores do mundo, a «Internacional». A cidade acostumara-se já: cerca das oito e quinze da manhã e seis da tarde, ecoava um pouco por toda uma certa zona da cidade — onde chegava o fôlego das «cornetas» instaladas em certos locais da escola a canção que glorifica os «famélicos da

Terra» e denuncia que «ao rico tudo é permitido». O hino tocava, pois, durante a abertura e fecho da Rádio dos Estudantes.

Em todos os intervalos, (de dez minutos, e entre cada aula) eram transmitidas músicas de teor variado — jazz, Zeca Afonso, Godinho, Barata Moura, rock, havia de tudo um pouco, não faltando a transmissão de programas com texto e locução realizados por variados grupos de estudantes.

ESQUERDA

Faltavam, evidentemente, vivas a Salazar e palavrão fascista. É que a escola técnica

tem votado, para todos os seus órgãos sindicais e de gestão, à esquerda. A actual Direcção da Associação de Estudantes é constituída por muitos jovens independentes, embora tenham a colaboração de militantes da UEC. Mais: é uma escola onde nunca se verificou qualquer acto de violência, seja no dia-a-dia escolar, seja mesmo durante as campanhas eleitorais internas ou de âmbito nacional, que ali são vivamente «disputadas».

ROUBO

Pois bem: a rapaziada da AD ameaçou, agora que o Poder lhes não é estranho. Diziam: «ou acabam com a Internacional ou nós acabamos com isso de vez». E assim foi. Vieram pela calada da noite e não deixaram coisa que se visse. Amplificadores, discos, colunas, microfones, foi um ai que lhes deu. O velho silêncio do terror, que imperou na escola técnica em tempos não muito remotos, voltava, para gozo dos papás saudosistas e gozo dos «meninos das motos».

Por pouco tempo, contudo. É que a capacidade de iniciativa e realização dos jovens que pensam por si próprios superou, na escola técnica, os desacatos que meia dúzia de rapazes executa sem convicção. Embora não tenha sido possível recuperar a aparelhagem roubada (é ainda um caso de polícia), foi porém viável obter outra mais velha, repará-la, adaptá-la e pô-la a funcionar!

Na escola técnica, voltou a «Internacional»...

INSTALAÇÕES OFERECEM PERIGO

Professores suspendem aulas numa escola técnica de Almada

Os pais dos alunos da Escola Técnica «Emídio Navarro», de Almada, reúnem-se no próximo dia 15 para decidir se a escola encerrará no dia 16.

A reunião foi convocada pelo Conselho Directivo da Escola, tendo os professores tomado já medidas no sentido de suspender as aulas a partir daquela data, devido à crescente degradação das instalações.

Em Maio de 79, foi prometido pela Secretaria de Estado da Educação que até Outubro pas-

sado seriam efectuadas obras em, pelo menos, 10 pavilhões cujas condições não permitiam, como então se reconheceu, que as aulas ali se efectuassem normalmente.

Até ao momento, no entanto, nada se fez e em reunião no passado dia 8, os professores mais uma vez concluíram pela impossibilidade de dar aulas nas actuais condições, especialmente quando chove e a luz do dia se torna insuficiente.

Alunos do Propedêutico enviam exposição a ministro

Os estudantes do Propedêutico não colocados no Ensino Superior enviaram ao ministro da Educação uma exposição solicitando a «resolução urgente» da situação.

No documento os estudantes, depois de historiar as acções já efectuadas com o objectivo de conseguir a integração no Ensino Superior, chamam a atenção para o facto de 20 por cento dos candidatos da primeira fase não terem obtido colocação.

«Esta situação origina — lê-se no texto — que os estudantes troquem as suas disciplinas do Propedêutico para evitarem as consequências de mais um ano

de inactividade, não tendo, deste modo, garantias de se realizarem profissionalmente, uma vez que não era essa a sua pretensão vocacional».

Os estudantes afirmam também terem conhecimento que em muitas Faculdades há instalações subaproveitadas não correspondendo o «numerus clausus» à capacidade real das instalações.

Refere-se também que os candidatos não colocados vêm-se rodeados de condições favoráveis à tomada de atitudes nefastas, tais como a perda de hábitos de estudo, falta de apoio

pedagógico e de convívio escolar.

EM AVEIRO TAMBÉM SE PROTESTA

Alunos do Ano Propedêutico do distrito de Aveiro enviaram uma exposição à Comissão Científica-Pedagógica do Ano Propedêutico, denunciando as deficiências do curso. Dizem os alunos que as aulas mais não são que uma repetição cansativa dos textos de apoio e que apenas servem para ocupar as horas da manhã dos que não sabem aplicar o seu tempo com utilidade.

I Encontro de Professores da Zona Centro

Principia no próximo dia 18, em Coimbra, o primeiro encontro de formação de professores da Zona Centro promovido pela Direcção-Geral da Educação Permanente através da sua Coordenadora Regional de Coimbra.

Os trabalhos, que decorrerão na Escola de Enfermagem Ângelo da Fonseca, terão como objectivo fundamental o debate das

questões relacionadas com os Planos de Trabalho dos Bolseiros e Professores. Estarão também em debate os problemas ligados ao apoio pedagógico a professores e bolseiros empenhados na alfabetização.

Participam nos trabalhos 18 representantes do Distrito de Coimbra, 6 do Distrito de Leiria e 8 dos distritos de Viseu e de Aveiro.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** está à venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes



SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

Rua da Barroca, 107-2.º - Telef. 36 38 82/32 49 02
1 294 LISBOA CODEX

REESTRUTURAÇÃO SINDICAL DO SECTOR PROPOSTA (*)

— Considerando que a actual organização sindical dos sectores de Celulose, Papel, Gráfico, Cartonagem e Imprensa, onde estamos inseridos, não corresponde ainda aos anseios dos trabalhadores e à necessidade de defesa dos seus interesses de classe, bem como às recomendações de reestruturação sindical apontadas pela I Conferência Nacional de Organização Sindical, realizada em Fevereiro de 1979, por iniciativa da CGTP-IN e pelo Encontro Nacional dos Sindicatos do sector, realizado em Junho de 1979, por iniciativa da nossa Federação;

— Considerando que a fusão do nosso Sindicato com os restantes da Zona Sul, implicados neste processo de constituição de um novo Sindicato para todos os sectores abrangidos é um passo fundamental para o reforço da unidade e da organização dos trabalhadores, que dotará a organização sindical de melhores meios para a acção sindical em todas as frentes de trabalho e luta dos trabalhadores.

Os associados do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

DECIDEM:

PONTO 1 DA ORDEM DE TRABALHOS:

1. Aprovar a fusão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes com o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins - Zona Sul, com o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel Cartonagem e Afins - Zona Centro e com o Sindicato de Trabalhadores na Imprensa, e a sua consequente dissolução, após a criação de um novo Sindicato representativo desses sectores de actividade e abrangendo os distritos constantes no Projecto de Estatutos e após a sua publicação.

PONTO 2 DA ORDEM DE TRABALHOS:

1. Aprovar na generalidade o Projecto de Estatutos do Sindicato a constituir.

PONTO 3 DA ORDEM DE TRABALHOS:

Que todo o património do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes se integre no novo Sindicato a criar resultante da presente fusão.

Lisboa, 10/1/80

A DIRECÇÃO

(*) - Rectificação à proposta enviada a todos os associados e divulgada nos seguintes jornais: «Diário de Lisboa» de 27/12/79; «o diário» de 27/12/79; «Diário de Notícias» de 29/12/79; «Diário Popular» de 29/12/79 e «A Bola» de 31/12/79: ELIMINAÇÃO DA ALÍNEA B) DO PONTO 3 DA ORDEM DE TRABALHOS.

IMPÉRIO

DALENTEJO

AÇOREANA

companhias de seguros

INFORMAMOS OS NOSSOS SEGURADOS DOS RAMOS

ACIDENTES DE TRABALHO AUTOMÓVEL INCÊNDIO

QUE OS RESPECTIVOS SERVIÇOS PASSARAM A FUNCIONAR NA

companhia de seguros **IMPÉRIO**

ACIDENTES DE TRABALHO

Travessa do Carmo, 1
Telefones * 36 29 23 e 32 82 81 - 1200 LISBOA

AUTOMÓVEL

INCÊNDIO

Av. 5 de Outubro, 125
Telefones * 73 58 12 - 1000 LISBOA



DE ONTEM PARA HOJE

Roubavam o gado de armas em punho

Foi ontem remetido ao tribunal de Montemor-o-Novo (Alentejo) um volumoso processo em que são arguidos cinco indivíduos apontados como autores à mão armada de vários furtos de gado, no valor de 2420 contos, praticados nas áreas de Montemor, Coruche, Grândola, Montijo e Benavente. Os juízes de Instrução Criminal mantiveram as capturas, tendo também sido apreendida uma viatura que servia para a prática dos crimes e que deverá ser declarada como «perdida» a favor do Estado. Outras apreensões: duas pistolas, uma espingarda caçadeira e seis armas brancas. As autoridades não revelaram, entretanto, as identidades dos detidos a fim de não prejudicarem as investigações ainda em curso».

CERÂMICA NAS CALDAS

Destinada aos diversos ramos da tecnologia do barro, da cerâmica industrial ao artesanato, dos equipamentos às matérias primas, da embalagem à exportação, terá lugar nas Caldas da Rainha, de 18 a 27 de Junho, do ano corrente, a II Feira Nacional de Cerâmica. De acordo com a entidade local, organizadora do certame e que ontem divulgou esta informação, na edição de 1979 estiveram presentes mais de cem mil visitantes, cento e cinquenta expositores nacionais e estrangeiros, tendo-se verificado um volume de vendas na ordem dos oitenta mil contos.

A BAIA DE ZACCO

A Região Autónoma da Madeira passou a contar, desde ontem, com uma nova zona turística, situada em Machico e denominada «Baia de Zacco». A decisão foi tomada entre os responsáveis da Direcção Regional de Turismo da Madeira e dos estabelecimentos hoteleiros daquela região. O nome deve-se ao facto de ter sido a baía de Machico o presumível local onde Gonçalves Zacco desembarcou pela primeira vez, em 1419.

POLÍCIA AÉREO FERIDO

O soldado da Polícia aérea José Manuel Branco Moreira, que na última quarta-feira fora atingido por arma de fogo encontra-se livre de perigo, segundo apurámos, no hospital de Santa Maria. O acidente ocorreu na Base Aérea N.º 6, no Montijo, onde lhe foram prestados os primeiros socorros, após o que foi evacuado de helicóptero para aquele estabelecimento hospitalar. Branco Moreira, de 22 anos, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, registando apenas «uma leve lesão na apófise espinhosa». O tiro atingiu o soldado na região abdominal. Um comunicado da Força Aérea ontem emitido, não especifica, no entanto, como se deu o acidente.

O QUEIJO DA SERRA

No âmbito das suas actividades de promoção socio-económicas da zona sob a sua jurisdição, o Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) promove de novo, este ano, concursos de queijo da serra, segundo foi ontem noticiado em Seia. Esta iniciativa, que visa também um melhor apuramento da qualidade daquele produto e sua comercialização, realiza-se nos próximos dias 16, 17, 18, 19 e 22, respectivamente, em Seia, Gouveia, Manteigas, Guarda e Celorico da Beira.

INSPECÇÃO DE AVIÕES

Os dois «Boeing-747» da TAP - Air Portugal, segundo foi ontem divulgado pelos Serviços de Imprensa daquela empresa pública, irão ser submetidos a uma grande inspecção técnica que importará em 220 mil contos. Este tipo de inspecção, realizada a todos os pontos da estrutura dos aparelhos é obrigatória de quatro em quatro anos de forma a garantir a segurança de voo. A primeira destas operações foi efectuada em princípios de 1976, nas oficinas da KLM, em Amsterdão, e custou 49 mil contos. Passados quatro anos, os serviços de manutenção e engenharia da TAP já se encontram em condições de proceder aos trabalhos.

UM TIRO NO MOTORISTA

Quando se encontrava estacionado junto a um talho, no lugar de Cerdeirinhos (Vieira do Minho), o motorista de um autocarro, Casimiro Araújo, de 40 anos, foi atingido por uma bala disparada por dois indivíduos, empenhados no assalto àquele estabelecimento.

SULFATO QUE MATA

A percentagem de sulfatadores de vinhas que morrem devido a cancro do pulmão é muito superior aos casos gerais verificados noutras actividades profissionais, segundo revelam os médicos Cortez Pimentel, Peixoto de Meneses e J. A. B. Cortez Pimentel, em artigo ontem publicado no «Jornal do Médico». Refere o artigo que, de acordo com o estudo, em vinte mil autópsias efectuadas se identificaram oitocentos e trinta e dois sulfatadores de vinhas como vítimas de cancro pulmonar.

OS PREÇOS DO AZEITE

Os novos preços de intervenção do azeite passam a ser superiores em três escudos aos que estavam em vigor, segundo refere uma nota ontem divulgada pelo Ministério do Comércio e Turismo. Nesta base, o Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos (IAPPO) irá adquirir azeite pelos seguintes preços: 0,5 de azeite a 97 escudos; um grau a 95 escudos; 1,5 graus a 93\$50; dois graus, 92\$50; três graus, 90\$50; e quatro graus a 88\$50. Registe-se que a revisão da anterior legislação sobre estes preços vem na sequência do que foi determinado no primeiro Conselho de Ministros do Governo Sá Carneiro de suspender todos os actos administrativos praticados pelo Executivo de Lurdes Pintasilgo.

JUSTIÇA

CASO DELGADO

E a Promotoria de Justiça continua o seu longo monólogo

Se a um leigo — quer dizer, a um homem sem toga nem ordenança — não lhe fosse permitido ter opinião sobre as coisas da justiça, impossível seria aceitar os jurados que em muitos países do mundo constituem parte importante, senão fundamental, dos actos decisórios dos tribunais. Se ao jornalista que assiste ao desenrolar de um acontecimento, hora após hora, dia após dia, lhe calessem a opinião, relegando-o para o papel de agente passivo e mero instrumento de um relato burocrático, roubar-lhe-iam uma parte importante da sua representação e do que ele pode e deve transmitir ao leitor.

Mais uma vez o sr. promotor de Justiça do 2.º TMT de Santa Clara deu provas, na audiência de ontem à tarde, de não ser capaz de fugir aos fantasmas que lhe povoam a imaginação. E, pior, atirou mais uma pincelada para o painel das insinuações em que é fértil a defesa dos réus em julgamento, permitindo recordar-nos que, embora digam que não, o julgamento do Caso Delgado, se bem que não seja um julgamento político, não deixa, por isso, de ser um julgamento de forte carga política.

De facto, quando na continuação das suas inquirições ao dr. Manuel José da Cunha, que ontem voltou à sua segurança inicial, o coronel Dias Morgado veio vincular, a propósito não se sabe bem de quê, a testemunha às suas hipotéticas tendências políticas ou partidárias no passado e no presente, não tentou apenas um retrato moral — que a ser tentado seria absurdo por tal caminho — do homem que interrogava. Pretendendo, se bem entendemos, publicar os desvios políticos do dr. Manuel José da Cunha e a sua talvez costela de esquerda — de que não falou abertamente, mas que sugeriu de modo ostensivo —, o coronel Dias Morgado admitiu, perante um tribunal meritíssimo, a fragilidade da sua condição para exercer o cargo de que está investido na barra do 2.º TMT. Porque — segundo a nossa opinião e com o devido respeito que devemos expender —, as andanças políticas da testemunha, se as houve, nada tinham a ver com a discussão de causa e muito

menos com a procura da verdade material que nos parece ser, essa sim, a tarefa de uma verdadeira promotoria. Como tão pouco, ao julgamento em si, interessam os ares e tomares que o sr. coronel pudesse ter tido com a PIDE em tempos que já lá vão. Fosse o jornalista a desviar-se desta forma do conteúdo das audiências e aqui D'el-Rei que logo viria à baila o chavão cansado de «falta de objectividade».

A verdade é que os longos, embrulhados, por vezes muito pouco claros, interrogatórios do coronel Dias Morgado começam a assemelhar-se mais a um monólogo. Andando à volta da pergunta dirigida a José da Cunha, de tom bastante aleatório, sobre os motivos que, apesar dos seus casos de consciência — dele, José da Cunha — e de conhecer a confissão do Rosa Casaco desde 72, o não levariam a entregar aquele implicado na morte do general Delgado às autoridades, mal se deu o 25 de Abril, nada adiantou na factualização da produção de prova. De resto, aproveitando a sugestão, o dr. Manuel José da Cunha responderia muito sucintamente:

— Poderia V. Ex.ª perguntar-me por que não entreguei o Rosa Casaco às autoridades no 25 de Abril. Se eu fizesse isso, teria hoje nojo de mim.

Era natural a reacção da testemunha. De qualquer modo, atendemos que, estivesse ou não de acordo com a personalidade de Rosa Casaco e com os seus métodos — e ao que parece, não estava —, José da Cunha teria de sentir, se homem íntegro, algum reboço em meter na cadeia um seu colega de profissão. Para isso, seria necessário que certas circunstâncias se alterassem e que a luta travada no íntimo da agora testemunha sazouasse o bastante para que

chegasse o momento de escolher o silêncio cúmplice ou a justiça. No fundo, foi um pouco o que viria a dizer o próprio Manuel José da Cunha.

O dr. Manuel Anselmo, advogado de Rosa Casaco, colocou mais uma vez em dúvida a veracidade da confissão daquele réu revelada pela boca do dr. Manuel da Cunha. É o papel que lhe cabe — o que não quer dizer que seja este o conceito prevalente.

Em determinada altura da audiência e quando o dr. Manuel Anselmo fazia uma das suas intervenções algo extemporâneas, acerca das dúvidas colocadas sobre a actuação de Casimiro Monteiro na morte de Delgado (os advogados defensores e a promotoria, sem outro recurso, teimam no absurdo da «legítima defesa», sabendo-se no entanto, que o general nem quer estava armado), nessa altura, dizíamos, o dr. José Luís Nunes, da bancada da acusação, ergueu a voz e citou uma personagem

de Giovanni Guareschi nester termos:

— Em certa página deste autor, surge-nos um homem que fora apanhar cogumelos com uma espingarda. Houve então quem lhe perguntasse: — Então o sr. foi apanhar cogumelos com uma espingarda? E o homem respondeu: — Fui. É um sistema entre muitos.

De facto, o que aconteceu, foi que o general foi morto. A sua secretária, também. E se o tiro foi à nuca ou no abdómen e se o Casimiro Monteiro foi quem disparou «à queima-roupa» e se tudo isto está na confissão de Rosa Casaco, o sistema tem uma importância relativa. O que vale como prova é que eles mataram e mataram com premeditação.

E na audiência de ontem à tarde, nada mais ocorreu com interesse. O julgamento prossegue na próxima quarta-feira, continuando a ser ouvido o dr. Manuel José da Cunha.

Josué da Silva

Aberto o Caso «Maiombe»

Acusado dos crimes de exportação ilícita de capitais e de agressão a trabalhadores daquela empresa, encontra-se a ser julgado, no 7.º Juízo Correcional da Boa Hora José Galvão de Melo, sócio-gerente da «Maiombe», firma que se dedica ao transporte de madeiras.

Na sessão de ontem, em que Galvão de Melo se limitou a negar os crimes de que se encontra acusado, depois como declarante o economista José

Luis Cristóvão Henriques, antigo trabalhador da «Maiombe», que fez parte da Comissão Administrativa da empresa durante a intervenção estatal, o qual confirmou que as vendas, em alguns casos, não correspondiam ao valor dos artigos facturados. Segundo Cristóvão Henriques, a detecção de facturas, com quantitativos superiores aos valores dos materiais constantes das listas de especificação, começou a verificar-se nos princípios de 1975.

FIDELIDADE  GRUPO SEGURADOR, E.P.

COMUNICADO

TRANSFERÊNCIA DE SERVIÇOS

Departamento Vida
Rua 1.º Dezembro, 101 - 1.º
Telef. 32 26 00/32 81 42

Departamento de Resseguro
Largo do Corpo Santo, 13
Telef. 36 03 21 - Telex: 16482 FIDSED

Departamento de Transportes
Rua Almirante Barroso, 32
Telef. 57 60 57/57 82 24

Serviços Jurídicos
Av.ª Fontes Pereira de Melo, 17-1.º
Telef. 56 24 41

Serviços Administrativos
Rua Almirante Barroso, 32
Telef. 57 60 57/57 82 24

Apartado 1501 - 1013 Lisboa Codex
End. Telegráfico: FIDGRUP
- Telex 18823 FIDGRUP-P

ANDARES VENDEM-SE

lindas casas alcatifadas, prontas a habitar, com 2 ASS., DESDE 650 CONTOS NA PÓVOA DE ST.ª IRIA E VIA LONGA (PASSE SOCIAL) TRATA LUCAMO - SOC. CONSTRUÇÕES, LD.ª - R. D. ESTEFÂNIA, 157 R/C DR.º 1000 LISBOA - TELEF. 57 80 33

PAPÉIS E CARTOLINAS MATERIAL ELÉCTRICO

ARMAZENISTAS E IMPORTADORES
FORNECEM AOS MELHORES PREÇOS

SANTOS BRITO LD.ª

TELEF. 36 23 26 - 36 97 81
RUA DOS CORREIROS, 53-1.º - 1100 LISBOA

"Sousa Tavares não é o nosso porta-voz"

— esclarece Medeiros Ferreira

Sousa Tavares não é o porta-voz dos Reformadores, mas tão somente um dos seus porta-vozes — disse ontem à tarde ao «DL», nos Passos Perdidos, o reformador Medeiros Ferreira.

Saindo do hemicíclio depois de ter usado da palavra, Medeiros Ferreira veio dar uma volta cá fora, deitando de imediato mão a um exemplar de um vespertino que se encontrava abandonado num dos «mapes» dos Passos Perdidos.

«É preciso ler a imprensa com muita atenção, pois aquilo que ela diz, mesmo que não seja verdade nesse momento, pode vir a acontecer pouco depois. Como de resto se tem verificado» — lembrou Medeiros Ferreira, no início de uma informal troca de impressões que durante alguns minutos manteve com dois redactores do «DL».

«A vossa manchete de hoje é um exagero» — comentou ainda

aquele reformador, referindo-se ao destaque que havíamos dado às afirmações de Sousa Tavares sobre Lucas Pires, classificando-o como «ambicioso». «Nós, reformadores, não temos nada a ver com a questão do porta-voz da AD. Isso é lá com eles» — concluiu.

«De qualquer modo foi um reformador quem veio à sua candidatura à Presidência da Assembleia da República, pelo que parece clara a existência de um contencioso Reformador-Lucas Pires (ou as forças que ele representa). Contencioso que se torna mais nítido se atendermos ao facto de Sousa Tavares ser o porta-voz dos reformadores».

«É importante esclarecer esse ponto. Sousa Tavares falou apenas em nome pessoal» — cortou Medeiros Ferreira. «Além do mais ele não é o porta-voz dos reformadores. É, sim, o nosso porta-voz, na Assembleia da

República, para os assuntos que se relacionem com o Governo. Mas há mais porta-vozes: por exemplo, o Nuno Godinho de Matos para as questões regimentais, o Pelágio Madureira para as questões de trabalho e assuntos sociais, eu próprio para a política geral. Quanto ao Lucas Pires e ao porta-voz da AD: repito que os reformadores nada têm a ver, nem querem, com essas questões. Nem com a AD. Temos, sim, um acordo assinado com o PSD».

«Acordo que, de resto, citou insistentemente na sua intervenção perante o plenário» — recordamos.

«Claro. Esse acordo é como que a nossa carta de alforria. Foi-lo propositadamente. Ficou registado e será transcrito no «Diário das Sessões».

Antes de regressar ao hemicíclio Medeiros Ferreira lembrou ainda que, se é certo que os reformadores respeitarão escrupulosamente esse acordo, não deixa de ser menos verdade que defenderão intransigentemente a sua independência e a sua identidade própria, mantendo por isso uma larga margem de manobra.

Durante esta troca de impressões passaram nos Passos Perdidos os deputados socialistas Arons de Carvalho e António Guterres. Este, visivelmente bem disposto, dirigiu-se a Medeiros Ferreira, cumprimentando-o alegremente e perguntando: «Então que tal te sentes como peninha no chapéu?» Medeiros Ferreira riu-se, mas confessou aos jornalistas que não tinha percebido a piada.



Sá Carneiro e Nuno Rodrigues dos Santos: o abraço nos Passos Perdidos

O que, de resto, havia acontecido também com os próprios jornalistas, que, só mais tarde, em contacto com Arons de Carvalho, tiveram a chave da história: Guterres queria dizer, na sua, que os reformadores não passam do enfeite de esquerda no chapéu da AD... A tal peninha... E por isso os socialistas gostam de saber, carinhosamente, como se sentem os seus ex-correlegionários nesse papel.

ONDE É A ENTRADA?

Para um observador atento e interessado é divertido assistir ao movimento que sempre se regista nos corredores da Assembleia quando há um intervalo.

Ontem, por exemplo, Natália Correia, agora deputada pelo

PPD, andava naquele seu tão característico passo bamboleante, meio perdida pelos corredores alcatifados. Sem conhecer ainda os cantos à casa, boquiaberta compridíssima na mão cheia de charme, perguntava a um dos funcionários da AR:

«Onde é que é a entrada? Onde?»

(Ai, vários jornalistas que, em grupo, comentavam o discurso de Sá Carneiro, sorriram: lembraram-se, divertidos, do momento em que Natália Correia, dias antes, em pose e de olhos revirados, acabara de depositar o seu voto para a eleição do Presidente da Assembleia da República, voltando para o seu lugar enebriada com os fumos dos grandes actos).

Mas os intervalos dão para mais coisas: por exemplo, para

assistir à espectacular «segurança» que Sá Carneiro e Freitas do Amaral trazem atrás de si, mesmo dentro do edifício da Assembleia. Ontem, quando o intervalo acabou a campanha que chama os deputados deixou de tocar, Sá Carneiro e o prof. Amaral dirigiram-se, em animada cavaleira, para o hemicíclio.

Atrás, três homens fortes, seguiram-nos até à entrada, olhando para todos os lados, não fosse o diabo tecê-las... O zelo da segurança era de tal modo que, pareceu-nos, hesitaram ainda se deveriam entrar também ou ficar simplesmente à porta. Depois de alguns segundos de reflexão e de uma troca de olhares optaram pela última hipótese. Não entraram.

Desta vez.

R. C.



O ministro da Defesa ao ataque: num dos corredores da Assembleia, Adélino Amaro da Costa encontrou-se com a fogaça deputada (embora ultimamente mais calma) Helena Roseta. Mão na mão olhos nos olhos, sorrisos nos lábios, eis uma perfeita imagem do que deve ser a Aliança

LOJAS

VENDEM-SE

Em nova urbanização. Futuro bom comércio. Qualquer ramo. Trata Lucamo — Soc de Construções, Lda. — R. D. Estefânia, 157 r/c dto. 1000 Lisboa tel. 578033

Você quer saber
quanto lhe custaria
este espaço
no «Diário de Lisboa»

Faça-nos a pergunta
pelo telefone n.º 36 87 40

À INDUSTRIA HOLETEIRA

Em praia de grande prestígio internacional, temos para venda mais de 30 000 m² de terreno c/alvará de urbanização que permite a instalação de complexo turístico para grande hotel, piscina, restaurante e zonas livres para apoio a essa actividade em sítio privilegiado.

Resposta a : J. H. — AGÊNCIA DE JORNAIS — MARINHA GRANDE

ARMAZÉNS DO POVO

ENCERRAM DIA 12 TODAS AS SUAS LOJAS

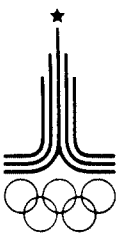
POÇO DOS NEGROS
BEATO
CAMPO D'OURIQUE
CONDE REDONDO
BOA HORA
BENFICA

BARREIRO
MONTIJO
VILA FRANCA
ODIVELAS
QUELUZ
ALMADA

REABREM DIA 14

COM SALDOS FANTÁSTICOS
PREÇOS DE PASMAR • ARTIGOS PARA ENTUSIASMAR

ARMAZÉNS DO POVO
14 LOJAS PARA BEM SERVIR



GITUS

JOGOS OLÍMPICOS DE MOSCOVO 1980
MOSCOVO, LENINEGRADO E KIEV

Estadia de 2 semanas em pensão completa

8 a 22/7 45 000.00 escudos
15 a 29/7 46 000.00 escudos
22 a 5/8 48 000.00 escudos

Hotéis 1.ª Classe e c. turística
Voos directos na Aeroflot
Transfers e transportes p'os jogos
Guia de língua portuguesa
Bilhetes de entrada nos jogos
2 espectáculos culturais
Visitas turísticas e sociais

Inscrições limitadas
Contacte c/ Gitus, Grupo Intersindical de Turismo Social, Lisboa

Av. da Liberdade, 73-3.º D.to — 1200 LISBOA
Tel. 364303, 320556 e 320638

SÁ CARNEIRO NA ASSEMBLEIA

"Palavras medidas exprimem intenções firmes"

«Palavras medidas que exprimem intenções firmes» assim classificou o seu próprio discurso de apresentação do Programa do Governo, o Primeiro-Ministro Sá Carneiro, no final do seu discurso.

«O País precisa tanto de mudança como de moderação» diria Sá Carneiro noutro passo do seu discurso. E para a «moderação» ficam as «palavras medidas», enquanto à «mudança» se aplicam «as intenções firmes». Intenções essas que foram levemente aforadas no discurso de apresentação, mas suficientemente claras para perceber «qual a intenção». Assim, o Governo da Aliança Democrática propõe-se levar adiante a «elaboração do regime jurídico do referendo», a «modificação da Lei Eleitoral, por forma a conseguir a máxima capacidade de expressão da vontade popular» e ainda a «revisão da Lei dos Partidos». Avança, ainda, com o objectivo de «reexaminar a divisão administrativa do território».

E Sá Carneiro regressa às «palavras medidas»: «A política do Governo é por natureza humanista no projecto, portuguesa na raiz e europeia na vocação» — numa adjectivação muito ao gosto do prof. Freitas do Amaral. E mais à frente: «Gestor de interesses em conflito, o Governo encara as tensões sociais sem receio. Aceita-as como um factor dinâmico da vida colectiva, mas orientará a sua acção pela regra da subordinação do interesse particular ao interesse geral, condicionada ao respeito devido

à autonomia dos corpos e grupos sociais e às exigências da des-centralização».

Sá Carneiro dedica grande parte do seu discurso, muito geral e pouco interessado em criar polémica, com uma descrição detalhada da «estrutura do Governo» que considera «coesa e operacional». O capítulo final do seu discurso vai para as relações do Governo com os órgãos de soberania. O Governo — disse Sá Carneiro — «faz questão de sublinhar o seu propósito de considerar como decorrente de um imperativo nacional a cooperação entre órgãos de soberania dentro das suas esferas de competência específica, sem prejuízo do princípio da separação de poderes».

OPOSIÇÃO "REJEITA"

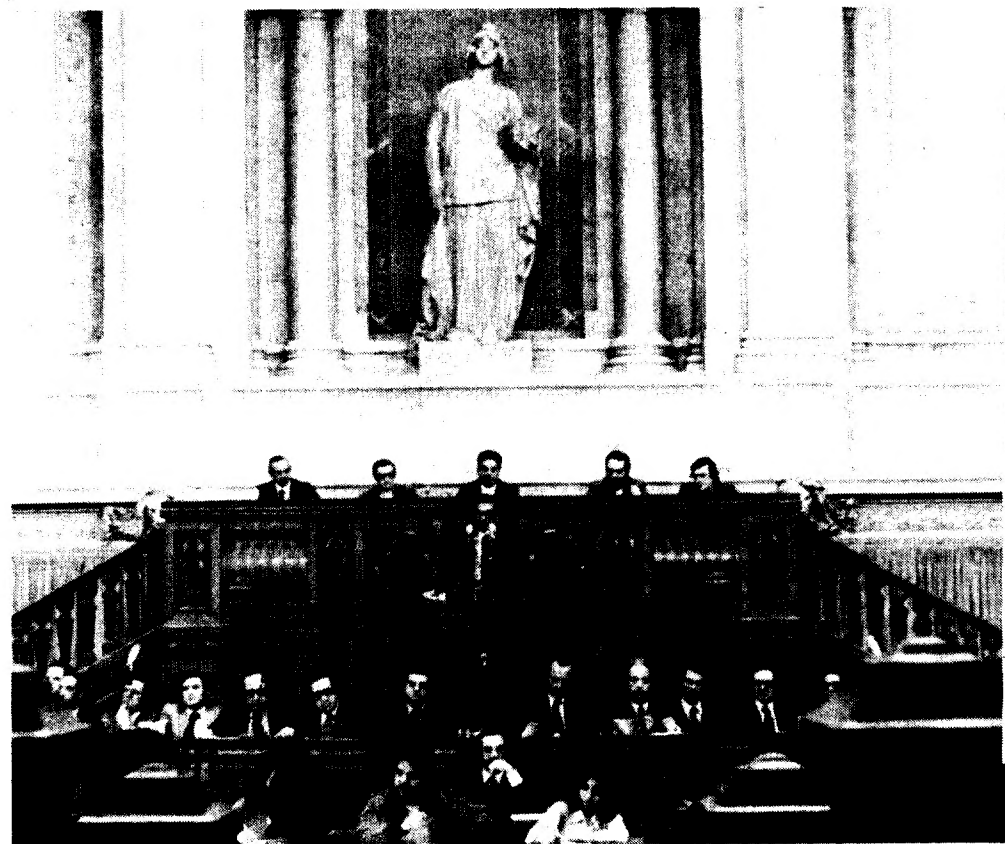
Sá Carneiro anuncia a apresentação de uma moção de confiança. A oposição viria também, ao longo da tarde, a apresentar duas moções de rejeição, propostas respectivamente pelo Partido Socialista e Partido Comunista.

Seria Medeiros Ferreira, em nome dos reformadores, o primeiro a usar da palavra no tempo concedido aos grupos políticos na Assembleia. E principiou com um «grito» de independência: a leitura do acordo entre o PSD e os reformadores. E em consequência desse acordo anuncia o voto favorável dos reformadores ao Programa do Governo. Per-

gunta, no entanto, se a «vontade popular se imporá aos interesses particulares, aos grupos de pressão económicos, ideológicos ou políticos, ou se mais uma vez as corporações irão cercar o Governo e impor-lhe as orientações parcelares e de grupos».

A UDP, tal como faria o MDP/CDE, faz perguntas directas ao Governo sobre questões do Programa do Governo, enquanto o monárquico Ferreira do Amaral (alguém lhe chamou o rei-vassalo) se «perde» num elogio de tal maneira exagerado que nem o CDS ou o PSD conseguiriam ultrapassar.

Quanto ao PCP, pela voz de Veiga de Oliveira, principiou por considerar que o Governo se apresenta com um «mandato limitado. Limitado no tempo, nos poderes, na base social de que se pode reclamar. É no tempo um governo para 280 dias. É quanto aos poderes, um governo que se propõe alterar a Constituição e o regime democrático-constitucional — propósitos para os quais os seus poderes, manifestamente não bastam. É um Governo que, reclamando-se de uma maioria, não recolheu de facto a maioria dos votos dos eleitores e representa os interesses de sectores e camadas minoritárias da sociedade portuguesa. É aquilo a que bem poderíamos chamar um Governo intercalar, um Governo de mera conclusão de legislatura». Depois de colocar o Governo «no seu lugar», o PCP coloca também algumas perguntas sobre a questão do referendo, lei eleito-



Sá Carneiro e o VI Governo

ral, relações com outros órgãos de soberania.

Perguntas essas que também seriam elaboradas por Almeida Santos em nome do Partido Socialista. Pergunta que serão feitas das promessas eleitorais? «Da redução do aumento de custo de vida, do preço do peixe, dos impostos». Promessa de que «pelas ruas correrá o leite e o mel e de que o Hino nacional será mudado para o Cântico dos Cânticos». Quer saber, ainda, se tal como diziam na campanha eleitoral, «as famílias portuguesas irão receber um subsídio», se «serão construídas casas para todos os portugueses», etc. Pergunta, no final, pelo que se passa

com os embaixadores que o Ministério dos Negócios Estrangeiros e alude à «perseguição» a Maria de Lurdes Pintasilgo. «Se as vossas promessas eleitorais forem cumpridas contarão com o nosso apoio».

PROMESSAS SIM MAS NÃO TANTO

Promessas são promessas, a AD, ganhou, o Governo vai passar e o povo vai ficar na mesma, foi o sentido da intervenção — resposta do Primeiro-Ministro. Tal como já tinham feito os partidos da Aliança (CDS e PSD) (o PPM foi o mais violento) os remques ao Presidente da República, e ao seu discurso na to-

mada de posse, não foram esquecidos. E Sá Carneiro, diz que «isto está mau». A economia do País não melhora, a não ser a balança de pagamentos, e para já de melhorias do nível de vida, nem pensar. Para já é preciso trabalhar. A inflação vai aumentar ainda este ano, foi uma afirmação que na campanha eleitoral não se ouviu. Da redução de imposto não se falou, nem das casas, nem do peixe. No entanto, a discussão do programa prossegue na próxima semana. E das palavras medidas, ficar-se-á a saber cada vez mais quais são as intenções firmes.

F.M.

PROGRAMA DO GOVERNO AD

Aparente moderação esconde perigosos objectivos

Foi um programa relativamente curto e quase nada inovador se comparado com os seis que o antecederam no curto espaço de três anos, aquele que a AD, através do seu Governo, submeteu ontem ao veredicto do Parlamento. Três capítulos, subdivididos em 18 rubricas, ocupam 86 páginas, o que é substancialmente menos do que as ambiciosas propostas dos I e II governos constitucionais de Mário Soares.

Mas se se fala de propostas de anteriores executivos, é justo atender-se à viabilidade das intenções de um Governo que, pese embora o ineditismo de ter suporte parlamentar maioritário, se confronta com um horizonte temporal de nove meses, na melhor das hipóteses.

Da leitura das quase duas mil palavras do texto programático ressalta que, Sá Carneiro e os seus pares da AD, tiveram em consideração esta limitação. Sucederam-se frequentes alusões a este condicionalismo e o discurso introdutório de Sá Carneiro, ontem proferido no Parlamento e difundido via Rádio e TV para todo o país (ver referência nesta edição), acompanhou esta tendência.

Resulta daqui que, para além do domínio das boas (ou más) intenções (tudo depende da perspectiva ideológica que nos condicione) o Programa AD pouco oferece de imediatamente concretizável. Quase tudo é dito e

perspectivado em termos do quadriénio que se seguirá às eleições gerais do próximo Outono. Neste aspecto, o Programa do VI Governo premoniza mais um Plano a Médio Prazo (que não deixa de anunciar) do que fornece bases reais para uma acção governativa de apenas sete meses.

O que se disse é válido para a generalidade do texto, mas não para alguns pormenores que, numa primeira leitura, ressaltam fundamentais. Quer-se com isto dizer que as intenções programáticas deste Governo incluem aspectos que, sem dilatações excessivas de índole ideológica caracterizam as linhas de força da actuação governamental a curto prazo.

Logo nas primeiras páginas do Programa, ao confrontarmos-nos com a actualização preconizada para o Ministério da Administração Interna, surge uma «confissão» que, se não colhe de surpresa, adensa preocupações: a **revisão das leis eleitoral e dos partidos adicionada à intenção de elaborar o «regime jurídico do referendo como processo directo da consulta ao eleitorado sobre questões fundamentais da vida colectiva ou da organização do Estado».**

Nestas asserções está contida não apenas a intenção de tornar viável uma re-petição este ano do êxito eleitoral da direita (revi-

são das leis eleitoral e dos partidos) como a de criar condições para a ultrapassagem da Constituição da República pela introdução de uma figura jurídica que esta não autoriza: o referendo.

Porém não se queda aqui a verdadeira contra-revolução legislativa que o Governo AD, e a sua maioria parlamentar, propõem. O que sucede é que, confrontadas com todas as implicações do projecto anteriormente esboçado, as medidas que se lhe seguem quase podem ser entendidas como consequências menores em todo o processo.

E no entanto não o são. Na política externa são repetidos quase até à exaustão os protestos de fidelidade à NATO e as intenções de um maior envolvimento do país nas confrontações com o bloco do Leste. No domínio económico, afirma-se uma total subordinação à política da CEE, sem a menor consideração pelos interesses dos agentes económicos nacionais.

No plano estritamente interno, o Governo anuncia uma ofensiva sem precedentes contra a Reforma Agrária, tendo como ponto de partida a revisão da Lei de Bases Gerais da Reforma Agrária (a Lei Barreto). Preconiza-se também uma política de «fazer pagar a crise» ao sector nacionalizado, em paralelo com a intenção de desenvolver as instituições parabancárias, de que as sociedades de in-

vestimentos são a mais acabada expressão.

A isto soma-se a revisão do regime jurídico vigente sobre as associações sindicais e patronais (o que deixa prever algo de muito pior do que a lei Gonalves) e a intenção de rever a Lei do Serviço Nacional de Saúde.

Adicione-se a autorização que se pretende dar aos Governos regionais da Madeira e dos Açores para cunharem moeda.

São estes os vectores reais da política que se aguarda do VI Governo, medocemente escondidos num Programa que, no seu conteúdo real, exprime a convicção de que pouco mais pode fazer do que preparar o caminho para reais transformações a operar-se a vitória eleitoral lhe sorrir novamente nos últimos meses deste ano.

OUTROS DADOS DO PROGRAMA AD:

REFORMA ADMINISTRATIVA: Melhorar a situação económica e social dos trabalhadores da função pública; iniciar um programa de desburocratização; proposta de lei sobre a moralidade administrativa.

ADMINISTRAÇÃO INTERNA: Reforço do sistema autárquico; aplicação da lei das Finanças Locais; projecto de regionalização do continente; nova legislação sobre a nacionalidade portu-

guesa e sobre estrangeiros.

JUSTIÇA: Revisão das leis de organização judiciária; reorganização dos serviços prisionais, dos registos e do notariado bem como dos serviços tutelares de menores; actualização do direito comercial; novo código penal com especial atenção ao direito penal económico.

NEGÓCIOS ESTRANGEIROS: Primeira prioridade, é a plena integração de Portugal na CEE; segunda prioridade, é a fidelidade à Aliança Atlântica; terceira prioridade, a defesa e promoção da língua e da cultura portuguesas e do ensino do Português no estrangeiro.

DEFESA NACIONAL: Reconhecimento de que o chamado «período de transição constitucional que o país atravessa» não consente que o Governo utilize directamente e sob a sua orientação política as Forças Armadas como um dos instrumentos mais relevantes da defesa nacional; lei sobre a organização da defesa nacional; proposta de lei sobre o Serviço Militar; reequipamento das Forças Armadas; reforço da participação portuguesa nos esforços defensivos ocidentais.

POLÍTICA ECONÓMICA: Empenhamiento para que a inflação não ultrapasse os 20 por cento; crescimento do consumo privado; preparação da economia para a integração na CEE; redução da

tributação sobre os rendimentos do trabalho e pessoais; imposto único; melhoria da lei das indemnizações.

AGRICULTURA: Reforma do sistema de crédito agrícola; activação dos esquemas de seguro agrícola; aceleração da regulamentação da lei 77/77; orientação das acções de estruturação fundiária no sentido de privilegiar a formação de explorações familiares; revisão da lei do Arrendamento Rural; adequar os esquemas e estruturas de intervenção no plano da comercialização e transformação às práticas da CEE.

COMÉRCIO INTERNO: Elaboração de um código de preços.

INDÚSTRIA: Liberalização das condições de acesso à actividade industrial, adaptando o actual regime às condições da CEE.

TRABALHO: Propostas de lei de revisão do regime jurídico sobre associações sindicais e patronais.

EDUCAÇÃO: Proposta de lei — quadro sobre os princípios gerais a que deve obedecer a organização do sistema educativo; plano de emergência de instalações e equipamento escolar; revisão do conteúdo dos programas.

E.R.

SAÚDE

ÉXITOS DA GENÉTICA

Doenças hereditárias já podem ser curadas

«... Na ilha de Java existia uma lenda segundo a qual o pai não podia bater no filho com a mão esquerda. Quem infringisse este princípio sofreria alterações: o filho perdia a razão...»

Actualmente, os estudos realizados sobre a palma da mão mostram que uma criança deficiente apresenta desde que nasce indícios de anormalidade nas linhas da mão. As impressões digitais são completamente distintas e existe um vinco profundo na palma da mão, coisa que não acontece numa criança normal. Essas modificações são características do síndrome de Down, doença hereditária que provoca um atraso no desenvolvimento psíquico e mental do indivíduo.

A ciência que estuda «as linhas da mão» nasceu em meados do século XIX, século XX. E, foram criminosos os primeiros a tirar partido dela. A característica pessoal das impressões digitais permite estabelecer a identidade de qualquer cidadão.

Esta ciência nasceu a partir das descobertas da genética. No núcleo de cada célula do ser vivo existem cromossomas portadores de genes, dispostos numa ordem rigorosamente determinada. Os genes são os responsáveis pela «arquitectónica» e desenvolvimento do organismo vivo. Eis porque a mínima mudança em número ou qualidade dos genes ou cromossomas pode provocar as consequências mais inesperadas. Algumas destas mutações são positivas outras irreparáveis.

A PELE

A pele é especialmente sensível às alterações do aparelho hereditário, nomeadamente, no que diz respeito ao número de cromossomas.

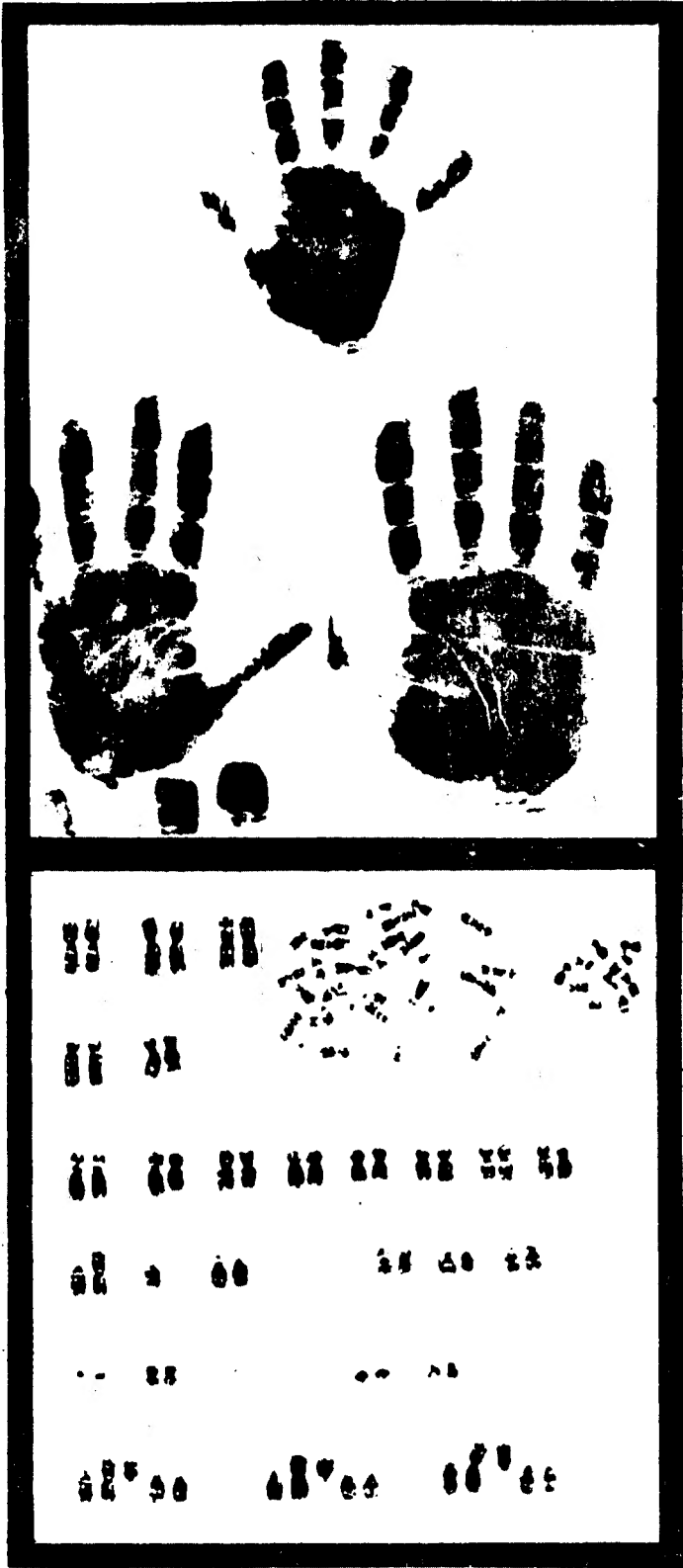
Certas doenças causadas por patologias cromossómicas provocam alterações ao nível do desenho da pele, o que permite detectá-las muito antes de surgirem os sintomas habituais.

Os especialistas do laboratório de teratologia e genética médica do Instituto de Medicina de Minsk foram os primeiros médicos na URSS a utilizarem este método de diagnóstico. Serguei Ussov, que efectua investigações neste campo há mais de dez anos, por exemplo, lê na palma da mão como num livro. Mas, atenção, nada disto tem a ver com bruxarias. Todo este estudo tem uma base perfeitamente científica, utilizando métodos que permitem estabelecer o carácter hereditário de uma doença, mesmo quando não existe qualquer sinal precursor no organismo. Estes métodos permitem estabelecer igualmente o risco de nascimento de uma criança atingida por uma doença hereditária.

O laboratório de Minsk participa igualmente na Organização da Assistência Genética à População, nomeadamente no diagnóstico de doenças hereditárias e taras congénitas. Enquanto, por exemplo, é fácil reconhecer certas deformações congénitas isoladas como o lábio leporino, é mais difícil diagnosticar taras múltiplas ou órgãos ou sistemas atingidos, onde muitos sinais se encontram misturados.

DERMATOGRAFIA

A dermatografia consiste num método de diagnóstico rápido que tem vindo a ser aplicado a vários ramos da medicina. No caso da pediatria, em particular, foi elaborado um mapa onde estão inscritos dezenas de si-



Em cima: as impressões digitais da palma da mão dos pais e da criança mostra a transmissão hereditária não só das características como de doenças. Em baixo: fotografia dos cromossomas do doente

nais, como por exemplo, a distância entre os olhos, a partir dos quais podem detectar-se doenças. O diagnóstico definido exige a utilização de outros métodos como uma análise genealógica até à terceira geração, no mínimo, investigações sobre toda a família do doente, estudos cromossómicos das células. Este último método, citogenético, é especialmente complexo mas é indispensável, sobretudo quando se trata de um diagnóstico sobre a descendência.

As descobertas deste Instituto bielorrusso ganharam grande popularidade nos últimos anos.

Enquanto, inicialmente, os doentes apareciam enfiados pelos seus médicos, hoje, são eles que aqui se dirigem por sua iniciativa. E surgem as perguntas: Se um determinado medicamento tomado durante a gravidez pode influir na saúde da criança; se uma determinada mulher pode ou não engravidar; mães que têm um filho deficiente e desejam engravidar de novo. No caso dos pais que têm uma

criança afectada pelo síndrome de Down, o risco de um novo filho varia entre 0,2 e 100 por cento. São precisos exames minuciosos e um posterior acompanhamento da gravidez. Uma criança saudável não nasce do acaso. O mesmo se passa com uma criança anormal.

Não é fácil tratar doenças hereditárias, e por vezes é mesmo impossível. Mas, algumas podem ser curadas se forem descobertas desde os primeiros dias de vida da criança. É o caso da fenilcetonúria, doença que provoca um atraso mental devido à irregularidade no metabolismo de um aminoácido, a fenilalanina. Se este defeito for descoberto a tempo e o ácido for limitado no regime alimentar do recém-nascido, o cérebro não é atingido.

Posteriormente, mesmo que existam excessos deste ácido já não existe perigo. Esta é uma das razões porque todas as crianças recém-nascidas são submetidas a um exame médico na União Soviética.

Ciência e técnica

Utilização das radiações na criação de espécies vegetais

A agricultura enfrenta, nos dias de hoje, tarefas complexas para bastar à alimentação de uma população mundial, cujo ritmo de crescimento não acompanhou. Até ao ano 2000, prevê-se que o planeta conte com 6 a 7 mil milhões de pessoas e que a superfície cultivável, por habitante, diminua de 4-5 para 2 hectares. Para tanto, só existe um meio para aumentar os recursos alimentares: a intensificação da agricultura. Formas novas, altamente produtivas e de grande qualidade, de plantas, animais e microrganismos, devem desempenhar um papel primordial.

Os métodos experimentais nascidos nos laboratórios metamorfosaram a ciência da selecção do século XIX. Na cultura das plantas, utilizam-se vários métodos, que permitem dar a novas espécies o rendimento e as qualidades dispersas por vários tipos de plantas.

Em princípio, a selecção por radiação — um dos métodos mais frequentemente utilizados nos laboratórios — é praticado na URSS desde os anos trinta, quando se obtiveram os primeiros radiomutantes de trigo. Esta experiência interessou vivamente especialistas estrangeiros que, desde logo, começaram a trabalhar nela. Na Suécia, os trabalhos de criação de híbridos e de selecção permitiram o aparecimento duma espécie muito produtiva de cevada («Bonus») que, exposta depois aos raios X, originou a «Pallas», mais resistente ainda que a «Bonus». Em 1960, nos Estados Unidos, foi obtida por radiação uma espécie de aveia, resistente à ferrugem, o que permitiu prevenir imensas perdas.

Com o advento da era do átomo, iniciou-se uma nova época no desenvolvimento da selecção por radiação. Os genetistas e seleccionadores tiveram a possibilidade de utilizar, além dos raios X e dos ultravioletas, diversas fontes mais baratas de radiação. Graças a esta, apareceram dezenas de espécies novas, de importância industrial de cevada, aveia, feijão, tomate e outras plantas.

O MÉTODO DA RADIAÇÃO

Este método consiste fundamentalmente em a radiação provocar mutações (variações de carácter genético) e, consequentemente, o aparecimento duma descendência com características alteradas. Na natureza, este processo desenrola-se sob a influência de numerosos factores, flutuações de temperatura e raios cósmicos, entre outros. No entanto, nem sempre as alterações de carácter hereditário são úteis. Algumas são nocivas, outras inúteis e apenas uma parte infima é aceite pela selecção natural, que faz nascer espécies novas.

A natureza não apressa a evolução. Mas, com a ajuda da radiação, os seleccionadores podem intensificá-la consideravelmente, esco-

lhendo entre os mutantes as plantas com as características pretendidas, ou as que convêm para os cruzamentos posteriores.

O trigo de Outono «Goloubaia-72», por exemplo, criado na URSS, é extraordinariamente resistente às condições mais desfavoráveis e tem um rendimento muito superior ao da planta

gramen de caule longo, e de sucessivos cruzamentos.

As células de clorela, por exemplo, alga verde monocelular, expostas à luz ultravioleta, deram mutantes altamente produtivos, na base dos quais se obtiveram substâncias utilizáveis na fotossíntese industrial e depuração de águas, e também como aditivos e proteínas forrageiras vegetais, pelo seu



Aspecto de um laboratório de selecção de plantas

inicial nos anos de precipitações abundantes, não se deixando afectar por doenças criptogâmicas.

Os mutantes da batata criados pelos seleccionadores distinguem-se também por uma grande produtividade, resistem bem às doenças e têm mais amido. Os de beterraba têm maior conteúdo de açúcar. Os seleccionadores obtiveram também mutantes de tomate, que ultrapassam em 34 a 47 por cento as plantas iniciais, quanto ao número de frutos maduros, sendo o rendimento igual ou superior.

Neste momento, está em fase de experimentação uma nova espécie de trigo de Outono, «Hubride 1390». Os três anos de experiências na zona das terras não negras mostraram que ela resiste bem, que o seu rendimento é superior em 5 a 10 quintais por hectare ao da espécie-padrão, e que contém 16 a 17 por cento de proteínas. Foi obtida mediante a irradiação dos grãos do híbrido trigo-

elevado teor em aminoácidos; 3 a 5 toneladas de clorela, adicionadas a uma tonelada de trigo ou cevada, aumentam em 60 por cento o valor biológico das proteínas sumárias da ração; a produtividade do gado (viteiros, porcos), que come alimentos assim enriquecidos, aumenta 25 a 30 por cento, e melhora a qualidade da carne.

As possibilidades abertas pela genética na agricultura não param de aumentar. Estes são alguns exemplos, mas há muitos mais. Foram conseguidos resultados com a ajuda da mutagenese química (modificação artificial da hereditariedade por processos químicos), da hibridação interespecífica ou intergenética, da utilização do plasma genético dos fundos vegetais mundiais. É agora possível criar plantas com as características pretendidas. Enquanto se espera, o homem só tira da terra uma parte infima do que ela lhe pode dar. Dezenas de institutos e laboratórios trabalham para resolver isso.

Desconvocada greve da TAP

A greve do pessoal de terra da TAP-Air Portugal foi ontem desconvocada, após uma reunião entre representantes dos trabalhadores e elementos do conselho de gerência da empresa, em que se chegou a um entendimento.

A paralisação estava marcada das zero horas do dia 15 até ao meio-dia de 16 de Janeiro.

Em declarações à ANOP, um informador sindical disse que serão tornados públicos, na próxima segunda-feira, os factos que conduziram à desconvocação da greve.

Essa forma de luta fora decidida durante um plenário de trabalhadores, recente-

mente realizado, em que se decidiu dar um prazo, até às 18 horas de hoje, para que o conselho de gerência da empresa se pronuncie sobre as reivindicações em causa.

Estas assentam no facto de a administração não dar inteiro cumprimento ao clausulado do acordo colectivo de trabalho em vigor, assinado em Agosto de 1979, bem como aos enquadramentos do pessoal.

De acordo com um porta-voz dos trabalhadores, a notícia do desbloqueamento da greve foi recebida com manifestações de júbilo pelo pessoal de terra da Transportadora Aérea Nacional.

Seminário sindical debate tempos livres

Está a decorrer desde manhã, nas instalações da Faculdade de Letras de Lisboa, um Seminário Sindical Nacional dos Tempos Livres, iniciativa da CGTP-IN que tem como objectivo central «a reflexão e o debate colectivos sobre o verdadeiro significado, no seu conteúdo e linhas de acção, das actividades de lazer dos trabalhadores».

O encontro reúne delegados das organizações sindicais e de empresa, e conta com a participação (sem direito a voto) de diversas entidades ligadas aos sectores da cultura, do desporto e da Comunicação Social.

Durante os trabalhos serão igualmente discutidos «os modelos organizativos a adoptar pelo Movimento Sindical para garantir a correcta promoção e desenvolvimento» das actividades de lazer dos trabalhadores, e «sobre as formas mais adequadas para assegurar permanente e

activo esclarecimento sobre esta matéria, e a formação, reciclagem e especialização dos indispensáveis elementos de direcção, apoio e enquadramento».

Dada a vastidão do tema, o Seminário está a funcionar por secções, que se debruçam sobre três grupos de matérias: objectivos e perspectivas de acção sindical neste domínio, organização dos tempos livres no seio do Movimento Sindical, informação e formação de quadros.

Os organizadores divulgaram um documento de orientação onde se aborda o tema detalhadamente, contemplando diversos aspectos e situando-os ideologicamente.

Como objectivos e perspectivas de acção o documento aponta um conjunto de necessidades:

- promover a prática de actividades de lazer dos trabalhadores, visando o seu bem-estar e



uma melhor consciência de classe, através de medidas no domínio da cultura, do desporto, e do turismo social;

- estabelecer formas de colaboração activa com todas as entidades, oficiais ou privadas, nesses mesmos domínios;

- fomentar e assegurar o intercâmbio internacional, nomeadamente através de acordos com as centrais sindicais e outras organizações especializadas estrangeiras;

- exigir o custeio, por parte do Estado e do sector privado da economia, de parte das despesas necessárias ao desenvolvimento dessas actividades;

- reivindicar a participação do Movimento Sindical na definição das políticas cultural e desportiva, e a gestão integral do Inatel.

No que respeita às formas de organização dos tempos livres a nível sindical, sugere-se a criação de estruturas e a adopção de regras de funcionamento adequadas, a criação e desenvolvimento de um associativismo de empresa, e a inclusão nos instrumentos de regulamentação do trabalho de cláusulas de apoio às actividades de lazer nas empresas.

Finalmente, apontam-se como tarefas do Movimento Sindical uma ampla e correcta informação sobre a problemática dos tempos livres, e a organização de acções com vista à formação de quadros.

Combustíveis: grande adesão

Contou com uma adesão de 80-90 por cento a greve de 24 horas que ontem se concretizou, a nível nacional, no sector de garagens, estações de serviço, postos de abastecimento, postos de assistência a pneumáticos, revenda e distribuição de gás — segundo fonte sindical.

A Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários congratula-se com a «enorme firmeza» revelada pelos trabalhadores, que pretendem levar a associação patronal a negociar a revisão salarial. Muitos dos estabelecimentos que se encontravam a funcionar não tinham sido abrangidos pela declaração de greve, por estarem vinculados a outros CCTs.

Durante a paralisação verificaram-se, pontualmente, medidas de «repressão», ameaças de despedimento, intervenções abusivas de agentes da Petrol, substituições de trabalhadores por outros, de outros serviços, ou mesmo pelos patrões, num total desrespeito pela democracia, pela Constituição e pela própria lei vigente — informa a Federação.

BATAS ESCOLARES E PROFISSIONAIS ALTAMENTE ESPECIALIZADOS PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccções
Av. João XXI, 5-D - 1100 - Rua Infantina 16, 55-C - 1300 - LISBOA

Rádiodifusão Portuguesa

Radiotelevisão Portuguesa

ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

1.ª SÉRIE INTERNACIONAL DE CONCERTOS

TEMPORADA 1979/80

HOJE, 12 DE JANEIRO DE 1980, ÀS 18.30 HORAS

PROGRAMA

Sobreposições
Duplo Concerto
Bacchus et Ariane
Daphnis et Cloé

Jorge Peixinho
Brahms
Roussel
Ravel

AULA MAGNA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Maestro: SILVA PEREIRA
Solistas:

PETER OUNDJIAN (Violino)
MICHELLE DJOKIC (Violoncelo)

Colaboração da Universidade de Lisboa

Bilhetes à venda no Teatro de S. Luiz, de 3.ª a 6.ª feira, das 14 às 20 horas, e no sábado, na Aula Magna da Universidade de Lisboa, a partir das 14 horas.

Preço único: 60\$00. Desconto de 25% aos estudantes.

Próximo Concerto: Na Aula Magna da Universidade, 16/Fev./80, às 18.30 h
Maestro: Álvaro Cassuto. Solista: Rori Grist (Soprano)

BASE DAS LAJES

Rejeitados os aumentos propostos pelos americanos

Os trabalhadores portugueses do destacamento norte-americano das Lajes (Terceira-Açores) consideraram «irrisórios» os aumentos propostos para revisão da tabela salarial.

Esta posição foi revelada em conferência de imprensa pelo brigadeiro Moura de Carvalho, comandante da zona aérea dos Açores, e única entidade legal para negociar com os norte-americanos.

A proposta de revisão salarial apresentada pelos norte-americanos ao comando da zona aérea prevê aumentos que variam entre 2 e 30 por cento, e tem por base um inquérito elaborado durante o ano passado na ilha Terceira.

No entanto, os cerca de 1500 trabalhadores actualmente ao serviço do destacamento norte-americano defendem um aumento global da ordem dos 10 por cento sobre os propostos pelos responsáveis da base. Por outro lado, estão de acordo com uma das cláusulas da proposta, que aumenta as diuturnidades de 500 para 750 escudos.

O brigadeiro Moura de Carvalho manifestou o empenho do comando da zona aérea dos Açores no sentido de salvaguardar os interesses dos trabalhadores portugueses ao serviço do destacamento, estatutariamente impossibilitados de negociar com os norte-americanos.

Penélope

APOLLO 70

SALDOS

CASACOS E BLUSÕES DE ANTÍLOPE E CABEDAL

Av. Júlio Dinis, 10

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistema IBM e UNIVAC

GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
Início dos cursos:
18 e 24 de Janeiro

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 325652 - R. do Arsenal, 100
1.º 1100 - Lisboa

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução todas as marcas, com garantia:

MENDES Telf. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)

REPRESENTANTE
dos amortecedores «JM»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

SALDOS

EM

CASCAIS
Campo de Ourique
Av. de Roma
R. Augusta

PINHEIROS

PRONTO-A-VESTIR

SENHORA
E
HOMEM

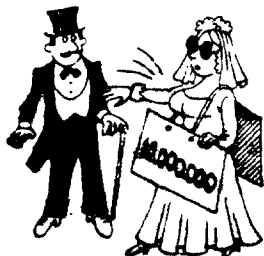
TECIDOS
A
METRO

NO MUNDO DO INSÓLITO E DO BIZARRO

POR 40 DINHEIROS

John Greenborough, presidente da Confederação da Indústria Britânica, propôs, num recente congresso, que se pagasse aos dirigentes das centrais sindicais mais importantes salários tão elevados como os dos gerentes, ou seja, cerca de 40 mil libras anuais. O chefe do patronato britânico não oculta as razões de semelhante «generosidade». Segundo disse, faz falta um movimento sindical dirigido por homens de «adequado calibre», aduzindo, para maior clareza, que «o nosso país necessita de uma cúpula sindical social e eficaz».

lhões de marcos, no mínimo, ou um elevado título de nobreza; não importam os defeitos físicos ou mentais».



RUIÕES DE ALTA LINHAGEM

O presidente da Câmara de Nova Iorque, Edward Koch, declarou guerra aos «chulos». Para tanto, a emissora nacional passou a transmitir regularmente nomes e sinais exteriores de homens julgados por proxenetismo. Em outras cidades, adoptaram-se medidas análogas, mas têm-se registado casos confusos. Por exemplo, em Minneapolis, figuravam 13 respeitáveis cidadãos; três deles prestavam serviço na «polícia de costumes». O «New York Times», entretanto, acusou Koch de infringir a liberdade de imprensa, pois as autoridades não se devem imiscuir na «compra e venda do sexo», já que isto se trata dum «acordo comercial privado entre adultos».

PROGRESSO DA EMANCIPAÇÃO

Na Suíça existe uma lei que proíbe uma mulher de ter emprego sem autorização do marido. Um projecto-lei agora apresentado elimina tal discriminação e vai mais longe: prevê que, se uma mulher trabalhar e fizer ainda por cima os afazeres domésticos, tem direito a reivindicar ao marido o correspondente salário.



APOSTA DESGRAÇADA

Quando alguém se senta a uma mesa de jogo, pode acontecer que fique sem um centavo. Às vezes, no entanto, acontece isto mesmo a quem teve sorte. Deu-se um caso destes no Brighton Beach Jewish Center, de Nova Iorque, onde 200 pessoas reunidas para jogar foram despojadas de tudo quanto possuíam num assalto armado. Segundo apurou a polícia, os ladrões apanharam-se de cerca de 100 mil dólares.



QUEM QUER CASAR COM A FILHA DO MILIONÁRIO?

Anúncio no jornal da Alemanha Federal «Schwabische Zeitung»: «Filha de milionário, sem recursos, 25 anos, 1,67 m de altura, loira de olhos azuis, entretenimento — composição de novelas, procura noivo com urgência, para evitar que o pai a prive da herança e a expulse de casa. O pretendente tem que possuir uma fortuna de 10 mil-



Uma solução para os idosos: a Universidade para a terceira idade. A gravura documenta a afluência de reformados a uma experiência deste tipo, em curso na Suíça na cidade de Basile. A afluência a uma grande variedade de cursos excedeu as expectativas

Tédio, o grande inimigo da terceira idade

Aconselha-se frequentemente aos reformados que procurem uma ocupação qualquer para preencher as longas horas do dia. Mas nenhuma actividade dará bons resultados se não permitir lutar contra o tédio. Porque, o aviso parte dos próprios médicos: o tédio é o pior dos inimigos da terceira idade.

Procura-se iniciar os septuagenários nas diversas actividades artesanais, na «bricolage», aconselha-se a começar uma colecção. Mas se qualquer actividade não é feita com entusiasmo, o tédio persistirá.

As viagens são um remédio eficaz? Nos comboios e aviões, fora do período anual de férias, uma parte dos lugares é sempre ocupado por pessoas idosas. Sob a égide dum organismo ou de uma associação, os reformados partem à descoberta do mundo. Visitam países longínquos, quando na sua maioria conhecem mal o próprio país. Mas a mudança de clima, de alimentação e da própria fadiga transformam frequentemente as deslocamentos numa tarefa penosa sem que qualquer deles ouse queixar-se. Aqui também o tédio não foi vencido e é agravado pelo desprazer que uma vida colectiva sempre impõe.

Então que fazer? Primeiramente é necessário saber aquilo que verdadeiramente devemos fazer. Considera-se frequentemente as pessoas que entram na categoria da terceira idade como crianças serôdias. Tomam-se decisões sem as consultar, sem conhecer as suas necessidades reais.

Criaram-se clubes e lares imaginando que os reformados aborrecer-se-iam menos no seio de uma colectividade. Ora é muito raro que um destes lugares de encontro não constitua a pior solução. Os solitários vão lá para não ficarem sós mas a maioria não faz senão aparições esporádicas neste tipo de reuniões, preferindo aborrecer-se sozinho do que em companhia.

Em contrapartida, existem grupos mistos, jovens e velhos, reunidos para fazer teatro, formar um grupo coral ou uma orquestra; neste caso, toda a gente se diverte e o ambiente, normalmente tão morno num clube da terceira idade, torna-se alegre.

Saber do que gostam. Durante toda a sua vida, o reformado cingido às suas tarefas quotidianas, sonhou com o que faria quando um dia tivesse todo o tempo livre, isto é depois de se ter reformado. Um desejaria consagrar-se à leitura, outro à jardinagem e outro ainda escolheria aprender uma língua estrangeira... Enfim chegada a hora da reforma nada fazem, em

vez disso ficam em casa a aborrecer-se. Muitas das vezes vão definhando e ficam doentes...

Preparar a terceira idade. É difícil mudar subitamente de vida sem anteriormente ter feito um plano cuidadoso. Não basta sonhar com o que se fará, é necessário primeiro organizarmo-nos, para poder encetar uma vida nova em bases sólidas.

Os homens aborrecem-se mais do que as mulheres. Aquelas que sempre foram domésticas, têm tarefas em casa que as ocupam. Fazem também «tricot», e a televisão traz-lhes ao domicílio toda a distração desejada. Em suma, na idade avançada para elas a vida continua como outrora.

Aquelas que tomaram a peito o trabalho profissional e o de casa, ficam muito contentes por terem algum tempo livre, e podem passar parte da manhã na cama, de flunar em casa em vez de se despacharem contentemente. Ter tempo para a sua própria chegado-lhes para a sua felicidade.

Conversam nas suas voltas, os netos ocupam-nas, em suma o tédio raramente as deprime excepto se estão sós no mundo, ou quando a saúde periclitante as impede de se ocuparem da casa.

Para os homens é diferente. Muitos reformados sentem-se humilhados e rejeitados da comunidade. Relegados para uma posição de inúteis, sentem vergonha da sua situação de reformados como se isso fosse uma tara.

Um homem que durante 30 ou 40 anos se habituou a sair de casa de manhã, a uma hora fixa para se dirigir ao trabalho, se encontrar com colegas, dentro dos mesmos hábitos, arrisca-se a re-forma e dispõe de todo o seu tempo.

Em casa sente-se a mais, a mulher prefere que saia enquanto ela executa as tarefas domésticas; fora, não sabe para onde ir.

A inactividade custa caro. Tudo o que ele poderia fazer

custa dinheiro. O cinema, o café e os meios de transporte estão fora do seu alcance. Evidentemente, quando se dispõe de uma boa reforma estas distrações tornam-se possíveis, mas, mesmo assim, acabam por se tornarem fastidiosas.

O tédio espreita tanto os pobres como os ricos.

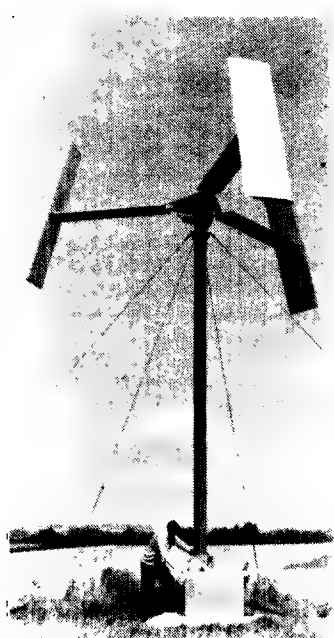
Uma decisão a tomar. Os indivíduos que não têm interesse verdadeiramente por nada são raros. Para esses há pouca esperança de escaparem à existência morna que levam. Mas, os outros, todos os outros, encontrarão uma solução se procurarem bem.

Antes de mais é necessário que eles próprios se deixem de tomar por cidadãos á parte. A terceira idade não pode tornar-se num «gheto» ou enclausurar-se. Procurando a companhia dos mais jovens, entregando-se a actividades que lhes agradam e não às que lhes são impostas acabarão por não se sentirem banidos pelos que ainda não atingiram a idade da reforma.

Charlotte Rix

Que saudades dos velhos moínhos...

Um novo tipo de moinho de vento de arranque automático e capaz de ajustar sozinho as suas velas para resistir a ventos ciclónicos substituirá, num futuro muito próximo, os velhos e românticos moínhos de vento. O seu nome, só por isso, marca a ruptura com todo um passado feito de sonhos: turbina eólica de geometria variável e eixo vertical!



A função deste novo produto da tecnologia moderna será essencialmente a produção de energia eléctrica em ruptura com as fontes tradicionais geradoras, ameaçadas pela escassez de matérias-primas.

Turbinas deste tipo vão ser proximamente instaladas nas ilhas Leeward para a produção de electricidade, embora este dispositivo possa ser igualmente utilizado para bombear água.

Na foto um dos dois modelos de turbinas existentes presentemente. Tem seis metros de altura e produz 3.200 watt de potência a uma velocidade média do vento de 10 metros por segundo.

NOVA TEORIA

Foi um asteróide que levou à extinção dos dinossauros

Uma equipa de cientistas sugeriu que os dinossauros se extinguíram há 65 milhões de anos, por um asteróide ter atingido a Terra, levantando tanta poeira que o globo foi lançado na semi-escurelidão por vários anos.

O professor Luis Alvarez, vencedor do Prémio Nobel da Física, da Universidade da Califórnia, disse que ele e a sua equipa pensavam que o asteróide atingiu a Terra com uma força de 100 milhões de bombas de hidrogénio, abrindo uma cratera de 160 quilómetros de comprimento.

A poeira levantada pela explosão lançou a Terra na semi-escurelidão durante vários anos, e a falta de luz do Sol matou plantas e privou os animais de comida, sugere o professor Alvarez num documento apresentado à sessão anual da Associação Americana para o Avanço da Ciência em São Francisco.

Os cientistas pensavam geralmente que os dinossauros foram mortos por uma seca que causou alterações climáticas a

que não se puderam adaptar.

O professor Alvarez declarou que a teoria da sua equipa se baseava principalmente na descoberta de um membro da família platina de metais, o irídio, em locais da Dinamarca e Itália.

O irídio é muito mais abundante em meteoritos do que na crosta terrestre, notou.

A concentração de irídio nos locais era 160 vezes superior àquela que se esperava, sugerindo que os depósitos eram provenientes de uma fonte extraterrestre, afirmou.

A quantidade de irídio descoberto sugeria que podia ser originário de um asteróide, que teria aberto uma cratera enorme, lançando na atmosfera poeira suficiente para esconder o Sol, aventou o professor Alvarez.

Disse que a ideia da sua equipa sobre o desaparecimento dos dinossauros era apenas uma sugestão, mas esta hipótese explica grande parte do que se conhece sobre a extinção dos dinossauros.

ASIA

IRÃO E AFGANISTÃO NA ONU

Governo de Frente Nacional em Cabul

Os novos dirigentes do Afeganistão decidiram encetar conversações com todos os sectores da população e abrir o governo a várias correntes políticas agrupadas numa Frente Nacional — anunciou a agência soviética TASS. O primeiro passo nessa abertura é a inclusão de três ministros não filiados no Partido, os quais além de participarem no gabinete, ingressarão também no Conselho Revolucionário. Por outro lado, foi lançado um apelo para que todos os que saíram do país no tempo de Hafizullah Amin regressem.

Por sua vez, no primeiro contacto que teve com jornalistas ocidentais, o presidente Babrak Karmal afirmou que não houve

nenhuma baixa soviética (fontes americanas falam de 1200 soldados mortos em combate) e que o pedido feito à URSS por Cabul se justifica por haver fundados receios de uma invasão imperialista no Afeganistão. Karmal asseverou que os soldados partirão logo que terminem a política agressiva dos EUA, em consonância com Pequim, e as provocações do Paquistão, Egipto e Arábia Saudita. Karmal afirmou ainda que mais de 10 mil presos tinham sido libertados desde que subiu ao poder em 27 de Dezembro, acrescentando que a URSS nunca apoiou Amin.

Enquanto isto, espera-se que termine esta noite a reunião da AG de emergência da ONU, com

a votação de uma moção subscrita por 17 países e na qual se pede a «retirada imediata e incondicional das forças estrangeiras do Afeganistão». Discursando na sessão de ontem, o embaixador da URSS declarou que o seu país se viu forçado a prestar auxílio militar a Cabul devido às ingerências armadas e às agressões estrangeiras contra o Afeganistão. O secretário-geral do PCF, Georges Marchais, regressado de Moscovo declarou ontem que o presidente Brejnev lhe afirmou que as tropas soviéticas não se envolverão nos conflitos internos do país e só ficarão no Afeganistão enquanto se mantiver a agressão imperialista. A senhora Idira

Gandhi, por sua vez, considerou perigosa a aliança militar sino-americana e afirmou que foi a intervenção ocidental em Cabul que abriu as portas «à intervenção soviética».

Por outro lado, o Canadá afirmou que não boicota o fornecimento de cereais à URSS, enquanto o PCI propôs no Parlamento Europeu uma moção contra a «intervenção soviética no Afeganistão» e a Inglaterra chamou para consultas o seu embaixador em Moscovo.

MENSAGEM DO IRÃO

Uma inesperada mensagem das autoridades iranianas levou ontem à interrupção dos trabalhos do C. de S. da ONU, onde se discutiam as sanções económicas, que, a pedido dos EUA, estão em projecto contra Teerão. A mensagem teria sido dada ao secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, pelo MNE iraniano. Nela se solicita o reconhecimento da legalidade dos pedidos do Irão para a extradição do antigo xá e recuperação dos seus bens. Não se sabe o que o Irão oferece em troca, mas supõe-se que será a libertação dos reféns. Embora os EUA se mostrem cépticos quanto a isto, fontes diplomáticas ocidentais consideram que se trata de um «passo em frente». Recorde-se que o Irão enviou entretanto um mandato de captura e pedido de extradição do sr. Reza Pahlavi, acusado de genocídio, tortura e desvio de fundos públicos. Ontem corriam rumores de que o antigo monarca iria trocar o seu exílio panamiano por outro, mais seguro, no Paraguai.

Prossegue, entretanto, a agitação em Tabriz, onde uma rusga efectuada ontem à sede do Partido Republicano Popular Muçulmano levou à detenção e posterior fuzilamento de onze dos seus elementos. Segundo fontes oficiais, os executados «foram considerados culpados de matarem inocentes e foram apanhados ainda com as mãos sujas de sangue». Ignora-se o que acontecerá depois destas execuções embora seja previsível que elas levam a novo surto de violência.

EUROPA

JUGOSLÁVIA

Reforçar a vigilância

A Presidência da República e a Liga dos Comunistas da Jugoslávia, as duas mais altas instâncias do poder, publicaram ontem um comunicado conjunto no qual apelam para o «prosseguimento do reforço da vigilância e da segurança» em todos os pontos do país.

O comunicado alega que o «carácter muito complexo da actual situação mundial» exige que se reforcem os sistemas de defesa popular generalizada, da autoprotecção social e da vigilância e segurança. Por outro lado, aponta a consolidação da unidade e da fraternidade entre os povos jugoslavos como a via mais segura para consolidar a independência do país.

As preocupações subjacentes a este comunicado prendem-se directamente com a doença do presidente Tito, de 87 anos, cujo estado de saúde exige, segundo o último boletim médico, o «prosseguimento do tratamento intensivo».

segunda-feira os trabalhadores concentrar-se-ão na Praça de Espanha de Barcelona. Esta é a primeira greve realizada depois do «pacto social» assinado entre a entidade patronal e a central sindical socialista UGT, por isso a greve da SEAT é considerada uma prova de força entre as CCOO (que a dirigem) e a UGT. Entretanto entraram ontem em vigor os estatutos de autonomia do País Basco e da Catalunha. Por último, a ETA militar reivindicou ontem o atentado que custou a vida ao chefe da Polícia de Alava (País Basco), Jesus Velasco.

● TURQUIA — A TV turca anunciou que perderam a vida ontem três polícias no decurso de um ataque a um comissariado na cidade de Iskenderun. Outras seis mortes ocorreram em diversos pontos da Turquia, onde a violência política ceifou a vida de nove pessoas nas últimas 24 horas.

● FRANÇA — O Orçamento francês de 1980, que deparou com uma oposição sem precedentes na Assembleia Nacional, foi aprovado automaticamente ontem, à noite, após o Governo sobreviver a duas moções de confiança.

● ESPANHA — Mais de vinte mil trabalhadores que há dois dias se mantêm em greve na fábrica SEAT, na zona de Barcelona, decidiram continuar essa forma de luta para negociarem novo CCT. Na próxima

Greve geral paralisou a Córsega

Uma greve geral decretada por 21 organizações políticas da Córsega paralisou ontem toda a actividade dessa ilha integrada na França. Depois da rendição do grupo de autonomistas que sequestraram 11 reféns num hotel de Ajaccio, a calma parece regressar à ilha, embora se registre ainda a presença de fortes efectivos policiais e de patrulhas armadas nos principais pontos da capital corsa.

Continua entretanto a desconhecer-se o paradeiro do major Bertolini, raptado há quase oito dias em Bastelica, e acu-

sado pelos separatistas de pertencer a uma organização parapolicial «França» que tem por missão infiltrar os meios autonomistas e comprometer a sua acção.

Por último, estão a chegar à Córsega representações de partidos políticos franceses que vão estudar a situação *in loco*. O Partido Socialista condenou já a forma como o Governo tem procurado enfrentar o problema, preferindo o recurso à violência policial e recusando-se ao diálogo com os separatistas.

AFRICA

Três prisões em Port Elizabeth

Violentos incidentes eclodiram ontem no bairro negro de Walmer, junto de Port Elizabeth, na África do Sul. Tudo se passou quando o activista sindical negro, Thozamile Botha, ia discursar para uma multidão avaliada em mil pessoas, e a polícia interveio usando bombas de gás lacrimogénio. Foram feitas três prisões: a do referido activista, a do jornalista Mono Badela, do jornal negro «The Post», e a de um outro elemento que as agências não identificam.

Botha foi o principal organiza-

dor de uma greve de nervos da Ford, contra a discriminação racial na empresa, greve que se saldou por uma vitória dos negros, todos eles readmitidos, ao fim de 10 semanas de luta. Dirigentes negros protestaram contra esta acção da polícia racista e ameaçam decretar greve, se os presos não forem libertados.

Enquanto isto, chegou ontem a Joanesburgo o secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, dos EUA, Richard Moose. Tema dos encontros oficiais previstos: Rodésia e Namí-

bia, Mosse avistar-se-á com representantes de todas as comunidades sul-africanas, e veio de Lusaka onde se encontrou com o dirigente da Frente Patriótica, Joshua Nkomo. Depois seguirá para outras capitais africanas.

● ZAIRE — A China vai treinar e equipar uma unidade de combate de comandos do Zaire, em forma de agência oficial zairense. Terá sido o embaixador chinês em Kinshasa quem informou as autoridades zairenses das disposições do seu país.

Sete guerrilheiros mortos pelo Exército rodesiano

O Exército rodesiano matou sete guerrilheiros, numa batalha com um grupo de combatentes que, embora aceitando integrarem-se num acampamento da Commonwealth, se recusavam a depor as suas armas como o exigem as autoridades britânicas.

É o primeiro incidente sério deste género que se verifica depois do cessar-fogo, há duas

semanas e passou-se anteontem na região de Lupane, no sudeste da Rodésia, com um grupo de resistentes do ZIPRA de Joshua Nkomo.

Depois do prazo previsto para a reunião dos guerrilheiros ter expirado há uma semana, os retardatários devem ser desarmados e decretados «ilegais». Várias centenas de resistentes aceitaram as condições e é a

primeira vez que um grupo as recusou. No princípio da semana, uma confrontação deste género foi evitada depois da intervenção pessoal dum chefe de guerrilha.

Entretanto, a Deta, companhia aérea moçambicana, inicia amanhã os seus voos regulares para a Rodésia — anunciou hoje Rádio Maputo, captada em Londres.

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO
À FÁBRICA DE CHOCOLATES
REGINA, Lda

PRÉ-AVISO DE GREVE

Para efeitos do n.º 1 do art.º 5.º da Lei 65/77 de 26 de Agosto, comunica-se que os trabalhadores da — FÁBRICA DE CHOCOLATES REGINA LDA —, com as categorias profissionais de Vendedor — Caixa de Praça e Caixa de Viajante e de Chefe de Vendas, farão Greve no período de tempo compreendido entre 14 de Janeiro e 18 de Janeiro de 1980, pelos motivos constantes no primeiro PRÉ-AVISO DE GREVE e ainda pelo facto de a Gerência da Fábrica de Chocolates Regina, Lda, manter inalterável a sua posição de diminuição unilateral de retribuição variável dos trabalhadores em causa.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

SINDICATO
DOS TRABALHADORES
DE ESCRITÓRIO
DO DISTRITO DE COIMBRA
ASSEMBLEIA GERAL
CONVOCATÓRIA

De acordo com o disposto na alínea c) do art.º 31.º e alínea b) do art.º 33.º dos Estatutos, convoco os associados deste Sindicato a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, pelas 21.30 horas do próximo dia 17 de Janeiro de 1980, na Sala de Reuniões do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro, Rua Simões de Castro, 159-1.º D, em Coimbra, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Apreciação e votação do Orçamento do Sindicato para 1980

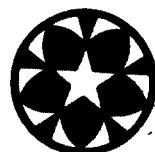
Coimbra 9 de Janeiro de 1980

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Abílio José Durão Soares)



NOVIPELES
FABRICANTE
VENDA AO PÚBLICO
PREÇOS DE FÁBRICA

Tudo em Antilope e Cabedais — Pintura, Arranjos e Limpezas
Rua José Falcão, 5, 1.º (ao Chile) Lisboa 1 — Tel. 823015.
Brevemente: Centro Comercial Bloco 10
Rua Pinheiro Chagas 10 (ao Saldanha)



ASSOCIAÇÃO
PORTUGAL URSS

Inauguração de uma exposição de livro infantil soviético com a presença do director da editorial soviética MALISH.
2.ª feira, dia 14, pelas 18 h, na R. Conde Redondo, 38-A, Lisboa.
Horário: 15 h - 21 h.

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

O CASO DO AFGANISTÃO

Duas certezas e um mar de incógnitas

Há acontecimentos sobre os quais pouco (ou nada) se sabe e muito se teoriza: este parece ser o caso do Afeganistão e da propalada intervenção soviética nesse país. De concreto e inegável há duas coisas: o presidente Hafizullah Amin, chegado ao poder através de um golpe de Estado, foi destituído, julgado, executado e substituído por um novo dirigente; tropas e equipamento militar soviéticos têm sido enviados para o Afeganistão, nos termos de um tratado assinado entre os dois países em 1978 e invocado por Cabul e Moscovo. É propósito deste artigo fazer uma espécie de ponto da situação, de acordo com informações obtidas através das agências ocidentais de Informação, do jornal «Le Monde», da revista norte-americana «Time» e da Imprensa soviética, com base, para esta última, em materiais fornecidos pela Novosti.

A ideia posta insistentemente a correr no Ocidente é a de que um governo legítimo existia no Afeganistão, mas, porque não agradava aos soviéticos, a URSS invadiu aquele país e impôs um homem da sua confiança no poder.

Há já aqui certas imprecisões que interessa esclarecer. A legitimidade do Governo de Hafizullah Amin só é aceitável para quem aceite a legitimidade do governo Taraki e Daud Khan.

Na verdade, ambos os governos citados se instalaram no poder graças a um golpe de Estado. Ora o facto curioso é que essas mudanças ocorridas no Afeganistão foram sempre atribuídas a «manobras» soviéticas. No ano de 1973 um golpe de Estado expulsou o rei do Afeganistão e colocou no trono seu primo, Daud Khan, o qual posteriormente instaurou uma república democrática e parlamentar, e iniciou no papel uma série de reformas da estrutura económico-social do país. A esquerda apoiou esse golpe, mas o novo regime não tardou a ser dominado pelas forças retrógradas e a perseguir os aliados da véspera. Surge então a revolução de 27 de Abril de 1978 que leva Taraki ao poder e que causa viva celeuma no Ocidente.

A tese do acesso aos «mares quentes» (1) foi então brandida, como já o tinha sido cinco anos antes, pelos mesmos teóricos ocidentais que, com o correr dos tempos, se foram esquecendo do rei e começaram a gostar do presidente. Esses mesmos teóricos, em Setembro de 1979, garantiram que Hafizullah Amin representava mais um passo soviético no controlo da situação em Cabul e quase pareceram dispostos a lamentar a queda de Taraki. Dias antes do golpe de 27 de Dezembro, a Imprensa ocidental denunciava Amin por pedir auxílio à URSS e falava do «perigo de uma intervenção soviética». Esquecendo-se do que afirmara dias atrás, a mesma Imprensa descobre agora que os soviéticos lhe fizeram perder um amigo em Cabul.

Outra voluntária imprecisão diz respeito à data em que chegaram a Cabul os efectivos e o equipamento militares soviéticos.

O jornalista do «Le Monde» Gerard Viratelle (adepto também da teoria «dos mares quentes») diz que a intervenção militar soviética permitiu a Moscovo colocar no poder em Cabul uma forte personalidade do movimento comunista afegão. (Esta classificação já fora dada também a Taraki e a Hafizullah Amin). Mas não explica como foi a intervenção nem quando foi. As fontes donde se têm sistematicamente retirado informações respeitantes à data da chegada dos soviéticos a Cabul e à participação de tropas da URSS nos combates na capital afegã são exclusivamente americanas. Para a «Time» foi na manhã de Natal que se começaram a ver chegar a Cabul tropas soviéticas de combate, desembarcadas numa impressionante ponte aérea. Os

EUA teriam pensado que essa ponte se destinava a contrabalançar a intensificação da presença naval e aérea norte-americana no Médio Oriente. Mais tarde, pensaram que se tratava de reforços para auxiliar o presidente Amin a combater os «rebeldes muçulmanos» (isto é, os contra-revolucionários treinados no Paquistão, com intervenção e financiamento americano e chinês). A «verdade» ficou, no entanto, descoberta quando Rádio Cabul anunciou a substituição do presidente Amin por um «homem forte», Karmal.

A situação no Afeganistão é, evidentemente, confusa e perturbadora, tanto mais que o acesso aos locais onde a acção se desenrola é extremamente difícil. Por isso se presta a várias manobras de intoxicação. Não seria impossível, e, se tal acontecesse, não teria ocorrido pela primeira vez, que os EUA estivessem bem informados sobre a debilidade do governo Amin, e que, na previsão de um golpe iminente, tivessem começado a lançar o boato da «ponte aérea» para darem a entender que qualquer alteração surgida em Cabul seria obra de Moscovo. A verdade é que quando começaram a circular notícias sobre a ponte aérea, o jornal do PCUS, «Pravda», considerou-as uma «sinistra invenção» dos americanos. Recorde-se que todos estes acontecimentos surgiram numa altura em que os EUA se encontravam a braços com o caso dos reféns em Teerão e em que procuravam aumentar as suas bases na zona do Médio Oriente.

Uma coisa é certa: sobre esta questão de importância fundamental para apreciação do problema, há duas versões que se opõem e ainda ninguém provou a evidência a falsidade de qualquer delas: a versão americana retomada em coro pelo Ocidente, segundo a qual os soviéticos participaram directamente no golpe de estado, e a versão soviética de acordo com a qual as novas autoridades de Cabul invocaram o tratado entre os dois países requerendo legitimamente auxílio militar a Moscovo.

Outra coisa é igualmente certa: depois do dia 27 de Dezembro têm chegado fotografias com soldados soviéticos no Afeganistão, mas da tão falada «ponte» anterior a esse dia nunca chegou nenhuma prova.

Para sermos justos, devemos acrescentar que, além deste ponto, outros são muito obscuros também. Por exemplo: as próprias razões da queda de Hafizullah Amin. Uma primeira impressão que necessariamente se retira da instabilidade em Cabul é a de que a revolução de Abril conhece sérias dificuldades. Para além das razões óbvias dessa dificuldades — o grande atraso económico social e cultural do país — outras há, e dessas grande parte da responsabilidade cabe aos EUA.

Lembremos que o Afeganistão se situa no «arco das crises», definido pelo conselheiro especial do presidente Carter, Brzezinski.



Manifestação de apoio a Taraki

Depois da perda do Irão, a «cintura estratégica» com que os EUA pretendem rodear as fronteiras meridionais da URSS fica tremendamente «desguarnecida». Não é por acaso que a Tucquia adquire um grande valor estratégico para Washington, que o Paquistão, com ditadura, morte de Ali Bhutto e desobediência nuclear é alvo de todas as atenções, e que a aliança com a China se reanima e altera qualitativamente, assumindo agora feição estratégico-militar. Daí que, logo após a revolução do Abril os americanos tenham planeado, com a cumplicidade da China, do Paquistão e do próprio Irão (decerto por razões diversas) uma agressão constante ao país. Grupos de contra-revolucionários (religiosos conservadores, representantes da burguesia desapossada, moderados pró-ocidentais, encetam uma luta de guerrilha e sabotagem económica. A revista britânica «The Economist» escreveu há meses que havia provas concluintes da acção da CIA e da presença de instrutores chineses nos campos de treino dos «rebeldes afegãos» no Paquistão, país que tem servido de principal base para os ataques contra o regime de Cabul. E muito sintomaticamente foi na RFA que representantes dos diversos grupos de «resistência afegã» se reuniram, por mais de uma vez, até criarem um «Conselho Nacional de Salvação» — e é na RFA que continuam ainda a reunir-se em busca de uma personalidade unificadora.

O que parece, no entanto, perturbador é que agora Hafizullah Amin seja apresentado como elemento dessa conspiração imperialista. As razões destas afirmações, proferidas pelas novas autoridades de Cabul e veiculadas como citação pelas agências soviéticas, não estão muito claras. Segundo um artigo de Alexei Petrov publicado no «Pravda», «por diferentes artifícios Amin tomou as rédeas do poder. O presidente Taraki foi fisicamente suprimido. Amin, pelas suas actividades criminosas, pelas suas grosseiras infracções à legalidade, pela sua crueldade e abuso do poder, difamou e comprometeu os ideais da revolução de Abril. Ficou com as mãos manchadas de sangue de grande número de representantes do povo trabalhador afegão, de membros do Partido Democrático Popular, de valorosos militares, de religiosos muçulmanos, enfim, de muitos outros cidadãos honestos».

fere que Taraki foi morto em Setembro quando tentava ver-se livre de Hafizullah Amin, seu primeiro-ministro. Tanto Amin como Taraki pertenciam à facção Kalk, do partido.

O actual chefe do Estado, Babrak Karmal, é de outra facção («Parcham»). Entre as duas facções não existia qualquer divergência política essencial, sendo razões de conflitos de

personalidades ou de clãs as que «Le Monde» aponta como justificativas do conflito. O certo é que já no tempo de Taraki, e, ao que parece, por influência de Amin, os elementos de Parcham foram afastados do poder — e muitos deles exilaram-se no Leste europeu ou optaram pela clandestinidade. A depuração atingiu militares e civis, e, segundo certas fontes, estaria para

Alice Nicolau

uma data muito próxima da queda de Amin, programada a eliminação física dos presos políticos.

O regime de Amin era, segundo tudo indica, sangrento, ditatorial e nepotista. Um irmão dele, Abdullah, era comandante militar do sector norte de Cabul, enquanto um sobrinho, Assadullah, era chefe da polícia secreta e vice-ministro dos Negócios Estrangeiros. As prisões estavam cheias de detidos, entre os quais a própria viúva de Taraki e muitos elementos que tinham tido papel preponderante na revolução de Abril. As novas autoridades libertaram já milhares de presos e comprometeram-se a realizar eleições livres, nas quais poderão participar todos os partidos progressistas com exclusão dos chamados «rebeldes muçulmanos» e dos elementos fiéis a Amin.

Regista-se também o regresso em força a postos dirigentes dos revolucionários da primeira hora, incluindo dois militares que se julgava terem sido mortos em Setembro, mas que afinal tinham buscado refúgio na Embaixada soviética em Cabul.

Todas as declarações das novas autoridades bem como a libertação de milhares de presos políticos indicam que se optou pela pacificação nacional, a qual não exclui os objectivos revolu-

Continua na pág. 15

FOTOCOPIAS
DESDE \$40Encadernações, plastificações
e trabalhos em offset

Discoteca Filinto

Av. 5 de Outubro, 53-A — Tel.
535040

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDF — Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/65 892, arquivo 18, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Coruche, de uma linha aérea a 30kV, com 196 metros, do poste n.º 11 da linha para o posto de transformação da Moagem do Vale do Sorraia ao posto de transformação n.º 746 — Estação do Caminho-de-ferro de Coruche.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em
17 de Dezembro de 1979.

O DIRECTOR DE SERVIÇOS

José Flores

CONVÍVIO

Pretende senhora c/cav. 45-50 anos, livre, progressista, muito culto e inteligente, muito carinhoso, possível compromisso sério.

Resposta ao «DL» ao número 12107



SINDICATO
DOS TRANSPORTES
RODOVIÁRIOS
DO DISTRITO
DE LISBOA

Av. Vilela de Valmor, 34
Telef.: 77 00 66 - 76 32 76
LISBOA

MOÇÃO

A grava situação das populações açorianas, após o violento abalo sísmico do dia 1 de Janeiro, despertou a nível nacional e internacional uma grande campanha de solidariedade e interajuda.

Nesta campanha ocupa lugar de destaque o apelo feito pela CGTP-Intersindical Nacional, imediatamente correspondido por todo o Movimento Sindical Unitário.

Os Corpos Gerentes do SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, reunidos no dia 10 de Janeiro de 1980, solidários com os trabalhadores e a população açoriana em geral, exortam todos os associados deste Sindicato a participar, na medida das suas possibilidades, na presente campanha.

Neste sentido, e não minimizando qualquer iniciativa já em curso, sugerem aos delegados sindicais o lançamento de campanhas de angariação de fundos destinados às vítimas do sismo ocorrido nos Açores, devendo o produto ser enviado ao Sindicato ou directamente à União dos Sindicatos de Lisboa que está a centralizar as recolhas feitas a nível dos Sindicatos de Lisboa.

VIVA A SOLIDARIEDADE ENTRE TODOS OS TRABALHADORES!

Lisboa, 10 de Janeiro de 1980
Os Corpos Gerentes

Cenas & Cenários

LUÍS CÍLIA EM ANGOLA

O cantor e compositor português Luís Cília encontra-se em Angola, onde deverá efectuar uma série de espectáculos nas cidades de Luanda, Malanje, Kalandula, Kuito, Huambo, Lubango e Moçâmedes.

Luís Cília chegou a Luanda no passado domingo, iniciando na quarta-feira as suas actuações na capital angolana.

JOSÉ AFONSO NA RFA

José Afonso inicia no dia 18, em Frankfurt, uma digressão pela República Federal da Alemanha. Esta digressão, que terminará no dia 5 de Fevereiro em Hamburgo, é organizada pela Cooperativa de Animação Cultural «Era Nova» e pela associação alemã «Kultur Initiative».

Zeca Afonso, que tocará juntamente com Júlio Pereira, Guilherme Scarpa e Henri Tabot, actuará em treze cidades, entre as quais Mannheim, Bona, Berlim, Freiburg, Stuttgart e Tubinghan.

O concerto de Berlim, disse à ANOP um dos animadores da «Era Nova», será gravado para a rádio e televisão da RFA.

«O REALEJO» LANÇA BOLETIM

A Cooperativa de Produção de Espectáculos «O Realejo» acaba de lançar o primeiro número do seu boletim denominado «Em Nossa Companhia».

Editado com o apoio do FAOJ do Porto, aquele boletim diz em editorial que se tornava imperioso «estreitar relações entre a cooperativa e as pessoas que mais directamente a têm apoiado, que nela confiam e vêm um embrião, que é já árvore ramalhuda, dos passos a dar pela transformação do pobre e repetitivo panorama cultural da cidade do Porto».

SÁBADOS CLAC

É um facto que certo cinema português não tem conseguido penetrar nos circuitos de exibição comercial. O Clube dos Amigos da Comuna (CLAC) reservou o seu tempo e espaço para quebrar essa couraça e passar, no casarão cor-de-rosa da Praça de Espanha, alguns filmes que serão comentados pelos seus realizadores, críticos da especialidade e cineclubistas. Hoje, às 17.30, e amanhã, às 21.30, será exibido «Terra de Pão, terra de luta», de José Nascimento, seguido de debate com a participação do realizador e do crítico Salvato Meneses.



Jean Bellard

Recital de música da idade Média francesa

A primeira manifestação cultural da Alliance Française realiza-se na próxima segunda-feira, às 18.30, na igreja de São Luís dos Franceses (Rua das Portas de Santo Antão).

Jean Bellard, ao som do alaúde medieval, interpretará o canto gregoriano das grandes abadias, as canções dos que partiam em cruzada para a Terra Santa ou em peregrinação a Santiago de Compostela, as baladas dos trovadores, menestres e jograis.

Bellard é fundador e solista do Conjunto Guillaume de Machaut, de Paris, e director do «Ensemble Couperin-le-Grand», dedicado à redescoberta da música barroca francesa.

Teatro infantil

«ERA UMA VEZ...» NO TEATRO ABERTO

O Teatro Infantil de Lisboa mantém em cena no Teatro Aberto, na Praça de Espanha, o seu espectáculo «Era Uma Vez...», de Agostinho Macedo e Rui de Matos, poemas de Fausto Correia Leite, música de Filipe Trigo, realização plástica de Francisco d'Almeida, sonoplastia de Clívio de Carvalho e encenação e figurinos de Rui de Matos.

«Era Uma Vez...», que entrou no seu 3.º mês de cena, é representado por Agostinho Macedo, Carlos Fernandez, Estela Arouca, João Paulo

Macedo, Kim Cachopo, Paula d'Almeida, Paulo Nascimento, Rafael Mário e Zita Esteves. Acompanham ao vivo as canções: Filipe Trigo (viola) e Paulo d'Almeida (órgão).

Os espectáculos no Teatro Aberto são todos os sábados e domingos às 16 horas. O TIL é subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura.

OS PAPA-LÉGUAS NA ESTEFÂNIA

Cumprindo o seu plano de trabalho, o Teatro de Animação «Os Papa-Légua», apresenta em Lisboa, no mês

de Janeiro, «A-Corda».

Estreado em Novembro no Encontro Nacional de Teatro para a Infância, este espectáculo, para maiores de 6 anos, baseia-se na mímica e no som ao vivo.

Hoje e amanhã, estará na Casa da Cultura, na Rua D. Estefânia, e em 19 e 20 de Janeiro no TNT, na Praça José Fontana.

Explorando a dimensão lúdica do universo da infância: saltar à corda, «casinhas», índios e «cow-boys», procura-se ao mesmo tempo, a tomada de consciência, tão necessária à libertação do poder criativo na criança.

NA BAIXA DA BANHEIRA Colóquio sobre a infância e a juventude

Amanhã, a partir das 15 horas, na sala onde, na Baixa da Banheira, está patente uma ampla exposição sobre a criança e a juventude na URSS, vai realizar-se um colóquio subordinado a esse tema.

A embaixatriz da União Soviética, Valentina Nicolaieva Kalinin estará presente na sessão, na qual também participarão a investigadora e escritora, Dulce

Rebello, P. Nefedov, redactor-chefe da editora Malich que, na URSS, está votada para a edição de obras infantis e juvenis, Manuel Alberto Valente, director da revista «Vida Soviética» e, ainda, os jornalistas Iuri Barkovski e Alexandre Zditovetski.

Tanto a exposição como o colóquio são abertos ao público, na Estrada Nacional n.º 250, na Baixa da Banheira.

Norman MacLaren

Teve ontem início no Instituto Britânico, em Lisboa, um ciclo de filmes de Norman MacLaren.

O ciclo inclui quatro programas, cada um exibido duas vezes. No primeiro (segunda-feira, às 15 horas) será mostrado «Os Vizinhos», um dos seus filmes mais conhecidos. No dia 16 (às 18.30), Vasco Granja apresentará a sessão. As sessões dos dias 22 (às 15.30) e 23 (às 18 h.) são preenchidas com um filme da BBC sobre a vida e obra do cineasta. As dos dias 29 e 30 incluem algumas das suas obras mais recentes, como «ballet adagio» e «pas de Deux».

A VIOLÊNCIA LEVADA AO EXTREMO!
A ÚLTIMA LEI NUM MUNDO FORA DE CONTROLO!
CADA CURVA DA ESTRADA PÕE-NOS DIANTE DE UMA NOVA ESPÉCIE DE TERROR!

MAD MAX
“AS MOTOS DA MORTE”

MEL GIBSON - JOANNE SAMUEL - HUGH KEAYS - BYRNE
STEVE BISLEY - TIM BURNS - ROGER WARD - «MAD MAX»
Produção de BYRON KENNEDY Realização de GEORGE MILLER
Música de BRIAN MAY Argumento de JAMES McCASLAND - GEORGE MILLER

4.º Feira Sensacional ESTREIA **ODEON**

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

SENSACIONAL CONCURSO HONDA
Todos os espectadores do ODEON ficam habilitados ao último modelo da motorizada «HONDA CAMINO» em exposição no cinema. Oferta da IBA, Lda. a sortear no último dia de exibição.

EM 1980 — ANO DE CAMÕES
INCLUIA NOS V/ESPECTÁCULOS

EDUARDO VILAVERDE
EM
«MUDAM-SE OS TEMPOS,
MUDAM-SE AS VONTADES»

MEIA-HORA COM SONETOS DE CAMÕES
DITOS DE MANEIRA «REVOLUCIONÁRIA»
CONTACTAR — «CANTARABRIL»
AV. E.U.A., 51-C — TELEF. 80 42 42 — 1700 LISBOA

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21.45

DRAGÃO DE EVGUENI SCHWARTZ

domingo só às 18 horas
segunda-feira descanso

PRAÇA DE ESPANHA • M. PALHAVA • TEL. 76 26 24

TEATRO ABERTO
Praça Espanha (metro Palhava)
Telef. 770965

TEATRO INFANTIL DE LISBOA
Apresenta:

UMA «REVISTA À PORTUGUESA»
O ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS QUE OS ADULTOS DEVEM VER

era uma vez...
ENCENAÇÃO DE RUY DE MATOS
SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16 H.
Subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura

JOSE VIANA **DORA LEAL**

A ESCOVA DE DENTES

TEATRO ACADEMIA DE SANTO AMARO
TEL. 636637

GH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11
Tel. 87 56 26

2.º MÊS
«MISS JULIE»
DE STRINDBERG
3.ª a Sáb. — 21.45
Sábados — Matinéis às 16.00
Domingos só às 17.00
Folga às 2.ªs feiras

Os sócios da Voz do Operário têm entrada gratuita
Subsidiado de SEC
Ingresso e menores de 13 anos

ADOQUE teatro
TEL: 87 44 76
HOJE ÀS 21.45 H
AMANHÃ ÀS 20.30 e 22.45 H
DOMINGO ÀS 16.30 e 21.45 H
DESCANSO ÀS 4.ªS-FEIRAS

ÊXITO! «QUERIAS MAS NÃO TE DOU!» ÊXITO!
QUERIAS MAS NÃO TE DOU!
QUERIAS MAS NÃO TE DOU!

ERMELINDA ★ NICHOLSON ★ MAGDA ★ ESMERALDA ★ FEIO ★ AMÉLIA ★ BOM-BOM ★ MANUELA ★ CAMACHO ★ M.ª RUAS

SÁBADO ÀS 18 HORAS
DOMINGO ÀS 14.30 HORAS
ZÁS! TRÁS! PÁS! UM MUSICAL MARAVILHOSO PARA TODOS!
ATENÇÃO ÀS ESCOLAS!

AMANHÃ ÚLTIMO DIA
ACADEMIA ALMADENSE
Sáb. 21.45 e Dom. 16 e 21.45 h.
A QUESADA DUM ANJO
de CAMILO C. BRANCO
com António Assunção e Ena Paul
GRUPO DE CAMPOLIDE

AMÉRICA

Importante remodelação no Governo de Cuba

O presidente Fidel Castro de Cuba efectuou ontem a maior remodelação do seu governo em vinte anos.

As mudanças, afectando mais de metade dos 34 ministros ou presidentes de instituições com

categoria ministerial de Cuba, foram anunciadas em decretos publicados no jornal «Granma».

A remodelação constitui uma medida para fortalecer a eficiência económica, centralizando mais o seu controlo.

Se bem que os ministros desempenhem importante papel administrativo em Cuba, o poder último repousa nas mãos do Partido Comunista, do seu Comité Central e do seu Politburo, que não sofreu alterações. Fidel Castro é o chefe do Es-

tado, o primeiro-Ministro e o primeiro secretário do Partido.

MORRE UMA HEROÍNA

Morreu ontem em Havana Celia Sanchez Manduley, figura histórica da Revolução castrista na qual desempenhara um papel militar importante.

Adepta logo no início da acção de Fidel Castro, contribuiu para a implantação dos grupos de resistência castristas na montanha e foi secretária pessoal de Fidel Castro em 1959, continuando a ser também chefe da guerrilha.

Depois de ter ocupado diversos cargos no governo, era secretária do Conselho de Ministros, membro do Comité Central do PC Cubano e deputada à Assembleia Nacional.

Dois embaixadores sequestrados em San Salvador

Guerrilheiros de esquerda ocuparam ontem a Embaixada do Panamá em S. Salvador e detiveram os embaixadores panamiano e costa-riquenho — anunciou a polícia.

Um porta-voz identificou os guerrilheiros como sendo membros da Liga Popular 28 de Fevereiro, um dos vários grupos anti-governamentais de El Salvador.

A notícia da polícia não esclarece se os guerrilheiros estavam armados ou se a ocupação se efectuou pacificamente. O porta-voz disse que as forças de segurança salvadorenhas só interviriam a pedido dos governos do Panamá ou da Costa Rica.

Ignora-se, de momento, por que se encontrava o embaixador da Costa Rica na Embaixada do Panamá.

A Junta de Governo Revolu-

cionária de S. Salvador afirmou ontem à noite que fará todos os esforços para assegurar a integridade física dos embaixadores.

Um porta-voz oficial declarou à AFP que a Junta está pronta a suspender todos os seus trabalhos para a constituição dum novo gabinete e dar toda a prioridade ao caso da Embaixada do Panamá.

Os guerrilheiros trotskistas das LP-28 exigiram ontem à noite a libertação de nove dos seus companheiros detidos pelas Forças Armadas em Dezembro último.

Entretanto, o Partido Comunista e dois grupos de guerrilheiros de El Salvador anunciaram a sua fusão, declarando que a única alternativa para o povo salvadorenho era o recurso à luta armada.

OCEANIA

Furacão na Austrália

Brigadas de socorro prosseguem uma ponte aérea para transportar para lugar seguro 400 pessoas que perderam os lares quando o furacão Amy fustigou Goldsworthy, uma cidade mineira isolada no Oeste da

Austrália.

Cerca de 120 mulheres e crianças foram levadas para zonas seguras por uma ponte aérea de aviões ligeiros, arrostando contra a violência do vento e chuvas torrenciais. Gold-

worthy é uma cidade devastada e acha-se isolada por cheias. As autoridades calcularam os prejuízos em mais de 20 milhões de dólares australianos (cerca de 1.100.000 contos).

O caso do Afeganistão

Continuação da pág. 13

cionários, agora apresentados como a «via para o socialismo». E isto leva-nos à pergunta inicial: porque caiu Amin? Por ter cometido excessos que levavam à catástrofe? Ou por estar voluntária e conscientemente a querer inverter a marcha da revolução e a «passar-se» para o campo inimigo? Qualquer resposta a esta questão encontra justificação nos acontecimentos, mas os dados de que dispomos não nos permitem dar como certa uma ou outra hipótese.

Resta-nos agora apreciar as reacções dos EUA a estes acontecimentos. Já vimos que nada prova que tivesse sido com o auxílio directo de Moscovo que a mudança de chefia do Estado se operou no Afeganistão. Segundo todas as declarações de Moscovo e de Cabul, a entrada de tropas soviéticas no Afeganistão

decorre do tratado assinado em 1978 e está de acordo com a Carta das Nações Unidas, a qual, no seu artigo 51, prevê o direito inalienável dos Estados e uma autodefesa individual e colectiva para defrontar uma agressão e restabelecer a paz. É facto que o Afeganistão defronta desde 1978 uma agressão permanente através das suas fronteiras com o Paquistão. Certo é também que a URSS advertiu numerosas vezes os EUA contra as actividades sabotadoras e de guerrilha que fomentavam no Afeganistão. Ora, se os próprios EUA se sentiram no direito de invocar a carta da ONU para justificar uma eventual acção militar contra o Irão, alegando que a tomada dos reféns constitui uma ameaça contra a sua segurança, que razões têm agora para condenar o Afeganistão pelo facto de pedir auxílio a um país amigo e para atacar a URSS por se

dispor a prestar essa ajuda a um Estado, que tem uma fronteira extensíssima com a própria União Soviética?

Se os EUA se acham de o direito de invocar razões de segurança nacional num caso como o dos reféns de Teerão, que, embora ocorra com cidadãos norte-americanos, se passa muito longe das suas fronteiras, como poderão negar o direito da URSS a pôr cobro a uma perigosa agitação fomentada do exterior junto das suas fronteiras?

Vale a pena invocar por vezes o passado para compreendermos melhor o presente. Muitos estão ainda recordados dos acontecimentos de 1956 na Hungria. Na altura, a imprensa ocidental e os políticos do mundo capitalista descreveram os factos como um levantamento popular contra o regime, levantamento esse esmagado pelas tro-

pas soviéticas. Hoje nenhum autor sério nega que a Hungria foi então objecto de uma vasta conspiração reacçãoária, conduzida pelos serviços secretos americanos. Daqui a anos cá estaremos para ouvir as novas versões do caso presente. Só recordaremos que já em 1979 os EUA não hesitaram em fazer perigar o desarmamento, inventando que a URSS tinha enviado uma brigada de combate para Cuba. Foram semanas de uma verdadeira tempestade, durante as quais pudemos assistir ao espectáculo lamentável de um presidente e dos seus principais colaboradores gritarem bem alto que fariam retaliações contra a URSS se ela não retirasse essa brigada de combate, para depois vermos esses mesmos responsáveis da maior potência mundial confessarem que era tudo falso. Seguiram-se de imediato

as pressões para levarem os países da NATO a aceitar a instalação na Europa de novos mísseis nucleares. Conseguido isso, dá-se agora em pasto a «questão afegã» para colocar o mundo à beira da guerra fria, para fazer recuar o processo de desarmamento quase até ao ponto zero.

Todos os dias o presidente Carter apresenta novas ideias de retaliação. Mas, se com isso consegue o apoio dos «ultras» que não votaram nele e que lhe fizeram a vida negra no Congresso, Carter pisa terrenos demasiado movediços tanto dentro dos EUA como junto dos países seus aliados. Está a exigir muito, está a fazer demasiadas pressões. E, embora oralmente os euro-ocidentais e os japoneses critiquem aquilo a que chamam a «invasão soviética» do Afeganistão, a verdade é que são muitas

as vozes que se ouvem a favor do desarmamento, são muitos os receios que se manifestam pela sua subsistência, e, sobretudo, são muitas as reticências para embarcar em aventuras de embargos comerciais, porque aí manifestamente o feitiço se vira contra o feiticeiro.

Sim, é verdade que há um homem novo no poder em Cabul. É verdade que há tropas soviéticas no Afeganistão.

Quanto ao resto... é um mar de incógnitas agitado pelas vagas alterosas de uma vasta operação de propaganda.

ALICE NICOLAU

(1) — Segundo esta tese, a URSS procuraria hoje, como os czares dos velhos tempos, um acesso aos «mares quentes» e o Afeganistão seria um ponto de passagem necessário para atingir tal objectivo.

LEVE O SEU CARRO DE COMBOIO LISBOA — CASTELO BRANCO

Apenas por 250\$00
(comprimento inferior a 4,42 m.)



Partidas diárias

Lisboa — 20.25 Castelo Branco — 8.30
3 h 30m de viagem

 Caminhos de Ferro Portugueses



PLENÁRIOS

Dia 16 de Janeiro

A direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, convoca todos os professores para os Plenários a realizar no **dia 16 de Janeiro**, nos locais abaixo indicados e com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1. Orçamento do Sindicato para 1980
2. Proposta Reivindicativa Comum da Função Pública (PRC) (incluindo a nova tabela salarial para 1980)
3. Informação sobre a reunião com o ministro da Educação

LOCAIS

LISBOA — Faculdade de Letras	21.30 h
SETÚBAL — Esc. Industrial	21.30 h
BARREIRO — Esc. Secund. Alfredo da Silva	18.00 h
SANTARÉM — Sindicato	21.30 h
TOMAR — Esc. Industrial	21.30 h
ABRANTES — Convento S. Domingos	21.30 h

POR UMA NOVA TABELA SALARIAL! PELO DIREITO À NEGOCIAÇÃO COLECTIVA!

TAÇA DE PORTUGAL

Haverá "maiores" pelo caminho

Benfica (que recebe o Portimonense) e FC do Porto, a medir forças com o Rio Ave (repare-se que são dois encontros entre equipas da I Divisão) não devem ter dificuldades para se desenharem os opositores. Curiosamente, equipas essas a debaterem-se com problemas de pontuação no «Nacional» e no lote dos derradeiros. Todavia, estes dois jogos (amanhã) respeitam à Taça de Portugal. O que também quer dizer que haverá mais duas equipas «maiores» pelo caminho.

Aliás, não só duas: mais uma, com efeito, ficará pelo percurso — ou o Guimarães ou o Setúbal. Outra curiosidade: um dos «Vitórias». Este, um dos confrontos interessantes, não só por envol-

ver dois «Vitórias» como pelo aparente equilíbrio (coisa que não se verá lá muito consultando a tabela pontual do Campeonato) que motivará. Outros embates curiosos em perspectiva: Comércio e Indústria — União de Lamas, Marítimo — Académico de Viseu, Elvas — Varzim, Penafiel — Estrela da Amadora e Sporting Ideal (Açores) — «Os Marialvas».

Esta tarde, entretanto, defrontam-se (ou estão a ver quem vale mais em termos de eliminatória) O Fafe — Bucelentes, Boavista — Cartaxo e Comércio e Indústria — Lamas (um dos jogos interessantes da eliminatória). Amanhã teremos: Farense — Mirandela, V. Setúbal — V. Guimarães, Beira-Mar — Atlético de

Valdevez, Nazarenos — Sporting, Marítimo — Académico de Viseu, Belenenses — Vasco da Gama, Elvas — Varzim, Penafiel — Estrela da Amadora, Benfica Castelo Branco — Leixões, FC Porto — Rio Ave, Bragança — Viseu e Benfica, Benfica — Portimonense e Sporting Ideal (Açores) — Os Marialvas (14.30 locais). Todos às 15, salvo a excepção registada.

II Divisão — Zona Centro (repetição): Oliveira do Bairro — Académico de Coimbra, às 15. — Zona Sul (Jogo em atraso): GD Quimigal — Nacional da Madeira, às 15.

III Divisão — Série D (Jogo antecipado): Marrazes — Alcains, no Estádio Municipal de Leiria, às 15.

Juniiores — Zona A: Sp. Braga — Chaves, Taipas — Leixões, Rio Ave — Candal, FC Porto — Tirsense e Limianos — V. Guimarães — Zona B: Canas de Senhorim — Lamego. Os Vilanovense — Sanjoanense (15 h). Oliveirense — Guarda, Belmonte — Espinho e Vilanovense — Académico. Zona C: Peniche — Coruchense, U. Coimbra — Alferrarede, Cernache — Alter, Naval — Desp. Olivais e U. Leiria — U. Tomar (campo de treinos do Estádio Municipal de Leiria). — Zona D: Sporting — Zona Azul, Belenenses — Benfica e Moura — S. Luís. Todos às 11 horas salvo a excepção apontada.



Para hoje e amanhã

Há várias modalidades desportivas hoje em acção. São, pelo menos. Vejam-nas:

ATLETISMO — Amanhã: «CROSS ROUND POINT» de Nancy (França), com a participação de Carlos Lopes e Fernando Mamede ambos do Sporting, e «Cross Internacional Juan Muguerza», em El Goybar (Espanha), entre San Sebastian e Bilbao, com a participação dos portugueses António Leitão (Sp. Espinho) Rafael Marques e Aniceto Simões (ambos do Sporting). Também amanhã, 3.º Grande Prémio Sumol, organizado pelo Belenenses nas ruas do Bairro do Restelo, com partidas (desde as 9.30) e chegadas no Estádio do Restelo.

BOXE — Hoje: 1.º, Amadora-Madrid, no pavilhão da Reboleira a partir das 21.30, com transmissão em directo pela TV.

CICLISMO — Hoje: 2.ª prova do Campeonato Regional de ciclismo do Sul, na Fonte da Eira (Aguilva/Cacém), com 14 km (7 voltas) e início às 10 horas.

GINÁSTICA — Hoje: Torneio de Janeiro de ginástica rítmica desportiva, no ginásio do Liceu Pedro Nunes, a partir das 15 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Hoje e amanhã: 2.ª jornada do Campe-

onato Regional do Porto das I e II Divisões.

HÓQUEI EM PATINS — Hoje: Taça de Portugal (1.ª «mão» das meias finais): F.C. Porto-Benfica (pav. Antas, 18) e Sporting-Oliveirense (pav. Alvalade, 21.30). Hoje e amanhã: Torneio de Dulsburgo (RFA), com a participação da equipa de seniores do Oeiras.

Campeonato Nacional da II Divisão — Hoje — Série A: Clube Caça e Pesca-Fânzeres (18) — Série B: CDUP-Termas (pav. Académica de Espinho, 19.15), Paço de Rei-Minas da Panasqueira (16) e Águas do Porto-UD Seia (18) — Série C: Sp. Tomar-Física (18), Sp. Marinhense-U. Entroncamento (18) e Sp. Torres-U. Rossense (18) — Série D: GD Diana-9 de Abril de Mourão (16), Juventude Azeitonense-Desportivo de Beja (17), Futebol Benfica-ERstremoz (18), Sintra-GD Quimigal/Barreiro (18) e Juventude Alcochete-Académica da Amadora (16).

LUTAS AMADORAS — Hoje: 3.º Torneio de Principiantes, nos escalões de juniores, esperanças e seniores (estilo greco-romano), no pavilhão de Runa, a partir das 16 horas.

VOLEIBOL — Nacional Masculino da I Divisão — Hoje - Noite: Leixões-Esmoriz (22), S. Mamede-Espinho (18), Maia-FC Porto

(22) e A. Madalena-Académica de Coimbra (18.30). — Sul: Nacional-Gil Vicente (19.30), Técnico-Sp. Caldas (19.30), Lisboa Ginásio-Benfica (Esc. Nuno Gonçalves, 18) e Quimigal-CDUL (18.30). Amanhã — Norte: A. Madalena-Leixões (17.30), Esmoriz-Sp. Espinho (17.30), S. Mamede-Maia (21) e FC Porto-Académica de Coimbra (17). Sul: Gil Vicente-Lisboa Ginásio (11), Sp. Caldas-Nacional (16), Técnico-CUF (16) e Benfica-CDUL (20.45).

Nacional Feminino da I Divisão — Hoje - Norte: Leixões-Permentões (20.30), Sp. Vila Real-V. Guimarães (17), Sp. Espinho-Óquei Barcelos (18) e CDUP-Sp. Braga (16). — Sul: Nacional-ISEF (18.30), Caselas-Quinta dos Lombos (15), D. Amélia-Atlético (18) e ACM-CDUL (T. Vermelho, 15). Amanhã — Norte: Sp. Braga-Leixões (18), Fermentões-Vila Real (12), V. Guimarães-Sp. Espinho (10) e Óquei Barcelos-CDUL (11). — Sul: ISEF-D. Amélia (16), Quinta dos Lombos-Nacional (Esc. Sec. Cascais, 16), Caselas-ACM (19.30) e Atlético-CDUL (12).

Torneio do GD Setenave, no pavilhão da GD Secil (junto ao Estádio do Bonfim) — Hoje: CDCA-BPA (3.º/4.º lugares), às 17.30, e Setenave-TLP (final), às 19.

EM ANDEBOL E BASQUETE

Sporting e Benfica medem forças

Os adeptos do Benfica e do Sporting poderão ver-se, amanhã, duas vezes em seis horas, na Luz e em Alvalade (pavilhões). Isso porque, de facto, Benfica-Sporting faz parte da ementa da 2.ª jornada da segunda volta da fase inicial da Nacional» de basquetebol, sendo Sporting-Benfica um dos encontros, às 21.30 horas, do Campeonato Nacional de andebol (zona Sul). Este encontro, por seu turno, corresponde à 16.ª jornada.

Em basquetebol, a tabela é guiada pelo F.C. Porto, com sangalhenses e «leões» a um ponto e o Benfica mais afastado, na 5.ª posição. Em andebol, os «leões» continuam invictos, com três pontos de avanço sobre os «encarnados», que vão no segundo lugar.

Vejam a jornada deste fim-de-semana em Andebol:

I Divisão — Hoje, no Norte: Desportivo Portugal-Póvoa (pav. Lima 18), Espinho-S. Bernardo (21.30), Beira Mar-Académica (21.30), Maia-S. Mamede (21.30), Académico do Porto-Vilanovense (pav. Lima 19.30) e FC Porto-Padroense (21.30) — Sul: Almada-V. Setúbal (pav. A. Costa, 21.30), CDUL-Oriental (21.30), Encarnação-Estefânia (D. Dinis, 21.30), Belenenses-Caramão (21.30) e Passos Manuel-Paço de Arcos (D. Pedro V, 21.30). — Amanhã — Sul: Sporting-Benfica (21.45).

Nacional Masculino da II Divisão — Hoje, no Norte: Francisco Holanda-Sp. Braga (pav. Guimarães, 18.30), Académico de Braga-Bairro Latino (pav. Braga, 21.30), V. Guimarães-Gaia (pav. Guimarães, 21.30), Vila Real-Fermentões (pav. V. Real, 21.30)

e Oleiros-CDUP (pav. Oleiros, 21.30). — Sul: Académica da Amadora-Atlético Sismaria (16.30), U. Leiria-Campo de Ourique (pav. Leiria, 18.30), Arsenal do Afife-Liga de Algés (pav. A. Costa, 18.30), Cascais-Técnico (21.30) e Salvaterrense-Socel (18.30).

Basquetebol para hoje e amanhã: Nacional Masculino da I Divisão — Hoje: Conimbricense-SL Oriental (21.30), Olivais-Algés (21.30), Benfica-Barcelense (21.30), Ginásio Figueirense-Sporting (21.30), CDUL-Sangalhos (22) e Atlético-FC Porto (21.30). — Amanhã: G. Figueirense-Barcelense (17), Olivais-SL Oriental (17.30), Conimbricense-Algés (17.30), Benfica-Sporting (17.30), Atlético-Sangalhos (17.30) e CDUL-FC Porto (17.30).

EMPRESAS ESTATAIS DA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

8 CONTABILISTAS OU OUTROS TÉCNICOS DE CONTABILIDADE

PRETENDE-SE:

- Formação escolar adequada ou prática profissional comprovada.
- capacidade para formação de pessoal subalterno.

CONDIÇÕES OFERECIDAS:

- Contrato por dois anos renovável.
- Ordenado compatível com os conhecimentos e experiência profissional.
- Transferência de parte das remunerações.
- Férias anuais.
- Outras regalias.
- Os candidatos devem nas suas respostas indicar:
- Experiência profissional.
- Condições pretendidas.
- Indicações complementares que considerem úteis.

Resposta a este jornal ao n.º 12106

Município de Setúbal Câmara Municipal AVISO

CONCURSO POR SORTEIO PARA VENDA DE 39 FOGOS NA R. CAMILO CASTELO BRANCO

Avisam-se os candidatos ao concurso por sorteio dos 39 fogos construídos pela Câmara Municipal de Setúbal na Rua Camilo Castelo Branco, que o sorteio das habitações terá lugar no próximo dia 18 de Janeiro, pelas 18.30 horas, no Salão Nobre desta Câmara Municipal.

Mais se informa que, de acordo com o regulamento de execução do Decreto-Lei n.º 817/76 de 11 de Novembro, a distribuição dos fogos em consideração obedece à legislação sobre os fogos de renda limitada. Quer isto dizer que se algum dos adquirentes pretender alugar ou vender a habitação, deverá fazê-lo através dos Serviços Municipais de Habitação, que para qualquer dos casos organizará um concurso por sorteio, e fixará os valores máximos de arrendamento ou venda, de acordo com o regime prescrito no Decreto-Lei n.º 608/73 de 14 de Novembro.

Setúbal, 28 de Dezembro de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Orlando Augusto Curto

2.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo do Notário

LIC. ANTÓNIO LOPES
FERNADES COSTA

CERTIFICADO para efeitos de publicação, que por escritura de 27 do corrente mês, lavrada de folhas 45, a folhas 47, do livro número A-144 de «escrituras diversas» deste cartório os sócios que ficaram sendo da sociedade «SAPATARIA E MODAS MARIASINHA, LIMITADA», com sede em Lisboa, Vitor Manuel Amário Marques de Carvalho, Rolando da Cunha Melo e Virgílio da Conceição Malhou, alteraram parcialmente o respectivo pacto social, substituindo os artigos terceiro, quarto e quinto, pelos seguintes:

— 3.º — O capital social é de um milhão de escudos, acha-se integralmente realizado nos diversos valores do activo contantes da escrita e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: — Vitor Manuel Amário Marques de Carvalho, quatrocentos mil escudos; — Rolando da Cunha Melo, quatrocentos mil escudos; — Virgílio da Conceição Malhou, duzentos mil escudos;

— 4.º — É livre a divisão e cessão de quotas entre os sócios. A cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade e dos demais sócios.

— 5.º — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo de todos os sócios que entre si distribuírem os respectivos serviços, mas, para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas, em conjunto, de dois gerentes.

VAI CONFORME.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1979

O Ajudante
(assinatura ilegível)

Canal da Crítica

Constituição-Carta não foi um Benfica-Sporting

MÁRIO CASTRIM

Passam quase trinta minutos da meia-noite. Jesus, que lenta agonia! Eu para ali soterrado na mesquinha solidão electrónica. Talvez mereça um prémio, não sei. Os deuses julgarão qual. Por mim, a esta hora, pompeizado, nenhum desejo, nenhuma vontade. Apenas me apetece um duche.

Não me foi poupada outra vez (a terceira!) a voz do Presidente do Conselho. Não me foi poupada nova lavagem ao cérebro com o álbi do Afeganistão, segundo informações chegadas à RTP via Departamento de Estado americano. Já antes soubéramos pelo Telejornal que o próximo alvo das forças soviéticas seria o Paquistão...

Engana-se a RTP. Tudo leva a crer que o próximo alvo dos soviéticos será a freguesia onde moro. Agora percebo porque esventra ruas, escavam passeios, destroem bermas: é para dificultar o avanço dos tanques.

Telejornal pode dar esta notícia. Dirá que lhe foi prestada por fonte segura. Agradecido.

«HOSPITALISMOS»

Em *Questão*, em que estão eles, levanta-me uma questão melindrosa: entender se foi um programa chato, porque longo, ou longo porque chato. Mas na rua primeira parte foi, de certeza, uma armadilha.

Anunciada como sendo tema principal a previsão dos sismos,

não passou, na quase totalidade, de uma invasão de cismas govementais sobre o terramoto nos Açores. Ainda por cima, sem nenhuma voz discordante ou vacilante. O que não foi oficial, foi oficioso. Estamos já nos domínios de uma nova política de informação, certamente.

No final, o coordenador Peruch (que não hesito em propor para *Oscar* de telegenia e de dicção) disse que *Em Questão* tratara «de sismo e de hospitalismo».

Já agora proponho-o igualmente para o *Oscar* da língua portuguesa.

TRABALHO ADIANTADO

«Hospitalismo» porque na sua segunda parte o tema fora a presença dos pais, sim ou não, junto das crianças hospitalizadas.

A discussão alongou-se terrivelmente, com a presença até de especialistas estrangeiros. Eu não digo que seja mau falar-se disso. Mau não é. É pior. É cruel. É como se, nos países devastados pela fome, se discutisse vantagem, sim ou não, em comer pão de milho.

Imagine-se este problema tratado com honras de tema nuclear por essa província fora. Imaginem a grave questão desenvolvida em aldeias, vilas — que digo eu! — cidades onde nem há hospitais para tratar as crianças... Imaginem os tomates e os

ovos podres que não choviam!

Sem razão. Somos um país de pessoas sábias. Quanto à RTP, sempre na vanguarda. Certo, não há hospitais para crianças mas nada impede que se discuta já se as crianças devem estar ou não acompanhadas.

Adianta-se trabalho, n'é?

HISTÓRIA E HISTÓRIAS

Um dos motivos do êxito na TV de José Hermano Saraiva é a sua simplicidade, a facilidade de exposição, o seu tom coloquial e uma quase permanente boa disposição. Tudo, porém, se modifica quando acelera no adjectivo, carrega no sobrolho e ameaça o espectador com um rosto cheio de vincos, satânico. A demagogia electrónica não é a menor e a menos perigosa das demagogias. E ontem José Hermano Saraiva mostrou como não se deve estar em TV. Ele foi ontem um elemento perturbador, no mau sentido.

Ainda à volta da História de Portugal no século XIX, José Hermano demorou-se nas sucessivas etapas da Constituição de 1922 e da Carta. Propôs-se ser simples e claro. Não o foi, desta vez. Foi-o doutras, talvez porque não se tivesse proposto sê-lo.

A sua noção de Poder mais não fez do que aumentar a con-

fusão. A pergunta «por que mandam umas pessoas sobre outras pessoas» além de incorrecta, ficou sem resposta minimamente convincente.

Não é preciso assumir o marxismo em todas as suas implicações para aceitar como motor da História a luta de classes. Nem para aceitar o Estado, como o aparelho repressivo de uma classe sobre outras classes. Nem para aceitar que está ultrapassado o modelo de História que responde por pessoas, crenças, conceitos, leis, guerras, etc., e não pelas forças sociais que as justificam.

A verdade da revolução de Cromwell não está nas questões religiosas, mas na luta de classes. A revolução deu-se não por Carlos I ser um intriguista, um despota um católico romano, e por Cromwell ser anticatólico: o que estava em causa era o combate do capitalismo em ascensão, contra a classe feudal dominante.

Isto para dar apenas um exemplo. Ora José Hermano Saraiva não nos deu a raiz da luta entre a Constituição e a Carta. Não nos explicou por que falhou a Constituição, por que não se realizou em 1922, aquilo que veio a ser feito por Mouzinho da Silveira: porque fazer uma Constituição e não mexer no aparelho de Estado se paga caro.

Em verdade vos digo que a luta entre a Constituição e a Carta não foi bem um Sporting-Benfica.

Hoje



«A Dália Negra»

I Programa

- 16.15 MUSEU GUIADO
- 17.00 PAÍS, PAÍS MAGAZINE
- 17.30 CONCERTO — Final dos Laureados do 35.º Concurso Internacional de Música de Génève
- 18.25 4300 MINUTOS
- 19.00 O SOL NASCE A ORIENTE. Intérpretes: Julian Mateos e François Dunoyer. Realização de François Villiers
- 20.00 TELEJORNAL inclui a Informação Meteorológica
- 20.50 O PRAZER DE LER um programa de Isabel da Nóbrega
- 21.05 TOP SÁBADO. Um programa de actualidades musicais
- 21.35 BOXE. Transmissão directa do Pavilhão da Associação Académica da Amadora, do combate entre a Selecção da Amadora e uma Selecção de Madrid. Comentários de Carlos Quinas
- 22.55 SABADO ESPECIAL. A grande metragem «Quem é a Dália Negra» realizada em 1975 por Joseph Levney. Intérpretes: Efram Zimbalist Jr., Lucie Arnaz, Ronny Cox, Mac Donald Carey, Linden Chiles e Mercedes McCambridge.

II PROGRAMA

- 18.45 INÍCIO DA PROGRAMAÇÃO com STALIN. O CZAR VERMELHO — 4.º episódio de uma série de cinco
- 21.30 TAL E QUAL. Um programa de Joaquim Letria e Thilo Krasman

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA
Boxe — Transmissão directa (21.35)

II PROGRAMA
Stalin — O Czar Vermelho (18.45)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

I PROGRAMA

- 12.15: Eucaristia Dominical; 13.05: 70x7 Programa de actividade religiosa; 13.55: Novos Horizontes; 14.00: Sumário; 14.05: Nos bastidores de Yma; 14.30: TV Rural; 15.00: Jacky — O Urso de Tallac; 15.25: «A Magia da Animação»; 17.10: Esturro e Companhia; 17.30: Iesinho; 17.50: A Lâmpada Mágica de Aladino; 18.20: Tropicália; 18.50: Grande Encontro; 20.00: Telejornal e o Tempo; 20.35: O Prazer de Ler. Um programa de Isabel da Nóbrega; 20.40: Entre Giestas; 21.25: Os Trapalhões; 22.20: A Vontade de Deus

II PROGRAMA

- 20.30: Gala da Terra dos Homens — 2.ª parte; 21.30: A par e passo

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

AMANHÃ ÚLTIMO DIA

A QUEDA DUM ANJO

com António Assunção e Ema Paul

SUB SEC

METEORO

Um meteoro GIGANTE
avança perigosamente
sobre a Terra ameaçando
destruir o mundo!

ESTREIA SIMULTANEA EM LISBOA E PORTO

MONUMENTAL BREVEMENTE **TRINDADE**

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

ESTABELECIMENTOS

Avni

19.º ANIVERSÁRIO
20% DESCONTO EM TODAS
AS COMPRAS ATÉ 31/1
ATOALHADOS — COLCHAS
— COBERTURAS — ARTESANATO

Rua Oliveira Martins 10E
TEL 765006
Avenida Roma 36-B
Tel 895460
LISBOA

VEJA
NO
TEATRO

TRINDADE

“A INVASÃO”

O melhor
espectáculo musicalado
de sempre.



Folga às segundas-feiras
com:
NICOLAU BREYNER
VERA MÓNICA
CARLOS QUINTAS
ANTÓNIO CALVÁRIO
M. HELENA MATOS
HENRIQUE SANTOS

à frente de um
grande elenco

ORQUESTRA DE 25 FIGURAS

Um espectáculo
importante para o
Povo Português

Teatro
Emarginado

no
cinema

Quarteto

todas as noites
às 24 horas
(menos à 6.ª feira)

Tarde
Italiana

só até 20/1

Olhe pelo bom estado
do seu veículo.
Não transporte
carga a mais.



JOFRAMA

FAZ OS

SALDOS

DE BALANÇO — DOS QUAIS DESTACAMOS

COBERTOR VELUDO PARA CASAL 895\$00

PIJAMA TURCO ESTAMPADO P.ª SENHORA 360\$00

TOALHA TERYLENE-FLORES, COM 1,5X1,50 149\$00

**COBERTOR PARA CASAL
BOA QUALIDADE 399\$00**

TOALHA TERYLE.

COM. 1,2X1,2 119\$00

SALDOS

COLANTS

EM MALHA

PARA SENHORA

119\$00

COBERTORES VELUDO CORPO E MEIO 595\$00

MILHARES CAMISAS FLANELA VÁRIOS MODELOS 199\$00

LISBOA

RUA FANQUEIROS 226-232

RUA MADALENA 203-217

RUA JOÃO REGRAS 4-B-C

TEL. 862899-868572-873340

RUA: DO COMÉRCIO

46-54-TEL. 22149

ÉVORA

WISEU

RUA: ROMÃO RAMALHO

N.º 29 TEF. 22486

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO

N.º 169-A TELF. 24911

AVEIRO

FAMALICÃO

RUA LUÍS BARROSO

N.º 66-69 TEL. 23996-7



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por UNIDADE)

E MOEDAS ESTRANGEIRAS		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		59670	64670
ALEMANHA FED. (marco)		28685	29670
AÚSTRIA (xelim)		3690	4610
BÉLGICA (franco)		16685	16785
BRASIL (cruzeiro)		880	1840
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)		41960	43960
	(notas de 5 a 1000)	42610	44610
DINAMARCA (coroa)		9615	9655
ESPAÑA (peseta)		9707	9807
EUA (dólar - notas de 1 e 2)		48665	50665
	(notas de 5 a 1000)	49615	51615
FINLÂNDIA (marka)		13630	13690
FRANÇA (franco)		12620	12680
HOLANDA (florim)		25685	26685
INGLATERRA (libra)		111940	115940
ITALIA (lira)		9055	9065
JAPÃO (iene)		1190	1220
NORUEGA (coroa)		9995	10945
SUECIA (coroa)		11985	12945
SUIÇA (franco)		31905	32915
VENEZUELA (bolivar)		9995	10995

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

**SITUAÇÃO DO TEMPO
ÀS 09.00 H**

EM Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco e moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	8º
BRAGANÇA	2º
VILA REAL	3º
PORTO	3º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	2º
CABO CARVOEIRO	10º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	7º
ÉVORA	6º
SINES	7º
BEJA	5º
SAGRES	9º
FARO	7º
P. DELGADA	16º
FUNCHAL	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.30 3,3 m	3.49 1,9 m
23.12 3,3 m	16.27 1,8 m
Dia 13	
11.39 3,4 m	4.58 1,8 m
	17.27 1,7 m
Dia 14	
0.11 3,5 m	5.56 1,6 m
12.38 3,5 m	18.19 1,5 m

**PREVISÃO DO TEMPO
ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ**

Céu limpo; vento fraco ou moderado de Noroeste.



**NASCER ÀS 7.54
OCASO ÀS 17.36**

DIA 17 DIA 24 DIA 1 DIA 9

rádio

I.º PROGRAMA

17.00 Informação - «Trajectória», programa da juventude; 19.00 - Música portuguesa; 19.40 - Conjuntos; 20.00 - Retrospectiva; 20.45 - 15 minutos com ...; 21.00 - Teatro: «É urgente o amor», de Luís Francisco Rebelo, numa adaptação de Isabel de Barros; 22.00 - Destile musical; 23.00 - «Programa da noite»; 23.30 - «Do Choupal até à Lapa» (RDP/Centro); 24.00 - Informação.

II.º PROGRAMA

17.10 - Poemas sinfónicos: - «Os Prelúdios», de Liszt; - «Morte e Transformação», de Strauss; 17.55 - Partita n.º 2 em Ré Menor BWV 1004, de Bach; 18.30 - Transmissão da aula magna de Rectoria da Universidade de Lisboa de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP, dirigida pelo maestro Silva Pereira. No intervalo: Suite em Sol menor, de Telemann; 20.30 - Notícias - Solos de órgão; - Prelúdio And Fantasy, de Bull; - Prelúdios Corais Op. 122, de Brahms; 21.00 - Pierre Boulez, compositor e regente; 22.00 - Agrupamento de câmara: - Quarteto n.º 10 em Mi bemol maior op. 74, de Beethoven; - Trio em Lá menor, op. 77-b de Max Reger; 23.00 - Intercâmbio musical. Festival Internacional de Música de Lucerna, 1979 - gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiodifusão e Televisão; 23.30 - Concerto n.º 2 em Si bemol maior, op. 83, de Brahms; 00.25 - Canções de Schubert; 01.00 - Fecho.

RÁDIO COMERCIAL
(290 m)

20.03 - Quando o telefone toca; 21.00 - SH - Notícias; 21.03 - Quando o telefone toca; 21.30 - Viseu - tempo de desporto; 23.30 - Transição.

EMISSION ESTEREOFÓNICA
(97,4 MHz)

15.03 - Transição (simultâneo OM/FM); 19.03 - Em órbita; 21.03 - Fórum; 23.00 - Notícias.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08 - Apelo; 18.15 - Ao encontro da palavra; 18.30 - Transmissão do Tempo; 19.00 - Programa da Liga dos Amigos da R. R.; 20.00 - Objectivo; 20.54 - Apelo; 21.05 - Pentagrama; 21.30 - Temas vivos; 22.00 - Quando o telefone toca; 22.30 - Pentagrama; 23.30 - No Mundo do trabalho; 23.55 - Fecho.

centro SOS
voz amiga
544545

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 532

HORIZONTAIS

- Em maior quantidade. Valor escrito.
- Basta! Artigo indefinido. Rio de França.
- Dar dote a. Quanto basta. Prata (s.q.).
- De cobre, zinco ou bronze. Resíduo de tabaco, em pó (Bras.). Rádio (s.q.).
- Sadisa. Cimalha.
- Érbio (s.q.). Acredita. Pessoa estúpida (fig.).
- Camareira. Frívolas.
- Surripiam (pop.). Cobalto (s.q.).
- Limpa metais. Grito de aplauso, de vitória.
- Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Artigo (fig.). Bário (s.q.).
- Verbal. Planos.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

VERTICAIS

- Desilusão.
- Dividir em toros. Lavrar.
- Pequenos barcos de recreio. Delicada.
- Preposição e artigo. Remais para trás.
- Cidade da antiga Caldeia. Urdis.
- Antes do meio dia. Greda branca.
- Pronome relativo. Existir.
- Parte interna e superior das coxas. Magnete natural.
- Autores. Preposição e artigo (pl.).
- Ligar. Fim.
- Logrado. Campeão.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8592

HORIZONTAIS

- Cidade da União Soviética.
- Freguesia do concelho de Vila Pouca de Aguiar.
- Demónio (prov.). Preposição e artigo. Oceano.
- Cobre de nata. Mancha.
- Batráquio. Freguesia do concelho de Beja.
- Indignar. Seguias.
- Tremas de frio.
- Em partes iguais. Rio de Espanha. Por baixo de.
- Nosso Senhor. Dá mios. Nome de letra.
- Trituro. Desgraça.
- Atravessara. Batráquio.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

VERTICAIS

- Caritativo (fig.).
- Apurados.
- Cidade da Arábia. CLIMA. Ruim.
- Tomaríamos nota de.
- Reis. O mais. Grupos de três.
- Rema para trás. Cidade de Portugal.
- Achate. Nivelar.
- Cantiga.
- Exercessem domínio sobre.
- Antepassados. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
- Planta tóxico do Ceará. Freguesia do concelho de Santiago do Cacém.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 531

HORIZONTAIS:

- O. EGOISTA.
- Cl. Rôl. TEM.
- Natal. Noa.
- Amolara. Cai.
- Ira. Co.
- Cravarão. Ba.
- Aa. Ruar.
- Botais Arrá.
- Ar. Acuas.
- CVIII. Rá.
- Assa. Amoras.

VERTICAIS:

- NA. CABEÇA.
- Camarrão. VS.
- Eito. Tais.
- Alviaria.
- Orlaria. IIIQ.
- Io. Raros.
- Sina. Arm.
- O CORAÇÃO.
- Ataco. Uru.
- Barata.
- Ameiçaras.

HORIZONTAIS:

- Filipinas.
- Obó. Elisa.
- Romano. Tiro.
- Blá. Ar. Em.
- Romanos.
- Arassem.
- Arguido. Sio.
- Hanoi.
- Siracusa.
- As. Moiras.
- Samos. Arame.

VERTICAIS:

- Formosa. Cás.
- Ibo. Rh. Sá.
- Lombrigas.
- Aio. Unico.
- Penamamor.
- Il. Adiam.
- Ni. Anão. Coa.
- Astros. Puir.
- Sai. SSS. Sra.
- Re. Ié. Aam.
- Cromamos. Sé.

Provérbo: O EGOISTA TEM NA CABEÇA O CORAÇÃO.

cinemas e teatros

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

AMOREIRAS - RATO - Santos Silva - Pç. das Águas Livres, 60 Tel. 681515; **AREIRO** - Garante - Av. Padre Manuel Nóbrega, 5 AB Tel. 887300; **AVROMA - B.** - SÃO MIGUEL - São Miguel - Pç. Francisco de Moraes, 1 Tel. 771469; **GRAÇA - MORRIS** - Lg. da Graça, 63 Tel. 880700; **JARDIM DOS ANJOS - Confiança** - Av. Almirante Reis, 46 B Tel. 821653; **JARDIM ZOOLOGICO - Alegria** - Est. de Benfica, 180 AB Tel. 780511; **LUMIAR** - Douro - Alm. Linhas Torres, 93 AB Tel. 791131; **POÇO NEGROS - VALENTIM** - Rua Poço dos Negros, 88-90 Tel. 601453; **SALDANHA - Delfa** - Av. Duque de Ávila, 125 Tel. 545225; **SANTO AMARO - Botânica** - Rua da Junqueira, 38-40 Tel. 638132; **ALGÉS** - Cabrita - Prq. Res. Miraflores, Lt. 12 Tel. 2101486; **ODIVELAS - PATAMEIRAS** - Amarel - Rua Antero de Quental, 8-8 A (Tel. 925455); **PONTINHA** - Leite Ribeiro - Rua A. do Falcão, 3 A.

PERMANENTE
(Amanhã)

ALCANTAR - Vieira Rosa - Rua Prior do Crato, 72, Tel. 660187; **AREIRO - Vera Cruz** - Pç. Afonso de Albuquerque, 2 B, Tel. 884941; **BENFICA - ESTACÃO** - Santa Cruz - Av. Gomes Pereira, 34 B, Tel. 704828; **CAMÕES** - Santa Cruz - Pç. Luís de Camões, 22-24, Tel. 322798; **CAMPO GRANDE** - Nova Iorque - Av. Estados U. América, 140 B, Tel. 760658; **CAMPOLIDE** - Oliveira - Rua de Campolide, 54 A, Tel. 684424; **ENCARNAÇÃO** - Ascesso - Pç. do Norte, 11 A, Tel. 311216; **GOMES FREIRE** - Salutar - Rua Conde Redondo, 9 B, Tel. 683684; **GRAÇA - Monte** - Rua Sra. do Monte, 30 AB, Tel. 867842; **PICHELEIRA** - Markiz - Cç. da Picheleira, 140 BC, Tel. 880703; **SÃO SEBASTIÃO** - Nova - Av. Luís Blar, 11-13, Tel. 44324; **XABREGAS - MADRE DEUS** - Conselheiro - Cç. D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **ALGÉS - Almeida Nito** - Av. Comb. Grande Guerra, 64, Tel. 2112070; **BRANDÃO** - Correia - Est. Principal, Lt. 172, Tel. 993148; **ODIVELAS** - Leite - Rua Guil. G. Fernandes, 62, Tel. 910051.

Outra Banda

ALMADA - Macedo Henriques - Rua Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 Tel. 2751297; **COVA DA PIEDADE** - Morgado - Rua Cabo da Boa Esperança, 25-A Tel. 2766356; **LARANJEIRO** - Moderna - Rua dr. António Elvas, 84 Tel. 2490305; **COSTA DA CAPARICA** - Chal - Av. Gen. Humberto Delgado, 7-C Tel. 2403218; **SIMBRA** - Leite - Av. da Liberdade, 13 Tel. 2233471; **BARREIRO** - Pigarra - Av. do Bocage, 65-A Tel. 2074711; **PERMANENTE** - Central - Av. Alfredo da Silva, 48 Tel. 2073207; **ALGÉS** - 19 horas; **AMORA** - Julietta Campos - Rua Ribeiro, 2 - Cruz de Pau, Tel. 221131; **SEXAL** - Beronimho - Rua Paiva Coelho, 38 Tel. 2218560; **MONTIJO** - Montepio - Rua Almirante Reis, 93

Tel. 2310035; **MOITA** - União Molten - Av. dr. Teófilo Braga Tel. 239025; **ALGÉS** - VEDROS - Guernica - Rua Cândido dos Reis, 30 Tel. 240420; **ALCOCHETE** - Gameiro - Largo António dos Santos Jorge, 15 Tel. 234100.

Linha de Cascais

CARCAVELOS - Central - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Godinho - Av. Patrão Lopes, 4 Tel. 2432039; **ATÉ** às 22 horas; **PADEDE** - Brandão - Av. da República, 77-C Tel. 2471054; **ATÉ** às 24 e das 0 às 9 horas; **S. PEDRO DO ESTORIL** - S. Pedro - Rua 9 de Abril, 24 Tel. 263052; **ATÉ** às 21 horas; **MONTES** - Lopes - Rua Hangar, 3 Tel. 280008; **ATÉ** às 21 horas; **CASCAIS** - Cordelero - Av. Comb. Grande Guerra, 40 Tel. 280170; **ATÉ** às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Flama - Rua Elias Garcia, 78-B Tel. 932485; **PERMANENTE** - Igreja - Pr. da Igreja, 22-A Tel. 937740; **ATÉ** às 22 horas; **DAMAIA** - Lemos - Rua de Goa, 21-A Tel. 971121; **QUELUZ** - Serra e Pinto - Av. D. António C. Sá, 50-GE Tel. 957619; **CAMARATE** - Nova Charneca - Rua Cid. Lisboa, 94 Tel. 2518726; **CACÉM** - Central - Rua Elias Garcia, 55 Tel. 2940034; **MEM MARTINS** - Miranda Garcia - Estr. Mem Martins, 173-B Tel. 2914103; **ATÉ** às 24 horas; **RIO DE MOURA** - Rêmour - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 Tel. 2960194; **ATÉ** às 23 horas; **SINTRA** - Misericórdia - Vila Tel. 2930391; **PERMANENTE**; **COLARES** - Abreja - Tel. 299088.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

NACIONAL - R. Senhora da Luz, 150, Foz. Tel. 680633; **BOAVISTA** - Rua da Boavista, 601 Tel. 25443; **COSME** - Rua Costa Cabral, 584, Tel. 481511; **ALBERTO FERREIRA** - Rua da Estação, 100, Tel. 1302; **ANTERO DE QUENTAL** - Rua Antero de Quental, 520, Tel. 48048; **ANTUNES** - Rua do Bonjardim, 485, Tel. 27936; **PEREIRO** - Rua da Preciosa, 35, Tel. 681027; **MERCULANO** - R. Alexandre Herculan, 384, Tel. 27943.

DE DIA E TODA A NOITE

S. DINIS - Rua de S. Dinis, 428, Tel. 482291; **BOEIRO** - Rua de Santos Pousada, 71, Tel. 1370; **VITALIA** - Praça da Liberdade, 34, Tel. 24133.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

SANTA CRUZ - Rua das Padeiras, 94, Tel. 23569.

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A 14.30, 16.30, 18.30, 21.30
«HAIR»
As 23.45 h
O FIM
Comédia
SALA B
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
ROCKY II

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
A GATA BORRALHEIRA
Falado em português

4.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Omero Antonutti, Saverio Marconi
PADE PADRONE
Um filme de Paolo e Vittorio Taviani
Não acons. men. 13 anos
As 23.30 - N. ac. men. 18 a.
O GRANDE CONQUISTADOR
c/ Woody Allen

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. m/13 anos
Vidas marcadas por um destino cruel,
em busca da felicidade!
ENCONTRO COM O DESTINO
com Shashi Kapoor, Sunil Dutt, Raaj Kumar

BERNA 776098

Av. Marquês de Pombal
As 13.30, 16.15, 19 e 21.30
- Para Todos
JESUS DE NAZARÉ
(Primeira Parte)
c/ Robert Powell, Anne Bancroft
e Ernest Borgnine
Um filme de Franco Zeffirelli

5.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30
O ÚLTIMO COMBOIO
DE GUN MILL
Não acons. a men. de 13 anos
Amanhã às 11 h. manhã infantil
(Para todos)
AS MELHORES MARAVILHAS DA NATUREZA

CASTIL 530194

Rua Castilho
15, 17, 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
O sabor doce e ácido quando se é jovem
GELADO DE LIMÃO

5.ª Semana

CINE 222 Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
O ÚLTIMO ABRAÇO
As 23.45 horas
DO VIVE E DEIXA MORRER
m/13 anos
Domingo às 11 h.
(Para todos)
AS MARAVILHAS DA PANTERA COR-ROSA

CINERGLSO 573407

Rua Acácio (Ladeira, 27-B)
As 12.30, 14.30, 16.45 19 e 21.30 Int.
m/18 anos
A ERVA DO PRAZER
As 24 h.
(Int. m/13 anos)
BARREIRAS DE FOGO
Amanhã às 11 h.
O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14, 16.30, 19 e 21.30
EM BUSCA DO PASSADO
(Filme indiano)
N. ac. men. 13 anos
Amanhã às 11 h. (Para todos)
TIM TIM E O TEMPLO DO SOL

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 anos
ALAN O 8.º PASSAGEIRO
com Tom Sheritt

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 Algés
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h.
O SEU PRIMEIRO AMOR
N. ac. men. 13 anos

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damaia
Hoje há festa de o «diário»

EDEN 320768

P. cos Restauradores, 21
Sessões às 14, 16.30 e 21.30 h.
Int. m/13 a.
O TRIÂNGULO DIABÓLICO
DAS BERNARDAS
Um filme de René Cardona, Jr.
Hoje às 24 h.
Sábado especial
(Não acons. men. 18 anos)
CONVOY

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
15, 17, 19 e 21.30 h.
- N. ac. men. 18 a.
John Carpenter, o menino prodígio do Hollywood.
ASSALTO A 13.ª ESQUADRA 5.ª Semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30 e 21.30 h.
N. ac. men. 18 anos
ATENÇÃO ÀS CURVAS
com Claude Brasseur
e Nathalie Courval

As 24 h.
(Não acons. men. 18 anos)
RAZÃO DE ESTADO

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
A FEBRE DA VELOCIDADE
Sydney, Rome, James Coburn, Michael
As 18.15 horas para todos
TARZAN E AS AMAZONAS
As 24.00 h.
Interdito a men. 18 anos
O KARATE EM HONG-KONG

IMPERIO 555134 5

Al Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. m/18 anos
Terrorífica e emagadora odisséia
No espaço, ninguém ouve os seus gritos!
8.º PASSAGEIRO (ALIEN)
Tom Skerrit, Sigourney Weaver Verónica Cartwright

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Martin Ritt com Sally Field
1.º prêmio Cannes
NORMA RAE
Filme de qualidade 2.ª Semana
As 24 h.
Não acons. m. 18 anos
O FANTASMA DO PARAISO

LUMIAR Tel. 795296

Estrada do Desvio, Lote 38 - Lisboa
Encerrado para obras abrindo oportunamente sob nova gerência

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
3.ª Sessão: 15.15, 18.15, 21.45
Não acons. m/13 anos
A VELHA LOJA DE CURIOSIDADES
Com: Anthony Newley e David Hemmings
Na sessão da noite início da projecção do filme às 21.50 horas

MONTECARLO Tel. 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30
Não acons. men. 13 anos
OS GUERRILHEIROS DA ATLÂNTIDA
Hoje às 24 h.
O EXÉRCITO DA SOMBRA
Não acons. m/18 anos
Um filme de Jean-Pierre Meville
Amanhã às 11 horas
A DAMA E O VAGABUNDO
Para todos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PERDIDO E ACHADO
c/ George Segal e Glenda Jackson
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

FACE A FACE

c/ Liv Ullman e Erland Josephson
3.ª semana

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
Hoje, amanhã: 15.15, 21.30
Int. m/13 anos
O melhor filme indiano de cor, acção e música
O HOMEM A QUEM EU QUERO
(«Hum Kisse Kum Naheen»)
c/ Rishi Kapoor e Kaajal Kiran

ODEON 326283 4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15, 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
O filme indiano com Kabir Bedi
ENTRE DUAS PAIXÕES
Amor - Música - Violência

5.ª semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. m/13 anos
Shashi Kapoor/Sujit Kumar/Madan
Puri em
PAIXÃO E AVENTURA
Um filme de Chanakya/Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
AS DUAS ERAM DINAMITE
Com Claudia Jennings e Jocelyn Jones

QUARTETO R. Flores de Lima, 16 771378

SALA 1, às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h.
e 24 h. N. ac. m. 13 anos
O 8.º PASSAGEIRO
SALA 2, às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
NOTES DE SINGAPURA
As 23.45 h.
Teatro Emarginado

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.00, 18.15 e 21.30 h.
Não acons. m/13 anos
AO ENCONTRO DA GUERRE E DO AMOR
c/Harrison Ford, Lesley-Anne Down

ROMA 887778

Av. de Roma - Lote 99B
As 14.15, 16.30, 21.30 h.
Int. men. 13 anos
PARA ALÉM DAS ESTRELAS
c/Nathali T. Khan e Robert Hoffmann
Uma coisa levou ao silêncio do universo

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 18.45 e 21.30
- Para Todos
A história maravilhosa da mais bela imperatriz
SISSI
/ Romy Schneider e Karlheinz Böhm

SÃO JÓRGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A história de Rocky continua, mais humano, mais empolgante
ROCKY II
de: Stallone
4.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Almeida, 61
15.15, 18.15 e 21.45
- Para Todos
JESUS DE NAZARÉ
(2.ª Parte)
c/ Anne Bancroft e Robert Powell
Um filme de Franco Zeffirelli
3.ª semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18 e 21.30
- Int. men. 13 a.
UMA AVENTURA PARA DOIS
Música de Francis Lai
As 24 h. 9.ª Semana
O EXORCISTA

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
O novo «par» mais hilariante do cinema
POR FAVOR NÃO MATEM O DENTISTA
c/ Peter Falk e Alan Arkin
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
A GATA BORRALHEIRA
Falado em português

5.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A ROUBAR É QUE A GENTE SE ENTENDE
As 24 h. Não acons. m/13 anos
INTRIGA EM FAMÍLIA

ZODIACO 570151

Rua Conde de Redondo, 5
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O COLEGIO DOS JOVENS
c/ Natassja Kinski e Gerry Sandquist
As 23.45 h.
Não acons. m/18 anos
TRÁGICA VITÓRIA

771378

SALA 3, às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.
Não acons. men. 18 a.
O AMIGO AMERICANO
SALA 4, às 15, 17, 19, 21.30 e 23 h.
Para todos
BALBÚRDIA NO LESTE
de Mel Brooks

2-26

Teatros

LAURA ALVES - «O Gato», às 21.45 (13 anos)
BARRACA - «Têtu Eu Sou Alegre. Gágá Faz de Mim Sísuda» (6 anos)
VARIADAES - «Isso é que era bom», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ACADEMIA DE SANTO AMARO - «A Escova de Dentes», às 21.45 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE - «A Queda de um Anjo», às 21.45 (6 anos)
TEATRO DEU GRAÇA - «Miss Julie», às 21.45 (13 anos)
ADOQUE - «Querias mas não te dou», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II - «O Traído Imaginário» e «O Príncipe Disfarçado», às 21.45 (6 anos)
MONUMENTAL - «A Tocar é que a Gente se Entende», às 20.45 e 23 (13 anos)
TRINDADE - «A Invasão», às 20.30 e 22.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Rei, Capitão, Soldado, Ladrão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS - «Ricardo e as borboletas», às 21.30 (13 anos)
COMUNA - «O dragão», às 21.45 (13 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa
CAPITOLIO - «Porno Club», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - «A Virgem», sessões contínuas (18 anos)

Cineclubes

ROYAL - «Chamavam-lhe Génio», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «A Deusa do Amor», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - «Telefone», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE - «A Roubar É que a Gente se Entende», às 21.30 (13 anos)
PARIS - «Paixão e Aventura», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Heróis por Conta Própria», às 21.15 (13 anos)
OERAS - Oelras-Cine - «Os Três Amigos», às 21.15 (13 anos)
PADEDE - Royal-cine - «O Regresso da 7.ª Companhia», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «O Caçador», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Palácio - «Buck Rogers», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Impelsa - «O Caçador», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - Oxford - «Buck Rogers no Século XXV», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Avalanche», às 21.30 (18 anos)
CACÉM - Estúdio Flores - «As Aventuras do Marretas», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Lido - «Homens de Aço», às 21.30 (13 anos)
AMADORA



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

- ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-1 - TELÉFONOS 854312/3
- REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
- RUA LUIZ DOMINGOS 84 - TELÉFONOS 321104/5 - 320711/2 - 320729 - 321812 - PUBLICIDADE: 3610
- SERVIÇOS: RUA LUIZ DOMINGOS 84 - 211
- PORTUGAL 22114 - MENSAGENS GRÁFICAS 378278
- LONDRES 111154000 - OMBRA 1111 37363 - LISBOA PORTUGAL
- DELEGACIÃO DO PORTO - RUA DO ALMADA 10-2 - TELÉFONOS 20954-5

Vasco Lourenço responde a intrigas

Os ataques ao Conselho da Revolução, órgão constitucional e cuja raiz é a própria raiz da democracia portuguesa, não cessaram por parte de alguns resíduos dos antigos servidores de Salazar, de Caetano e dos monopólios. Não se trata do confronto de ideias ou da distância de posições. É a intriga e infâmia de baixo nível, como a notícia que na secção «Ditos & Factos» de «A Tarde» (ex-«Jornal Novo») foi publicada acerca de Jaime Neves e Vasco Lourenço, e segundo a qual aquele vespertino, a propósito de uma foto publicada nas suas colunas, teria apurado em «fontes próximas do coronel Jaime Neves» que «o comandante do Regimento de Comandos da Amadora há pelo menos quatro anos que não mantém relações pessoais, de qualquer tipo, com o major Vasco Lourenço, só se cruzando com o dito conselheiro (da Revolução) em cerimónias ou recepções oficiais».

«DL» pediu um comentário ao major Vasco Lourenço que fez apenas a seguinte declaração: «Ao ver a foto publicada, há dias, confesso ter ficado admirado com o facto de um pasquim como «A Tarde» se ter preocupado comigo ao ponto de publicar uma foto tirada já há alguns anos, hoje constato a razão de ser da iniciativa: pretendem essas publicações expedientes para viver de onde me merecerem o mais profundo desprezo. Em tempo: os donos do referido pasquim e as forças que o sustentam têm razão ao considerar-me seu adversário. Podem estar certos de que continuarei a lutar pelos ideais de Abril, e, portanto, contra os interesses defendidos por pasquins como «A Tarde». Os cães ainda ladram, agora com maior arrogância — mas a cavara ninguém a deterá».



GERES

As suas férias de inverno numa paisagem de sonho.

num Aldeamento Turístico Inteligente novo, sobranceiro à Barragem da Caniçada.

preços desde:

320\$ pessoa/dia

peça-nos programa detalhado:



EUROPE

A EXPERIÊNCIA AO SERVIÇO DO TURISMO.

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 536121

PORTIMÃO - Av. 1.º de Maio, 11 - Tel. 23377

PRAGA - Rua da Bocha - Tel. 23377

membro WATA em Portugal

AÇORES: RECONSTRUÇÃO COMEÇA A GANHAR FORMA

Do Minho à ilha do Corvo há todo um povo mobilizado

Dois dos técnicos responsáveis pela reconstrução da cidade marroquina de Agadir, praticamente destruída, também por uma abalo de terra, há mais de duas décadas de anos, deslocam-se a Angra do Heroísmo na próxima semana — anunciou o Gabinete de Apoio e Reconstrução do Executivo açoriano. Segundo este, trata-se de um técnico português e um francês. De acordo com o mesmo gabinete, o Fundo de Fomento de Habitação está em condições de fornecer aos Açores cerca de mil casas prefabricadas no prazo de um ano.

Enquanto uns prometem, outros cumprem: é o caso do Ministério da Habitação e Obras Públicas (de que o FFH depende directamente) pôs já à disposição das populações afectadas uma centena de casas prefabricadas, conforme ontem revelou em Angra do Heroísmo o ministro da República. Neste caso, cumprindo o MHOP o primeiro decimo da promessa do Fundo de Fomento de Habitação, que terá mil casas prefabricadas à disposição das gentes afectadas no prazo de um ano. Na cidade de Angra, para já, foram inventariados 1635 prédios, tendo as brigadas técnicas concluído existirem 401 em bom estado, 418 em razoável conservação, 407 em mau estado e 409 a ameaçarem ruína.

Ainda sobre as primeiras cem casas postas à disposição dos açorianos afectados pelo MHOP, o ministro da República, Silva Horta, que na quarta-feira participou no ex-Ministério do Plano no plenário do Governo e foi recebido em Belém pelo Presidente da República, anunciou que o Banco de Portugal abriu uma linha de crédito especial para a reconstrução das ilhas sinistradas. Nas declarações que fez aos jornalistas no seu regresso de Lisboa, Silva Horta apelou à população dos Açores para que inicie os trabalhos de reconstrução.

Segundo a ANOP, neste momento apenas cinco dos 74 internados do Hospital de Angra do Heroísmo se encontram na sala de reanimação. Sete dos feridos que foram submetidos a intervenções cirúrgicas já obtiveram alta, duas outras vítimas — uma criança de cinco anos e uma mulher — foram amputadas de uma perna. Na ilha de S. Jorge, por outro lado, a falta de material de construção, especialmente ferro e cimento, está a constituir um entrave às obras de reconstrução. Apesar dessa carência, na freguesia do Topo — a mais atingida pelo sismo —, grande parte dos desalojados começaram já a trabalhar no melhoramento das casas menos danificadas.

Cerca de 70 por cento dos desalojados da ilha — assegurou à ANOP um responsável local — poderão reconstruir as suas habitações com o auxílio das entidades oficiais. No hospital da ilha, apurou ainda a ANOP, encontra-se apenas um ferido.

GOVERNO ATRIBUI VERBA DE 150 MIL CONTOS

Os Açores prometem renascer depressa dos escombros. As medidas tomadas, os grandes objectivos anunciados, choradas que foram as maiores lágrimas pelos mortos, passado que foi o pânico, poderão a muito curto

prazo comprovar a consabida coragem insular, atestar a sua reconhecida capacidade férrea. Nesse sentido, a atribuição, por parte do Executivo, de uma verba de 150 mil contos para a reconstrução das zonas do arquipélago sinistradas pelo abalo de terra que transformou em escombros significativas parcelas de três ilhas.

A medida foi tomada durante o plenário do Governo Regional, que teve lugar anteontem em Angra, tendo também sido decidido que metade daquela verba pode ser ou não reembolsável, pois é destinada a subsidiar os agregados familiares que não possam pagar os empréstimos contraídos com a reconstrução das suas habitações. Entretanto, 75 mil desses 150 mil contos serão já aplicados nas primeiras reparações dos edifícios danificados em 1 de Janeiro.

No decurso do plenário foi feito o balanço da situação e aprovada a concessão daquele subsídio reembolsável, que será entregue a proprietários cuja situação económica o justifique. Paralelamente, foi deliberado estabelecer uma moratória ao vencimento de letras, livranças e extractos de facturas por um prazo mínimo de 30 dias, suspender por 90 dias a cobrança de impostos directos, e abrir linhas de crédito em cooperação com o Banco de Portugal para a recuperação de equipamentos e edificações.

O plenário aprovou ainda a resolução declarando, em termos formais, a utilidade pública urgente e posse administrativa das expropriações necessárias à concretização de medidas que conduzam à criação de centros residenciais para desalojados.

GOVERNO CANADIANO TRIPLICA OFERTA

Ao fazer a leitura das decisões do plenário, afirmou Mota Amaral que se torna urgente e imprescindível concretizar o desejo de mobilização dos recursos humanos e materiais para a reconstrução. O Governo açoriano decidiu ainda atribuir subsídios no montante de 9 mil e 300 contos, a partir da Secretaria Regional do Comércio e Indústria, que se destinam a fazer face a despesas de combustível utilizado na Horta na produção de energia, e também para o estabelecimento de novos ramais de média tensão e de estrutura eléctrica no concelho da Ribeira Grande e Povoação, na ilha de S. Miguel — não tendo esta medida nada a ver de particular com as consequências do abalo sísmico de há doze dias.

Voltando a montantes de um modo ou outro canalizados para a tarefa de reconstrução das áreas destruídas, haverá que assinalar que o Canadá triplicou o seu auxílio às vítimas do abalo, anunciou o próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros de Otava. Com efeito, o Governo canadiano decidiu acrescentar 50 mil aos 25 mil dólares prometidos, devendo esses 50 mil dólares suplementares serem canalizados através do Fundo de Auxílio às Catástrofes, da Cruz Vermelha Internacional. O MNE canadiano anunciou também que colabora com o governo português na organização de uma ponte aérea que possibilite o envio de material de socorro para os Açores, e acrescentou que, neste fim-de-semana, partirá de Toronto um avião militar

canadiano com 35 toneladas de material de socorro, ofertas de canadianos de origem portuguesa e de grupos de entreatajuda.

PCP PROPÕE NA AR COMISSÃO DE APOIO

O Grupo Parlamentar do PCP propôs na AR a constituição da Comissão Eventual de Solidariedade e Apoio às Vítimas do Terramoto dos Açores, que por finalidade terá a de «estudar e propor medidas, nomeadamente de carácter legislativo, necessárias à reparação dos gravíssimos danos que atingiram as populações» e a «acompanhar as acções que nesse sentido estejam a ser ou vierem a ser tomadas pelo Governo da República e pelo Governo da Região Autónoma».

A Comissão, ainda segundo a proposta dos comunistas, deverá apresentar, no prazo de trinta dias, «um primeiro relatório à Assembleia da República, com um balanço da situação e as propostas que tenha por convenientes. Sublinha no preâmbulo a proposta do PCP que «o luto nacional, oportunamente decretado, traduziu, de alguma forma, o profundo sentimento de pesar de todo o povo português ante a catástrofe».

Entretanto, a onda de solidariedade despertada em favor das vítimas do sismo não pára: enquanto ultrapassa os seis milhões de escudos a quantia recolhida pelo arcebispo de Braga, D. Eurico Nogueira, para aquelas, a campanha de solidariedade com o povo açoriano lançada pelo Secretariado das UCP's/Cooperativas Agrícolas, Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e União dos Sindicatos do Distrito de Évora, está a encontrar o melhor eco nos trabalhadores do distrito, e particularmente nas UCP's/Cooperativas Agrícolas da Região Agrária.

Na sequência dos apelos lançados, já foram entregues à Cruz Vermelha Portuguesa dois camiões carregados de roupas, alimentos e materiais diversos, mais de um milhar de litros de azeite, batatas, feijão, arroz, grão, ervilhas, cebolas e diversos produtos alimentares para crianças, cerca de um milhar de cobertores e mantas, calçado e dezenas de embrulhos com roupas, contam-se entre os donativos já recolhidos e remetidos para o povo açoriano. Simultaneamente, foram também entregues diversos donativos em dinheiro, no montante de 168.650\$00 provenientes de diversas UCP's/Cooperativas Agrícolas.

Por outro lado, os Conselhos Desportivo e Cultural da Associação Académica de Coimbra, conjuntamente com as várias secções desportivas e culturais e os organismos autónomos daquela associação, promovem na próxima quinta-feira à noite (dia 17) um espectáculo a favor das vítimas, no qual participam o Orfeão Académico, o GEAC, o Grupo Coral de Letras e o Coro Misto da Universidade. A Câmara Municipal, por seu turno, convida a população — conforme documento que nos foi remetido — com conselho a solidarizar-se, através de verbas directamente nas JF's ou nos BV, que para o efeito percorrerão todas as localidades. Aquelas serão registadas e publicadas no «Boletim Municipal».

Por enquanto, enquanto...

Por enquanto a aliança de direita, de acordo com os seus proclamações objectivos, sem hesitações nem perdas de tempo, procura apoderar-se do aparelho de Estado, espalhando os seus peões a todos os níveis.

Por enquanto, para a aliança de direita, vai tudo bem, aparentemente de vento em popa. Na Assembleia, a maioria até já ganhou dois votos, isto é, já ganhou o apoio de dois deputados da oposição ou que, como tal, são ainda considerados. Por enquanto...

Por enquanto, porém, o PSD só obteve alianças pontuais com o PS ao nível da UGT ou de uma ou outra autarquia local. Ora...

...Ora enquanto não con-

seguir uma mais vasta e profunda aliança que lhe permita assegurar a vitória em Outubro próximo e, melhor ainda, a tingir os dois terços necessários para fazer gato sapato da Constituição que o incomoda, o PSD não poderá dormir descansado. Mais do que a precária aliança com os centristas e a falsa aliança com reformadores e monárquicos, o que convinha ao PSD, com centristas ou sem centristas, era uma aliança firme com o PS. Isso sim, isso é que era um descanso!

Mas enquanto isso não for conseguido, a vitória da aliança de direita é uma vitória frágil. Tão frágil como o galo de Barcelos.

MANUEL DE AZEVEDO

Samora Machel dialogou com cooperantes portugueses

O presidente de Moçambique, Samora Machel teve ontem um diálogo com cooperantes portugueses na Beira, durante uma visita que efectuou às instalações portuárias desta cidade. Segundo a ANOP, Samora Machel interessou-se especialmente por saber, junto dos cooperantes portugueses, das condições de trabalho, que estes ali encontram, e ainda se a colaboração por parte dos operários moçambicanos seria de molde a satisfazer as necessidades da produção.

A visita de Samora começou pelo cais de pesca de Chiveve, construído por uma empresa portuguesa a que Moçambique a adjudicou em 1976. A obra está quase pronta e vai ser a melhor

do país, no género. A esta perspectiva veio juntar-se um factor altamente positivo: o levantamento das sanções à Rodésia. O movimento do Porto vai crescer consideravelmente, e prevê-se o regresso ao trabalho de cerca de 5 mil trabalhadores.

Entretanto, e ainda na sua deslocação ao centro do país, Samora lançou em Sofala, uma ofensiva verbal contra a corrupção e a infiltração de adversários do regime.

Na região têm-se detectado muitos casos de corrupção e de pessoas fiéis a antigos costumes coloniais que se infiltraram em organismos do Estado — notou Samora. E incitou a população a «cortar a erva daninha», a fim de combater o «perigo».

Vai ser construída uma nova aerogare no Aeroporto da Portela

Por adjudicação em concurso público, um gabinete projectista português e técnicos da Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea (ANA — EP) estão já a executar o projecto de execução de uma nova aerogare para os voos internacionais, no aeroporto da Portela, prevenindo-se que a mesma venha a entrar em funcionamento no primeiro trimestre de 1985. Está prevista também a construção de um novo terminal de carga.

A decisão resulta do facto de actual capacidade das instalações da Portela se aproximar dos limites de saturação, tendo registado em 1978 um movimento de 3.168.920 passageiros, 50.652 toneladas de carga e 17 movimentos de aviões por hora.

Este projecto não anula a necessidade da construção de um moderno Aeroporto, uma vez que a própria localização do aeroporto da Portela, dentro da área urbana da capital, não permite a ampliação ilimitada. Todavia os estudos e construção de um moderno aeroporto nunca demorariam menos de oito anos, não se podendo esperar que o mesmo esteja concluído antes do final da década agora iniciada.

Entretanto prevê-se que os números referentes ao movimento de passageiros na Portela triplicuem e duplique o movimento de carga aérea.

NOVO DIRECTOR DO AEROPORTO

Jaime de Almeida Santos, qualificado pela ANA como um



LONDRES 1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS SEMANAIS EM AVIÃO ESPECIAL

1 SEMANA - 8 dias

SÉRIE A - Domingos (tudo o ano)

Preço excepcional desde:

9.420\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: "Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da LONDRES!"

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

Fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA - Av. da Liberdade 160 - Tel. 371341

PORTO - Rua do Alamo, 207 - Tel. 371921

COIMBRA - Rua da Seta 2 - Tel. 270112

FARO - Av. da República 124 - Tel. 240356

FUNCHAL - Rua do Corvo no. 1 - Tel. 312778

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Vinte anos da Casa das Américas



A Casa das Américas, criada pelo Governo Revolucionário poucos meses depois do triunfo da Revolução cubana, completou 20 anos de luta e trabalho árduo pela defesa, reconhecimento e afirmação dos valores culturais dos países da América Latina e das Caraíbas, do seu povo de mais de 200 milhões de seres humanos. Assinalando o acontecimento, o «7.7» decidiu ouvir o testemunho de Alexandre Cabral, Urbano Tavares Rodrigues e Rogério Paulo (na foto com o nosso redactor Ernesto Sampaio), três qualificados amigos e estudiosos das coisas de Cuba e da sua Revolução.

Maria Belo como foi e como é



Os melhores filmes dos anos setenta

Jorge Leitão Ramos

Pede-me a revista CINE-ISE (órgão do núcleo de cinema da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia) que eleja os 25 «melhores filmes» da década que acabou de findar. Desafio impossível de aceitar já que escolher filmes não é o mesmo que comparar pesos, comprimentos ou volumes; mas a reflexão que tal pedido provocou, levou-me a pensar que, mais que encontrar uma bitola que permitisse seleccionar os «melhores», talvez fosse interessante procurar traçar nas páginas do «DL» as grandes coordenadas que marcaram, cinematograficamente, os anos 70, condensando-as, por exemplo, em vinte e cinco momentos de cinema. Ao mesmo tempo tal facto pode permitir entrever, com alguma clareza, o muito cinema de relevo que, comercialmente, cá não chegou.

A década de 70 foi, antes do mais, um tempo marcado pela herança de Maio e pela reflexão sobre a História e o quotidiano que tal movimento desencadeou. Fruto disso é **A estratégia da aranha** de Bertolucci, dolorosa revisão do antifascismo; filho de Maio é ainda Godard que, em **Número dois**, chega ao fim de um caminho e se encontra só, em face de imagens, sons, câmaras, gravadores, botões e dúvidas; no poente de Maio está ainda a urbana solidão, a desordem afectiva e a esperança canalizados pela torren-te que Jean Eustache organizou em **A mãe e a puta**; Tocado por Maio, no outro lado do mundo, é sem dúvida o caso de Nagisa Oshima que, com **Um Verão em Okinawa**, chegou ao cume e ao impasse de uma carreira que o futuro não confirmaria com idêntico fôlego e maturidade.

Mas os anos 70 são também o tempo em que irrompe, no Terceiro Mundo, um cinema militante que, sobretudo na América Latina, atinge momentos de extrema (e desesperante) beleza libertadora. Para o representar que melhor do que **A terra prometida** esse canto revolucionário, feito no ocaso de um Chile antes do massacre, de Miguel Littin?

Entretanto, falar de cinema sem falar da América é impossível. Depois de uma década (os anos 60) em que o Novo Mundo cedera o passo da vanguarda à velha Europa, o outro lado do Atlântico volta a provar que muito do grande cinema fala americano. Que os velhos mestres não estavam mortos ficou desde cedo demonstrado:

Continua na pág. 2

Vinte e cinco filmes para os anos setenta

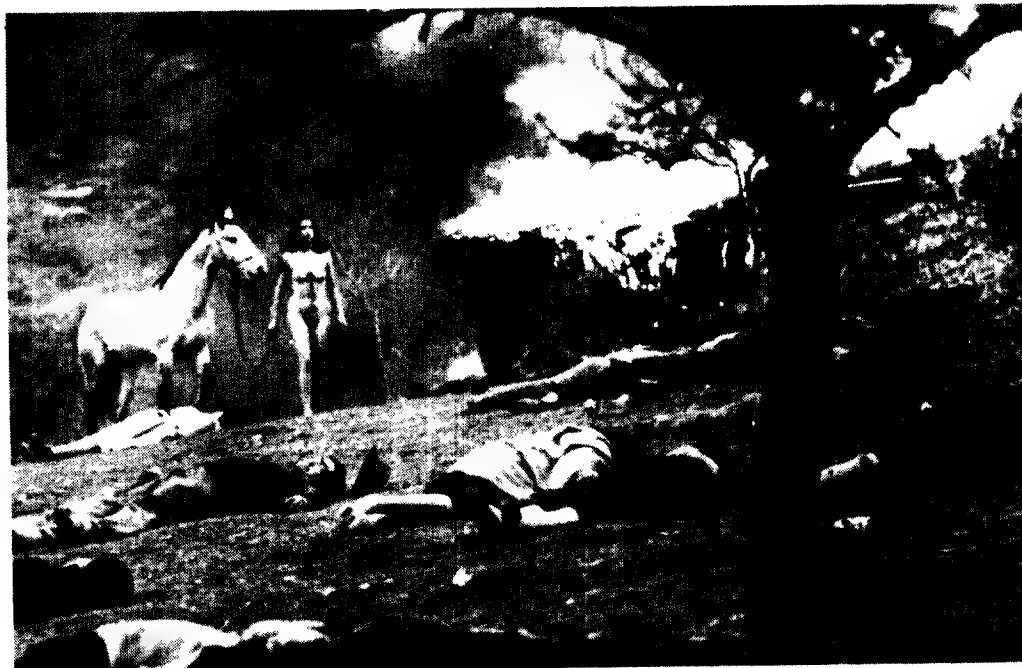
Continuação da pag. 1

Frenzy é um dos melhores trabalhos de sempre de Hitchcock e **Autópsia de um crime** um Mankiewicz de primeiríssima água. Um «exilado» na Inglaterra (Stanley Kubrick) fazia o mais perturbante filme da década (**Laranja mecânica**) em jeito de peregrinação aos abismos dos inconfessáveis desejos, enquanto um europeu, em Hollywood (Roman Polansky) revisitava o «filme negro» sob a luz nostálgica da cor de um tempo que não volta (**Chinatown**). Entre estes dois pólos se vai desenvolver todo o grande cinema americano destes anos 70. O medo e o fascínio pela encenação (retornado de uma Europa onde a «destruição» se esgotava em ficções pretensiosas e inúteis) estão presentes nos momentos exemplares que Hollywood nos legou nessa década: **Tubarão** de Steven Spielberg, a expressão mais sólida do indizível medo americano, **Taxi driver** de Martin Scorsese, a inquietante fascinação de um anónimo e solitário cidadão médio, **A rapariga na zona quente** de Paul Schrader, viagem ao fascínio da noite americana, ao horror desejável do pecado (ou ao desejável horror da virtude), **Annie Hall** de Woody Allen, percurso pelo universo dos **mass media**, pelo humor (trágico? cómico? em todo o caso uma obra-prima, como disse Godard num filme antigo), pela conjugalidade e pela solidão, **O padrinho parte II** de Francis Ford Coppola, onde a Máfia já não é uma anónima sociedade do crime mas uma sociedade anónima como outra qualquer (o capitalismo retratado com a frontalidade inimagável), **O segredo de Fedora** de Billy Wilder, talvez o ponto final no revivalismo e por certo uma das mais lúcidas e cortantes ficções sobre o cinema jamais feitas.

Comparável à produção



Jean-Pierre Léaud e Bernadette Laffont, a memória de Maio e a herança de Godard: «A Mãe e a Puta» de Jean Eustache



«A Terra Prometida» de Littin: a expressão de um fogoso e fugaz cinema de libertação latino-americano

americana nos anos 70 só talvez aquela que a Itália soube emprender. Fôlego que nos últimos anos se parece extinguir e que, provavelmente, a década que agora se inicia não verá retomar. Além de uma «segunda linha» extremamente interessante (Comencini, Risi, Scola, Petri, Rosi) os grandes mestres italianos tiveram um tempo de ouro. Isto muito embora o luto os tivesse atingido. Pasolini morre, não sem antes ter feito **Saló ou os 120 dias de Sodoma**, a genial e insuportável ficção das últimas que produzem os carascos; Luchino Visconti também desaparece mas lega-nos o romanesco sublime de **O intruso**. Igualmente morre Rossellini mas esse sem herança próxima. Pelo seu lado, Federico Fellini continua a mergulhar no universo cada vez mais desmesurado dos seus fantasmas: **Casanova** é, com toda a segurança, o apogeu e o abismo que se tocam; Fellini encena a própria desagregação dos cenários e dos mitos, dos monstros e dos homens. Mas o grande cineasta que os anos 70 confirmam e projectam para o futuro é Marco Ferreri: **A última mulher** é uma das mais pertinentes deambulações sobre a crise desses anos.

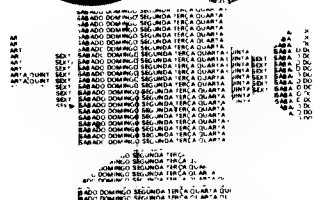
Crise que, sendo civilizacional, tem paradoxais aspectos: em França, pátria da Nouvelle Vague que, dez anos antes, incendiara o mundo do cinema, raros são os que ainda resistem à mediocridade galopante: nas minhas contas não mais que dois filmes contínuem marca indelével do pouco que de memorável se fez na pátria de Renoir: **Providence** de Alain Resnais e **O quarto verde** de François Truffaut; mas enquanto a velha Gália agonizava cinematograficamente, noutras latitudes um sangue novo pulsava. No Leste europeu, por exemplo, letargicamente tolhido uma produção que ninguém diria herdeira de

Eisenstein ou de Vertov, onde sinais importantes de revigoração se viram, sobretudo na Polónia, na Hungria e na URSS. Dois filmes expressam bem esse facto: **Salmo vermelho** de Miklós Jancsó (Hungria) e **Ascensão** de Larissa Chepitko (URSS).

Mas é da Alemanha Federal, da pátria de Lang e de Murnau que desde os alvares do nazismo não via crescer em si um cinema que fizesse honra àquele que soubera criar nos anos 20, que se ergue o que de mais pujante, na Europa, surgiu. Dois enormes autores a tutelam: Hans-Jürgen Syberberg e Wim Wenders o que quer dizer, traduzido para a exibição portuguesa, **Ludwig, requiem para um rei virgem e O amigo americano**.

Os vinte e cinco filmes citados criam, quase automaticamente, a zona dos incitáveis porque marginalizados ou ainda não vistos em Portugal. Em primeiríssimo lugar **Apocalypse now** de Coppola (cuja estreia só ocorrerá este ano), **Hitler**, um filme da Alemanha de Syberberg, Tess de Roman Polansky, a trilogia **Vitam et sanguinem** de Jancsó, **A viagem dos artistas** de Angelopoulos e também a esmagadora maioria dos trabalhos de Straub, Wajda, Cassavetes, Fassbinder, Bresson, Terkovsky, para já não falar naqueles que são completamente desconhecidos comercialmente e onde cabem nomes como Solanas, Daniel Schmid, Schroeter, Panfilov, Gyöngyösy, Marguerite Duras, Ozu, Chantal Akerman, Koerfer, Sembene Ousmane. Ou seja, e finalmente, a contatção de que qualquer visão do cinema está emparedada pelos comerciantes de fitas que, assim, nos condicionam a ter boa parte da janela fechada e a não ver uma razoável extensão do cinema que se faz.

J.L.R.



CINE/PONTO

O AMIGO AMERICANO de Wim Wenders (RFA - França - 1977)

As cidades inabitáveis e as ficções impossíveis neste tempo sem mistério: **O amigo americano** é um «filme americano» como só um europeu podia conceber

Cinema Quarteto — sala 3 (14.30, 19, 21.30 e 24 h.) (não acons. men. 18 anos)

O CIRCO de Charles Chaplin (USA - 1928)

Charlot é uma presença viva na melancolia do riso que quase não há no cinema de hoje. **O circo** é um dos seus filmes mais

delirantemente cómicos e mais angustiadamente tristes.

Cinema Quarteto — sala 1 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h.) (para todos)

NORMA RAE de Martin Ritt (USA - 1979)

Apesar de feito segundo coordenadas académicas, este filme de Martin Ritt possui a força vital de uma enorme vontade de resistir. A Sally Field (um nome e um rosto de atriz a fixar) se deve muito dessa força.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45, 21.30 h.) (não acons. men. 13 anos)

NOITES DE SINGAPURA de Peter Bogdanovich (USA - 1979)

Com o sabor **faisandé** reservado a alguns iniciados que Corman teima em introduzir nas suas produções (uma «série B» que já não há), **Noites de Singapura** é um daqueles filmes que nos conduz pelos meandros de um exotismo morto desde os tempos de Vidor, Curtiz e Sternberg, através da personagem de um **looser** (Ben Gazzara, um enorme actor) onde se sente, ciciada, a presença do fantasma de Bogart.

Cinema Quarteto — sala 2 (14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.) (não acons. men. 18 anos)

PADRE PADRONE de Paolo e Vittorio Taviani (Itália - 1977)

«Palma de Ouro» no Festival de Cannes de 1977, **Padre padrone** é um dos marcos no projecto político-cultural esperantista que alguma esquerda alimentou nos anos 70. Mistificando muita contradição fundamental e incómoda, esta película é interessante na própria polémica que provoca.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 h.) (não acons. men. 13 anos)

ASSALTO À 13.ª ESQUADRA de John Carpenter (USA - 1976)

A violência sem raiz, a memória dos **westerns** (quando a violência habitava outros espaços) e de Bogart e Bacall (quando o fascínio habitava outras violências) estão neste filme bizarro de John Carpenter, um dos «novíssimos» (salvo seja!) de Hollywood que no futuro pode produzir agradáveis surpresas.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h.) (não acons. men. 18 anos)

FACE A FACE de Ingmar Bergman (Suécia - 1975)

Bergman é já um valor na bolsa do comércio cinematográfico. Que outras razões explicariam o sucesso deste seu filme, o mais débil de toda a sua carreira, cheio de tiques e onde a reflexão sobre o «mundo interior» das pessoas está ao nível da literatura de gare?

Cinema Nimas (14, 16.15, 18.30 e 21.30 h.) (não acons. men. 18 anos)

O GRANDE ENGARRAFAMENTO de Luigi Comencini (Itália - França - RFA - Espanha - 1979)

Uma chusma de actores não faz automaticamente um grande filme. Na maior parte dos casos é até contraproducente. Este trabalho de Comencini prova-o.

Cinema Cine 22 (14.15, 16.30, 19 e 21.30 h.) (não acons. men. 18 anos)

HAIR de Milos Forman (USA - 1979)

Um filme bem enquadrado na civilização do **snack-bar** que habitamos. Daí o sucesso desta «era do Aquário» requeitada e provinciana.

Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h.) (não acons. men. 18 anos)

JESUS DE NAZARÉ de Franco Zeffirelli (Itália - G.B. - 1979)

Um tão grande mito merecia mais que as imagens em boniti-

nhos artístico-comerciais de Franco Zeffirelli. Ou, antes, merecia outra coisa radicalmente diferente. S. Pasolini já o demonstrou, anos atrás.

Cinemas Berna (1.ª parte às 13.30, 16.15, 19 e 21.30 h.) e **Satélite** (2.ª parte às 13.30, 16.15, 19 e 21.45 h.) (para todos)

As estrelas

O AMIGO AMERICANO ★★★★★
O CIRCO ★★★★★
NORMA RAE ★★★★★
NOITES DE SINGAPURA ★★★★★
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA ★★★★★
FACE A FACE ★★★★★
O GRANDE ENGARRAFAMENTO ★★★★★
HAIR ★★★★★
JESUS DE NAZARÉ ★★★★★
ROCKY II ★★★★★

A «CHAVE»

★★★★★ — Excepcional
 ★★★★★ — Bom
 ★★★★★ — Interessante
 ★★★★★ — Desinteressante
 ★★★★★ — A evitar

Dez anos

Quando o silêncio já não cabia nas gavetas

Antes de nos debruçarmos sobre o teatro em liberdade, convém voltar atrás e fazer algumas notas à margem de acontecimentos que vieram a marcar, positiva ou negativamente, os primeiros anos da década, e poderão ajudar-nos a entender as linhas de força que definiram a actividade teatral dos anos 70.

A lei da rolha

Não se pode esquecer que o teatro português viveu sob a «protecção» da lei censória de 1927 (veja-se como o regime fascista tinha consideração pelo teatro pois começou logo a tratá-lo da saúde!). É famosa uma passagem dessa lei salazarista que, de certo modo, definia não só a actividade teatral como a chamada política de espírito propugnada pelo regime. Nessa passagem da lei em questão, proclamava-se a necessidade de proteger e divulgar a arte nacional e de acautelar os interesses do público, da moral social e o prestígio das instituições; fiscalizar a organização das companhias nacionais e das que pretendam realizar excusões pela província, ilhas adjacentes, colónias e estrangeiro; fiscalizar os espectáculos e promover a repressão de quaisquer factos ofensivos da lei, da moral e dos bons costumes.

Fiscalizar, proteger, acautelar, promover a repressão—o destino do t.p., ficou traçado a partir dos primeiros tempos do fascismo. Em nome da lei, da moral e dos bons costumes—livros, espectáculos, quadros e filmes foram interditos; professores foram proibidos de ensinar; escritores e artistas foram presos, foram obrigados a exilar-se, a Pátria foi confinada à «mais vil e apagada tristeza», e o Povo português esbulhado dos seus direitos mais elementares: entre eles o direito à cultura e à criação.

Em 1971, já em pleno período marcelista, uma nova lei de Teatro pretendia traduzir, nesse campo, as alterações liberalizantes que o regime pretensamente teria sofrido, proclamando-se que «ao Estado incumbe fomentar e regular a actividade teatral, como expressão artística, instrumento de cultura e divisão pública», competindo-lhe «na persecução destes objectivos, estimular a difusão do Teatro, especialmente dos originais portugueses e das obras dos grandes dramaturgos clássicos e contemporâneos. estimular o Teatro Experimental e outras correntes de inovação estética e promover o desenvolvimento do teatro de amadores». No mesmo ano, um «decreto-lei criou uma Comissão de Exame e Classificação de espectáculos — pseudónimo da Comissão de Censura».

No II Congresso Republicano de Aveiro, em Maio de 1969, Luiz Francisco Rebello, apresentou uma comunicação em que sintetizava algumas das razões que explicavam que o fim da servidão do teatro implicava a sua libertação. Rebelo terminava o seu texto com as seguintes con-

clusões que considerava, citando Garrett, questões de independência nacional:

«a) A abolição imediata das arbitrárias restrições que continuavam limitando entre nós a criação dramática e impedem a livre manifestação de um teatro que seja a expressão, viva e actual, dos problemas e anseios da colectividade, aqui e agora.

b) a descentralização da actividade teatral, por forma a que esta possa atingir as mais vastas camadas populacionais, e não apenas um sector restrito e privilegiado da nação;

c) a revisão urgente do sistema de concessão de subsídios estatais, que deverá obedecer a critérios de natureza estritamente artística e à necessidade imperiosa de fazer com que o público acompanhe a evolução da arte teatral, a mais democrática de todas, as artes porquê, como já houve quem dissesse, «as lágrimas e o riso não são privilégio de uma só classe social».

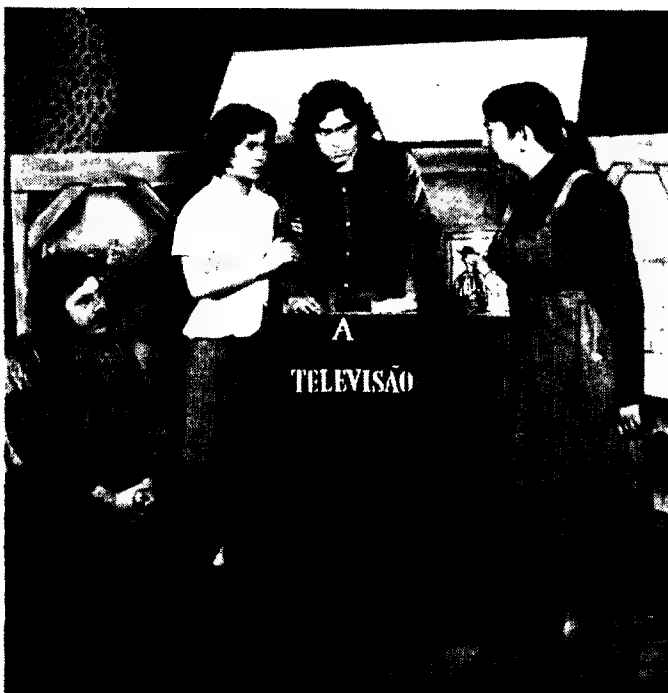
Na realidade estas conclusões poderiam ser assinadas por todos aqueles que em Portugal se interessavam pelo teatro, como seus praticantes ou como seus fruidores. Elas resumiam a maior parte das principais exigências e aspirações que todos manifestávamos.

Veremos, a seu tempo, como o t.p. dos anos que se seguiram se jogaria na dialéctica das aparentes concessões marcelistas e das reivindicações dos artistas progressistas. E como tal se viria a reflectir na comunicação colectiva apresentada no III Congresso Republicano de Aveiro, realizado em 1973, ou seja quase nas vésperas do 25 de Abril.

É, porém, indispensável lembrar que a lei marcelista, tal como a abertura marcelista, não passava de poeira atirada aos olhos dos crédulos. Como se escreve na referida comunicação, a Lei do Teatro de 1971, não passava de uma «enunciação demagógica de princípios gerais aparentemente saudáveis, que são, na realidade, cerceados ou completamente anulados no plano real através de proibições e, sobretudo, de uma estranguladora e asfixiante centralização destinada a evitar uma verdadeira emancipação do Teatro Português». Se nos lembrarmos de que, em 1973, como já se referiu, não foi apresentado nenhum original português e da lista das peças então proibidas — não poderemos deixar de pensar que essas palavras não tinham nada de exageradas.

Uma das imagens pessoais que conservo desse período é o da humilhante luta pela apresentação de um espectáculo por um grupo independente. Depois de várias tentativas, e já com o espectáculo pronto para ser estreado, um grupo de censores e outras autoridades importantes assistiu a um ensaio para dar o parecer final. Sem que eles soubessem pude assistir, entre cortinas de uma friza, ao duplo espectáculo: o do palco (muito bom) e o da sala, em que meia dúzia de bonzos, tão incapazes de analisar um texto e um espectáculo, tão policialmente vigilantes da moral do regime, cochichavam entre eles, manifestando certamente a sua incapacidade em entender o autêntico, e mais profundo, significado do que no

Carlos Porto



palco se passava. O espectáculo foi naturalmente proibido, e o crítico de teatro, que sobre ele não pôde falar (embora acabasse por romper as malhas do silêncio: tratava-se de uma notável criação sob o ponto de vista de encenação e de interpretação) não pôde deixar de sentir vergonha, por ele próprio, pelos artistas que tinham dado o seu melhor, por aqueles que eram obrigados a mendigar a palavra, o abre-te Sésamo, a chave que abria a porta de um mundo proibido.

Os sintomas da mudança

Actividades profundamente vinculadas às estruturas políticas, económicas e culturais do regime fascista, como aquela sua própria natureza, não podia deixar de ser, a prática teatral anterior ao 25 de Abril, serviu de confirmação do truismo de ser o teatro sísmógrafo infalível das correntes visíveis das correntes ocultas que a sociedade em mutação produz. É altura de procurarmos o que, ainda antes do 25 de Abril, começava a mudar no t.p. Se o teatro é uma actividade que acompanha a história, reflecte e impulsiona o movimento social, pode dizer-se que nos primeiros anos da década de 70, o t.p. caminhou à frente da história, mostrou o caminho que o povo português ia seguir, derrubou as muralhas de papelão antes que os capitães de Abril derrubassem as muralhas, de ferro e cimento aparentemente sólidas, do regime fascista.

Um dos aspectos a ter em conta, e que normalmente não é considerado, é o que diz respeito às transformações introduzidas na Escola de Teatro do Conservatório Nacional. Passando a funcionar em regime de experiência pedagógica e dirigido por Mário Barradas, que se deslocara de França, o CN foi durante alguns anos um local onde se fizeram algumas experiências teatralmente interessantes e onde, sobretudo, se formou uma nova geração de actores (alguns dos quais encenadores) que viriam a participar no novo movimento do t.p.

Como se sabe, o CN era tradicionalmente uma escola isolada, onde o que se ensinava não tinha nada a ver com as transformações por que tinham passado as técnicas teatrais, com a evolução da estética contemporânea, ou com novos métodos pedagógicos. Era, além disso, e como genericamente todo o ensino em Portugal, uma escola isolada da vida, como se fosse possível, sem grave dano, separar o teatro da vida.

Temos, pois essa transformação no C.N., que ficou a meio do caminho e acabou por se perder, como um dos sintomas e uma das causas de que alguma coisa mudava e ia mudar no t.p.

Outro sintoma diz respeito às exigências de um novo público que já não se satisfazia com o teatro de aquário do D. Maria II nem com as salsichas de Vasco Morgado. Os fermentos revolucionários a nível universitário (como, por outro lado, a nível sindical) não podiam deixar de dinamizar uma prática que está tão perto das raízes das próprias transformações sociais. O teatro universitário e o público universitário à procura de um teatro outro; o teatro de revista e o teatro de amadores e o público de trabalhadores exigindo dos espectáculos uma outra carga crítica e uma outra força comunicativa (dando-se o caso em relação aos amadores que os próprios trabalhadores nele participavam) — eis os vectores em que o t.p. se vai movimentar para uma transformação quantitativa e qualitativa.

Esses novos públicos e esses novos trabalhadores do teatro impunham, além disso, que o Governo abrisse algumas frechas na muralha espessa. Para o compreender, basta ter presente a clássica ideia de que uma situação conservadora ou reaccionária pode aceitar que alguma coisa mude para que tudo continue na mesma. Daí que a Censura libertasse alguns textos nacionais e estrangeiros, como já referi, sem que isso significasse quaisquer concessões sob o ponto de vista de manter a rolha bem apertada, como o provam sucessivas

proibições, entre elas a de que resultou o discutido caso de «A Mãe», de Wietkiewicz.

A importância do teatro universitário

Vejamos o que se passava pelo lado do teatro universitário. Assinalamos o ano de 1968 (precisamente em Maio) como aquele que marcou a mais importante arrancada do teatro feito por estudantes, embora já anteriormente outros espectáculos (tanto em Lisboa como em Coimbra e no Porto) tivessem marcado não só um rumo de qualidade como a intenção de apresentar teatro de intervenção política.

Em Maio de 1968, o Grupo de Teatro da A. E. do Instituto Superior Técnico apresentou uma montagem que incluía autores e textos mais ou menos malditos: Buchner, Sartre, Santareno, Brecht. Espectáculo importante por várias razões: por nos mostrar textos infelizmente «invisíveis»; por procurar enquadrá-los criticamente; por apresentá-los através de uma leitura cénica de grande modernidade para o tempo. O facto ficou a dever-se em grande parte ao encenador—ele também amador e grande estudioso de teatro—, Mário Sérgio, que mais tarde viria a dedicar-se à crítica da especialidade.

O mesmo grupo, com o mesmo encenador, apresentaria um ano depois, portanto já nos anos 70, o primeiro Brecht grande que surgiu em Portugal: «Antígona», peça que não voltou a ser feita. Fazer Brecht com a dignidade e o rigor com que este grupo se apresentou foi uma proeza que a mais de dez anos de distância devem ser assinalados, tendo em conta o facto de Brecht a ser então um autor completamente interdito.

No entanto, o teatro universitário foi marcado pela passagem por Portugal de alguns encenadores estrangeiros que, além dos espectáculos que dirigiram, orientaram cursos de formação que enorme influência viriam a ter, pelo menos aquele que Adolfo Gutkin dirigiu na Gulbenkian. Cabe aqui dizer que à Gulbenkian se deve, em grande parte, este florescimento do teatro universitário, financiando a vinda e estadia desses artistas. Indirectamente embora, e não se se involuntariamente, a Gulbenkian contribuiu para as transformações que o t.p. viria a sofrer.

Vejamos, entretanto, os espectáculos a que aludi: «Volpone» e «Melim 4», pelo Grupo Cénico da A.A. da Faculdade de Direito de Lisboa, sob a direcção de Gutkin (1969 e 1970). Se «Volpone» foi um dos grandes espectáculos portugueses desses anos, «Melim 4», espectáculo obedecendo a uma outra opção estética, embora a meu ver falhado, viria a ter uma maior influência. A tentação do ritual, da pretensão de participação do público, da destruição do espaço cénico à italiana, desembocaram directamente nas experiências da Comuna e até em certos trabalhos de amadores.

Espectáculo mais académico, e bastante menos conseguido, «O Imperador Jones», de O'Neill, apresentado pelo T.E.U.C. (1970) com encenação de outro

argentino (Júlio Castronuovo), assinalava no entanto, a viragem do teatro universitário, o que também poderíamos dizer aliás, da recriação muito livre do «Hamlet» encenada por Carlos Cabral, em que o mais importante era a intencionalidade, política nela legível (a ideia dominante seria a da necessidade de agir contra uma ordem injusta). Espectáculo do T.E.U.C. (1971).

Shakespeare estava então, como hoje, na vanguarda. Um outro grupo de Coimbra, o C.I.T.A.C., apresentou em Maio de 1970 um «Macheth—Que se Passa na Tua Cabeça?», texto colectivo baseado na obra do autor isabelino. Espectáculo diferente em cada representação, espectáculo «anarca», provocatório (em Coimbra, se não houve esteve para haver pancada), este «Macheth»... comandado directamente pelo encenador (ainda um outro jovem argentino: Juan Carlos Oviedo) continha algumas ideias cénicas de grande força (que viria a encontrar muito mais tarde em grandes espectáculos da estranha como pretensas novidades), embora essas ideias fossem destruídas pelo ambiente impossível de que a função se sustinha. Se a discussão com o próprio público era uma das suas forças, não podia deixar de representar a sua destruição. Como espectador, foi para mim, contudo, uma experiência inolvidável, pois mostrou-me, pela primeira vez, um caminho novo para a prática teatral, e a armadilha implacável que esse caminho ocultava.

Aparentemente, a censura era mais tolerante com estes espectáculos, o que se poderia explicar, desde logo, pelo facto de não atingirem senão um público muito restrito, de características específicas, sob o ponto de vista cultural e político; em especial estudantes e intelectuais. Nem por isso essa tolerância deixava de ser aparente, o que se pode exemplificar com o caso do espectáculo do T.U.P. (Teatro Universitário do Porto). «Azul Negro», que nunca pôde ser estreado, embora tivesse sido visto por algumas centenas de espectadores durante os últimos ensaios.

Dirigido por um outro argentino (Augusto Fernandes) o espectáculo compunha-se de duas partes. Na primeira dois actores interpretavam a peça em um acto «George», do norte-americano Anthony West, e na segunda todo o grupo interpretava um texto colectivo sobre a repressão.

«George» — um drama sobre a alienação pela televisão —, permitia descobrir uma actriz que dispunha de evidente talento. Refiro-me a Manuela de Melo, que viria a participar noutros espectáculos (nomeadamente em «A Casa de Bernada Alba» na versão de Falcão) e depois optava pela televisão. Sendo ao mesmo tempo uma das mais fotogénicas, inteligentes, cultas e capazes locutoras da RTP (Porto) rapidamente a vemos no pequeno «ecran».

É de esquerda, não é?

A segunda parte do espectáculo, amostragem de um teatro arcaudiano de conteúdo político, demonstrava com uma violência muito séria a acção da polícia sobre os presos políticos. Foi das

Continua na pag 8

1959 1979 **XX aniversario** **Casa** **de las américas**

Os vinte anos da Casa das Américas representam o mais sério esforço no conhecimento do homem latino-americano e no aprofundamento da sua consciência política e cultural.

Cirada poucos meses depois do triunfo da Revolução Cubana, a Casa tem travado um combate vitorioso contra a penetração cultural do imperialismo no âmbito da América de Martí — a que vai do Rio Bravo à Patagónia —, enfrentando com êxito os obstáculos que se opõem à unidade dos povos latino-americanos e dando um contributo essencial ao desenvolvimento genuíno da absoluta identidade desses povos.

Numa actividade que abrange a edição de revistas periódicas, livros e discos, a organização de exposições, concertos, encontros, e vai desde a literatura ao teatro, da música às artes plásticas, do estudo da realidade latino-americana e das Caraíbas à investigação de todas as formas de arte e expressão populares dos povos do continente, a Casa das Américas tem no Prémio que institui anualmente, e no Encontro de Escritores Latino-Americanos e das Caraíbas que se realiza por ocasião da sua atribuição, um dos momentos mais altos e prestigiosos do seu labor, dos mais concordes com a tarefa que o comandante Ernesto Che Guevara lhe apontou: «A exaltação do património cultural de toda a nossa América».

Rogério Paulo (em 1972 e 1975) e Urbano Tavares Rodrigues (1976) fizeram parte do Júri do Prémio Casa das Américas. Outro português — Alexandre Cabral — está mais uma vez de abalada para Cuba, onde vai participar no Júri do Prémio de 1980. De uma ou de outra forma, todos têm estado ligados à vida e à cultura do primeiro país socialista da América, de tal maneira que muito antes do 25 de Abril participaram numa comissão que

diosos da realidade cubana, com livros publicados, em domínios específicos, sobre a sua génese e significado, mantivemos com eles a pequena conversa que se segue, a propósito do XX Aniversário da Casa das Américas.

Rogério Paulo — «Fui convidado pela primeira vez para membro do Júri em 1972, cabendo-me apreciar, juntamente com o espanhol Alfonso Sastre e o notável actor e encenador cubano René de la Cruz, as

Vinte anos da Casa da

Mesa-Redonda com Rogério Paulo Urbano Tavares Rodri

Ernesto

R.P. — «Processavam-se da seguinte forma: depois da entrega das obras concorrentes, seguia-se um trabalho exaustivo, com a leitura de 180 obras em três semanas. Cada um de nós tinha que fazer um relatório sobre cada obra e no final reuniamos-nos e íamos eliminando as que não interessavam, deixando para o fim aquelas que considerávamos susceptíveis de discussão. Após esse debate, chegávamos a um acordo».

Concurso por pseudónimo e nenhuma interferência da Direcção

«O que se passava connosco passava-se com os membros do júri dos outros géneros: ensaio, poesia, novela, etc. No final, cada um dos membros do júri dava o seu parecer e só no último dia é que participávamos à Direcção da Casa das Américas quem tínhamos escolhido».

«Nunca sabíamos o nome dos concorrentes, já que o concurso é feito pelo sistema de pseudónimos, com o nome dentro de um sobre-crito fechado (só se revelam, no fim, os nomes dos premiados), e devo frisar que em todo o processo não há qualquer ingerência da Direcção da Casa das Américas. Aceita em absoluto o veredicto que é dado pelo júri. Não põem qualquer problema, não há censura nem coacção».

«DL» — Foste membro do júri por duas vezes. Em ambas para o Prémio de Teatro?

R.P. — «Em 1975 também fui convidado para membro do júri. Já tinha havido aqui o 25 de Abril e fui lá só para isso, e qual não foi o meu espanto quando verifiquei que não tinha sido integrado no Júri de Teatro, mas no de Literatura Infantil, no primeiro ano em que decidiram atribuir um prémio a esse género. Espantei-me um pouco e perguntei porque diabo iria eu para a literatura infantil, se não era essa a minha especialidade. Responderam-me uma coisa que eu depois constatei ser absolutamente verdadeira: mais de metade das obras de literatura que foram apresentadas a concurso eram obras de teatro infantil. Por essa razão, queriam que no júri de quatro pessoas, um dos elementos fosse uma pessoa do teatro. Passou-se tudo exactamente como da outra vez: absoluta isenção e absoluta liberdade. Novamente nos colocaram num sítio isolado. Temos bastantes actividades durante a nossa estada em Cuba, mas pelo menos durante 15 dias, ou vamos para a ilha de Pinos, a chamada Ilha da Juventude, ou para qualquer outro sítio suficientemente tranquilo para só lermos e podermos fazer este trabalho, que não é fácil, mas que nos dá uma grande alegria».

«A minha experiência de participante no júri proporcionou-me um grande convívio e uma grande abertura de conhecimentos com muita gente da América Latina que eu não poderia conhecer de outro modo, como o Ernesto Cardenal, que tem andado nas primeiras páginas dos jornais, ou o grande poeta Roque Dalton, que acaba de ser assassinado em El Salvador, de quem fui muito amigo e com quem convivi bastante...».

«Verifiquei também que entre os membros do júri não se pode dizer que houvesse unanimidade de filiações partidárias. Havia era uma constante: todos os membros do júri que são convidados a ir a Cuba são

anti-imperialistas, antifascistas e são gente progressista. São escritores, intelectuais e artistas que contribuíram nos seus países para a libertação dos seus próprios povos».

Textos em português

«Outro pequeno facto é que a primeira vez que fui membro do júri, em 1972, não se aceitavam ainda textos em português, mas só em espanhol. Nesse mesmo ano apareceu o «Grão de Mostarda», do nosso amigo Márcio Moreira Alves,

em português, enviado do Brasil. Nessa altura os membros do júri do Prémio de Ensaio leram a obra e pareceu-lhes que era de todas a que tinha mais interesse, embora com as limitações que homens de fala espanhola têm em ler português. Vieram ter comigo e pediram-me se eu a lia só para lhes dizer uma coisa: se realmente aquilo estava escrito em bom português. Estava de facto escrita em português impecável. E foi premiada pela primeira vez uma obra escrita em português e não apresentada em castelhano. Agora já são aceites os textos tanto em

português como em francês ou inglês, desde que tratem de toda a América, do Rio Bravo à Patagónia, onde, como se sabe, fala-se português, espanhol, francês e inglês».

Impressionante participação popular

Urbano Tavares Rodrigues — «Fui membro do júri de novela em 1976. Aconteceu que as minhas obrigações profissionais como professor na Faculdade de Letras de Lisboa não me permitiram estar lá

O Che, um dos impulsionadores da Casa das Américas, para «a exaltação do património cultural da América de Martí»



NO LIMAR DE UMA CU

O que é a Casa?

A Casa das Américas foi criada pelo Governo Revolucionário cubano em 1959, poucos meses depois do triunfo da Revolução, com o objectivo do desenvolver e ampliar as relações socioculturais com os povos irmãos da América que vai do Rio Bravo à Patagónia e engloba, nos países da América Latina e das Caraíbas, um povo mestiço de mais de 200 milhões de almas, uno, como dizia José Martí, «na esperança e no perigo».

Instituição com personalidade jurídica própria, a Casa foi sempre presidida por Haydée Santamaría, assaltante do Quartel Moncada em 26 de Julho de 1953, combatente da Sierra Maestra, presa e torturada pelos esbirros de Batista (mostraram-lhe os olhos que tinham arrancado ao irmão), membro, na actualidade, do Comité Central do Partido Comunista e do Conselho de Estado de Cuba.

As responsabilidades da Casa das Américas aumentaram pouco tempo depois da sua fundação, quando todos os governos latino-americanos, à excepção do mexicano, apoiaram o bloqueio imperialista e romperam relações com Cuba. Através da Casa, os escritores e artistas latino-americanos e das Caraíbas abriram uma brecha nesse bloqueio da primeira revolução socialista da América.

A Casa das Américas contribuiu para o reconhecimento dos valores culturais dos países da América Latina e das Caraíbas, alertando artistas plásticos, músicos, escritores, cineastas, homens de teatro e público em geral para as manobras imperialistas de penetração e divisão no campo cultural dos países do continente, no cumprimento de uma tarefa de esclarecimento, denúncia e solidariedade. De uma cultura de dependência e submissão ao jugo imperialista, esse processo de afirmação popular conduziu os povos da América Latina e das Caraíbas ao limiar de uma cultura de libertação.

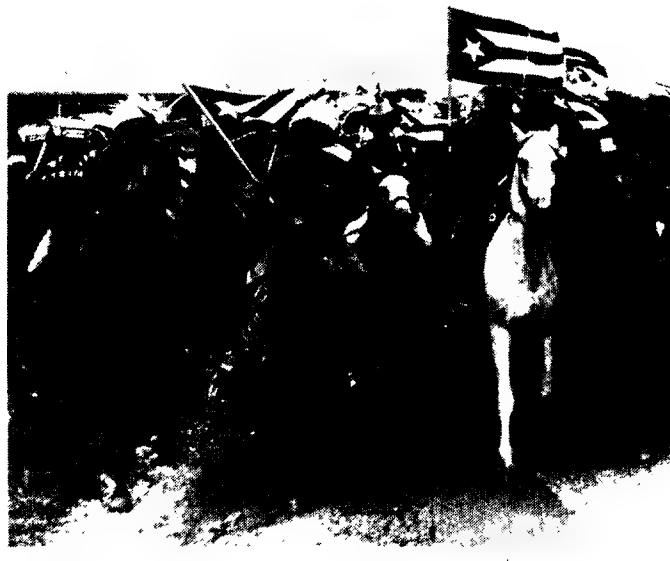
Uma das primeiras actividades da Casa das Américas foi a organização de um concurso literário que desde 1960 tem vinculado à Revolução, como membros do júri ou como concorrentes, os mais prestigiosos escritores da América de Martí e muitos latino-americanistas do mundo inteiro.

Inicialmente, o Prémio Casa das Américas incluía cinco géneros: poesia, novela, conto, teatro e ensaio. A partir de 1970, agregou-se à convocatória do Prémio o género de testemunho, e desde 1975 também se tornou extensivo à categoria de obras para crianças e jovens.

Inicialmente circunscrito a textos em castelhano, o Prémio passou a incluir,

a partir de 1973, obras escritas em português, livros escritos em inglês por francêses da autoria de escritores das / Este prémio literário — o mais pre das múltiplas actividades da Casa. O organiza desempenha outras funções críticas da literatura do continente ou e colecções como a Valoración Mú sobre um autor, uma época ou um m do Centro é o Arquivo da Palavra, f autores, e a colecção de discos Pal fazem programas de rádio e televi acaba de fundar o Centro de Estu O Departamento de Artes Plástica Latino-Americana, exposições de ou de arte popular, mantendo um mediante doações solidárias. Além regularmente encontros de artistas O Departamento de Música organi compositores e intérpretes do cont Canção de Protesto em 1976. O E partitura, discos e fitas magnetofón de colecções como Música de est Música.

O Departamento de Teatro organi latino-americano e a visita a Cuba publica desde 1964 a Revista Conju Gallich, que foi ministro da Educ O Departamento Editorial coordena livros da Casa das Américas, a co seleccionados nos concursos anuai Latino-Americana e «La Honda», das letras da América Latina e de Nuestra América, com obras de «Cuadernos Casa», com ensaios e colecção «Nuestros Países», com



projectava já organizar em Portugal uma Associação que de qualquer modo tivesse ligações com Cuba. Profundos conhecedores e estu-

obras que concorriam ao Prémio de Teatro».

«DL» — Como é que as coisas se passavam?

s Américas

gues e Alexandre Cabral

Sampaio

durante todo o tempo, o que prejudicou um bocado, portanto, a minha participação e até o meu relacionamento. No entanto, foi uma experiência extremamente rica. Não vou repetir o que o Rogério disse, porque o que se passa em relação ao teatro passa-se com a novela, mas quero insistir num aspecto lateral de extrema importância, e que é o das realizações culturais que são promovidas na primeira fase das discussões do júri e das primeiras leituras.

«No ano em que eu lá estive houve diversos recitais de poesia,

houve conferências com uma impressionante participação popular que mostrava até que ponto a juventude, quer estudantil, quer operária, vive a promoção cultural e até que ponto é rica a leitura e o interesse pela poesia. Quer dizer, toda a experiência da transmissão da mensagem ao público é tão rica em Cuba, que eu suponho que é um campo extraordinariamente fértil para uma análise da sociologia da leitura ou para uma estética da recepção literária. E isto porque a participação desses auditórios nos debates que se seguiam aos recitais de poesia, ou a

conferências sobre novela ou ensaio era extremamente rica. E não só sob o aspecto ideológico, como até no plano da capacidade de análise artística. É calro que os parâmetros não são forçosamente os mesmos da Europa. Não quer dizer que não haja pessoas que não se interessem, em Cuba, por análise estrutural ou por análise psicanalítica, mas, em geral, a análise estrutural ou por análise sociológica e a análise estilística. Mas discute-se de tudo».

«DL» — O Urbano esteve em Cuba em 1962. Que diferenças notou em 1976, catorze anos depois da sua primeira estada no primeiro país socialista da América?

U.T.R. — «Para mim, essa segunda estada em Cuba foi uma verdadeira fascinação. Da primeira vez fora lá com um companheiro muito querido, o Manuel Alpedrinha, logo após os combates da Playa Girón, no momento culminante da passagem da revolução democrática de 1959 para a instauração do socialismo em Cuba».

A euforia da libertação

«Portanto, no ano de 1962, quando eu e o Manuel Alpedrinha chegámos a Cuba, vivia-se a euforia da libertação do imperialismo. Nesse momento, o sentimento patriótico coincidia rigorosamente com o entusiasmo pelo socialismo que se estendia a diversas camadas sociais até então alheias ou reticentes em relação à avançada para o socialismo. Por um grande impulso patriótico, nesse momento aderiram ao projecto socialista».

«DL» — Como era Cuba nessa altura?

U.T.R. — «Dançava-se na rua. Pintavam-se grandes murais colectivos. Eu assisti. Estavam lá artistas famosos que vinham de toda a parte e se juntavam aos cubanos. As pró-



Urbano Tavares Rodrigues

Alexandre Cabral

Rogério Paulo

prias condições em que lá fui, nessa primeira vez, eram diferentes; viajava-se com muita cautela (fui de Paris a Cuba e só voltei à Europa em 1963), com nome suposto, enquanto que em 1976 estive lá legalmente. A democracia tinha sido instaurada em Portugal com a Revolução de 25 de Abril e eu encontrei uma Cuba completamente diferente».

«Em vez dos cemitérios de automóveis, havia um trânsito perfeitamente normal, com muitos carros. Em vez do racionamento que tinha conhecido e compartilhado com os cubanos, a alimentação, nessa altura, já era francamente boa. Por todo o lado, nas visitas que fizemos, eu observava não só aquilo que considero a coisa mais preciosa que existe em Cuba, e que é um novo tipo de relações humanas, marcado pela fraternidade, pela simpatia, por uma participação conjunta na busca da felicidade, uma felicidade que é necessariamente individual, mas

que é também colectiva, mas também, e ao mesmo tempo, esta vontade de saber que é característica dos países socialistas e que em Cuba tem ainda um aspecto curioso: normalmente, à vontade de saber dos jovens, que é intensa, junta-se, e isso é um traço característico e menos facilmente rastreável nas democracias populares da Europa (devido naturalmente à sua história), a vontade heróica do povo cubano, aliás bem comprovada na forma como os cubanos ajudaram Angola a defender-se do imperialismo. Essa vontade é neste momento um traço característico da juventude cubana».

«Mas isto está a levar-me um bocado longe da literatura e quero corroborar aquilo que o Rogério disse e que eu tive ocasião de observar. Efectivamente os membros do júri não são forçosamente militantes deste ou daquele partido, mas sim democratas e anti-imperialistas. E o critério — é muito importante acentuá-lo — é um critério de grande rigor, de grande exigência no que respeita à qualidade artística dos textos».

«Portanto, não se premeia uma obra pelo seu contributo directo para a construção do socialismo. Fidel Castro foi muito explícito nessa questão, embora agradecendo aos escritores que o façam quando isso lhes esteja «na calha», isto é, quando tenham para isso a experiência e a vontade. Mas na realidade não se pede mais aos escritores senão que escrevam bem e sejam fiéis à vida. E o escritor que conseguir escrever uma obra de linguagem de alta qualidade na qual reproduza a vida em transformação, fará sempre uma obra que o futuro há de considerar como um factor de progresso».

A cultura nasceu com a revolução

«É extremamente importante que o júri dos prémios da Casa das Américas atenda essencialmente à qualidade estética das obras, desempenhando um papel da maior importância, não só na produção cultural da América Latina, como na intercomunicação entre as diversas culturas já citadas. De facto, não existia nada a que possa chamar-se cultura no tempo da ditadura de Fulgêncio Batista. Os grandes escritores cubanos de então publicavam os seus livros no México ou na Argentina. A cultura nasceu com a revolução. O comandante Guevara, é muito justo dizê-lo, foi um homem que pelo seu amor à arte, pelo seu

amor à liberdade, pelo seu espírito realmente revolucionário, teve um grande papel no desenvolvimento e no estímulo dado à literatura em Cuba. Essa literatura processou-se sempre num clima de grande liberdade. Houve neste ou naquele caso um epifenómeno que depois foi enfatizado por países e por escritores de direita, mas realmente a produção literária em Cuba é modelar nesse aspecto de procura da qualidade».

«DL» — E você, Alexandre Cabral, como encara a sua próxima participação num encontro de tal natureza?

Alexandre Cabral — «Depois das intervenções do Rogério e do Urbano, poderá imaginar-se qual é a responsabilidade, e eu já fazia essa ideia, que cabe a um escritor ou a um intelectual que seja convidado a participar no júri do prémio da Casa das Américas. No entanto, ainda que não tenha tido até hoje a experiência da participação num encontro dessa natureza, estou bastante bem relacionado com os problemas de Cuba, pelo menos devido a duas viagens que fiz, uma em 1964, ainda no tempo do fascismo, e devido a isso estive preso, e outra em 1975, depois da nossa Revolução dos cravos».

«Nessa altura, em 75, fui na qualidade de vice-presidente da Associação de Amizade Portugal-Cuba assinar um convénio cultural com o Instituto Cubano de Amizade com os Povos. Era acompanhado por outro vice-presidente da Associação, o Armando Veiga Pinto e, portanto, conheço a maneira franca e a camaradagem, que é realmente exemplar, dos nossos amigos cubanos, que têm por Portugal, e sobretudo a seguir ao 25 de Abril, uma estima muito grande. Manifestaram nessa altura o carinho muito particular que têm por nós. Eu recebo aqui quase todas as publicações que são editadas pela Casa das Américas, e que constituem um vivo testemunho da sua enorme actividade, traduzida nas colecções que têm, que são inúmeras, e nos encontros e festivais que se vão realizando ao longo do ano, e o que eu posso dizer, pelo que me apercebo das leituras que faço de todo esse material, é que a Casa das Américas representa um papel fundamental, não só para o desenvolvimento e incremento da cultura nacional que vai buscar as suas raízes a uma série de tradições e a um passado de luta que vem de muito antes da primeira guerra independentista que começou em 1868, mas também para a continuação do espírito de José Martí, isto é, para o reforço da amizade, da fraterni-

Continua na pág. 6



Haydée Santamaría, assaltante do quartel Moncada em 26 de Julho de 1953, presa e torturada pelos esbirros de Batista (chegaram a mostrar-lhe os olhos que tinham arrancado ao irmão), mulher extraordinária de coragem e dignidade, directora da Casa das Américas desde a sua fundação

LITERATURA DE LIBERTAÇÃO

tuais por autores brasileiros, desde autores antilhanos; em 1978, textos em línguas que se expressam nesse idioma. O glosso do continente — é apenas uma Centro de Investigações Literárias que reúne importantes, tais como o estudo de elaboração de antologias, panoramas, seleções comentadas de críticas, e outros. Outra das iniciativas é a realização de gravações na própria voz dos autores de esta América, com a qual se pode muito vincular a CIL, a Casa das Américas.

representa, na sua Galeria de Arte, a América Latina e das Caraíbas uma valiosa colecção permanente, reunida em um só livro, o Departamento promove recitais, concertos e encontros de arte, inaugurados com o Festival da América, que conserva um fundo de obras doadas à Casa, edita discos através da CIL, e publica um Boletim de Arte.

em vários festivais de teatro, prestigiosos grupos do continente, e o, dirigida pelo guatemalteco Manuel Arce, do Governo de Jacobo Arbenz, a preparação das várias colecções de obras de autores de todo o continente, e os escritores clássicos e modernos das Caraíbas, a colecção «Pensamento de grandes pensadores, a colecção de diversos temas de interesse, e a publicação de conteúdo americanista.

A Casa das Américas conta com a Biblioteca José A. Echeverría, especializada em questões latino-americanas e das Caraíbas, e que em 1975 alcançou 77 mil volumes e mais de 4 mil títulos de revistas. Esta Biblioteca publica também bibliografias sobre países e temas latino-americanos. O Departamento de Localização e Aquisição da Casa propõe e gere com critério selectivo a selecção e aquisição no estrangeiro dos materiais e obras culturais necessárias ao trabalho do organismo.

A revista Casa das Américas, dirigida por Roberto Fernández Retamar, é o principal órgão da instituição, recolhendo e divulgando criações latino-americanas e caribenhas de qualidade, assim como estudos sobre as realidades do continente, incluindo colaborações de outros países socialistas. A Casa das Américas organiza encontros, colóquios, conferências, mesas-redondas, exposições, concertos e outras actividades sobre temas latino-americanos e das Caraíbas. Entre os premiados e outros participantes nas suas actividades encontramos nomes como os dos uruguaios Mário Benedetti, Juan Onetti e Eduardo Díaz, dos argentinos Julio Cortázar, Ernesto Sábato, Leopoldo Marechal e Osvaldo Dragun, dos chilenos Pablo Neruda, Victor Jara e Alejandro Witter Velásquez, dos antilhanos René Depestre e Aimé Césaire, do jamaicano Edward Brathwaite, dos mexicanos Carlos Fuentes e Juan Rulfo, dos peruanos Mário Vargas Llosa, José María Arguedas e José Carlos Maratégui, do nicaraguense Ernesto Cardenal, do salvadoreno Roque Dalton (recentemente assassinado na sua pátria), dos colombianos Gabriel García Márquez e Andres Lizarraga, do brasileiro Oduvaldo Viana, do hondurenho Longino Becerra, dos bolivianos René Zavaleta e Ruth Arrieto, do venezuelano Gumersindo Martínez Amengual, do paraguaio Omar Díaz de Arce, do dominicano Armando Bayo, do norte-americano Noam Chomski, dos cubanos Nicolás Guillén, Alejo Carpentier, José Lezama Lima, Rine Leal, Virgilio Piñera, Manuel Cofino, de Fayad Jamis, Lisandro Otero, José Triana, Exequiel Martínez Estrada e tantos outros.

Juntamente com as tarefas já cumpridas, nesta época de afirmação da América de Martí, a Casa das Américas, promovendo sempre novos contactos e novas realizações, representa para milhões de seres humanos o culminar legítimo de um processo cultural que constitui para todo o mundo um exemplo de firmeza revolucionária e de lealdade à Revolução.

Breve

panorama

da produção

e actividade

da Casa

das Américas

Duzentos e trinta e dois títulos publicados de publicações periódicas, 408 títulos de livros, num total de 4 954 000 exemplares, 44 discos (22 de música e 22 do Centro de Investigações Literárias), 132 prémios Casa das Américas (102 estrangeiros e 30 cubanos), 151 exposições (30 individuais, 99 colectivos e 22 no exterior), 1166 actividades periódicas, entre conferências, mesas-redondas, recitais, concertos, documentários cinematográficos, visitas guiadas, espectáculos teatrais, etc., 20 grandes encontros internacionais, como o Festival de Teatro Latino-Americano, a Exposição da Havana, o Encontro Ruben Dario, o Encontro da Canção de Protesto, o Encontro de Música Latino-Americana e muitas outras realizações.

Sociedade



1959 1979 XX aniversario Casa de las américas

Continuação da pág. 5

dade, da unidade de interesses entre todos os povos da América Latina. — **«DL»** — Rogério, tu também estive várias vezes em Cuba. Podes dar-nos as tuas impressões sobre as transformações que foste observando em todos estes anos?

R.P. — «Estive em Cuba em 1970, convidado pelo Conselho Nacional de Cultura, quando montei «A Traição do Padre Martinho», do Bernardo Santareno, numa época dura de racionamento total. Estávamos no auge do bloqueio norte-americano e lembro-me que só havia um maço de tabaco por semana, por habitante. O único país latino-americano que reconhecia Cuba naquela altura era o México. Voltei lá em 1972, para uma estada que se prolongou por 16 meses, e em 1975, e fui sempre notando uma diferença».

«Posso dizer que em 1975 o racionamento já não pesava, havia uma vida normal. É importante frisar, para toda aquela gente que tem a mania de denegrir, que no auge do racionamento cubano, em 1970, cada pessoa levantava, por semana, 450 gramas de carne de lombo. Agora eu pergunto: quantos

milhões de portugueses não comem 450 gramas de carne de lombo por ano, quanto mais por semana? Não falando nas outras carnes. A que preço? Ao preço, que ainda se mantém hoje na nossa moeda, de 30 escudos por quilo. Porque o que é caro lá são os artigos sumptuários ou os produtos não essenciais. O tabaco e o rum, por exemplo, são caros, mas a carne, o arroz, a farinha, a cerveja, etc., são baratos. O leite é dado às crianças e aos velhos».

«Outro ponto que desejaria frisar é que a influência da Casa das Américas se estende evidentemente por toda a América Latina e é hoje o prêmio mais prestigiado. Pela sua isenção, por aquilo que representa de busca de qualidade e não de serviços partidários, tornou-se muito importante para os escritores latino-americanos».

Um grande exemplo

«A Casa das Américas é para nós um grande exemplo, com raízes na América de Martí, na luta e na resistência contra o colonialismo cultural dos Estados Unidos da América do Norte. Colonialismo cultural que nós em Portugal sentimos dura-

mente (agora até já um país colonizado, como o Brasil, nos coloniza)».

«Que sonho lindo se Portugal pudesse fundar um organismo para a defesa da cultura e dos intelectuais e artistas que se exprimem em Português, de Portugal, do Brasil, de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau, de S. Tomé e Príncipe, de Cabo Verde, um organismo que fosse um baluarte na defesa do nosso idioma e das nossas culturas. É esse o exemplo da Casa das Américas».

U.T.R. — «A ideia lançada pelo Rogério parece-me extremamente importante e é quase um sonho, e um sonho muito belo, que é o de podermos vir a ter em Portugal um organismo semelhante à Casa das Américas, cuja acção se estende a todos os níveis da cultura, não só à literatura e ao teatro, mas também à música, ao ballet, ao folclore. É, portanto, a Casa da Cultura na perfeição, absoluta e mais correcta expressão do termo».



«Há um outro aspecto que queria focar. É que no ano de 1976, quando estive em Cuba, processava-se a experiência do poder popular na província de Matanzas. Pude observar como as coisas estavam a funcionar, como se construía a autêntica democracia socialista, porque a democracia, para ser autêntica, só pode, a meu ver, ser socialista, é o grande sonho do século vinte, se não um sonho dos longes da humanidade. Em Cuba está-se realizando, e eu tive ocasião de observar isso através dos meus olhos e dos meus ouvidos vivendo uma experiência extraordinária que é a de assistir à génese de uma democracia na base através de eleições que são rigorosamente livres. Essas eleições são a escolha dos melhores para os organismos de base, dos quais emanarão as mensagens e as decisões que acabarão por chegar ao governo da nação».

«Uma das coisas que terei mais interesse em ver quando voltar a Cuba é como funciona essa dinâmica. Tanto mais que a revolução portuguesa, de acordo com o espírito de Abril, consagra precisamente o poder popular da democracia de base: as comissões de moradores, de trabalhadores, as cooperativas, os sindicatos».

«Ao considerar que Cuba está no bom caminho, neste campo, não estou de forma alguma a pôr em causa a existência de uma Assembleia da República como expressão da vontade popular, estou apenas a dizer que só por si um Parlamento não poderá nunca ser o intérprete da vontade popular se não existir um poder popular, se não existir uma determinação na base, uma criatividade através dos organismos autárquicos».

Interesse por Portugal

Alexandre Cabral — «O interesse dos cubanos pelas coisas portuguesas, sobretudo após o 25 de Abril, reflecte-se nos pedidos que nos têm feito, entre os quais o do envio de livros sobre a história e a literatura portuguesa. Numa das visitas que fiz à Casa das Américas, tive o prazer de entregar ao director da revista, Roberto Fernandez Retamar, uma biblioteca de cerca de mil volumes que para lá enviámos».

«DL» — A revolução cubana trouxe uma modificação radical no espírito do povo e criou efectivamente um homem novo...

A.C. — «A esse respeito, posso contar-lhe um pequeno episódio. Uns amigos cubanos que estão de serviço em Portugal convidaram-me para os acompanhar num passeio até ao Cabo Espichel no dia 22 do mês passado. Depois, num pinhal, num momento em que havia sol e em que estávamos todos reunidos, eles não quiseram esquecer a comemoração do Dia do Educador que se celebra

nessa data, e foi lida uma mensagem, de homenagem aos 100 mil professores voluntários que levaram a cabo a grande campanha de alfabetização do povo cubano. Esses amigos que estavam comigo tinham feito parte dessas brigadas e, curiosamente, não quiseram esquecer, apesar de longe da pátria, o compromisso que têm com o seu país, lembrando a actividade que desenvolveram na erradicação total do analfabetismo em Cuba».

«Finalmente, gostaria de dizer que, para além de ter sido convidado para fazer parte do júri do prêmio deste ano, vou participar também no simpósio internacional sobre José Martí que este ano vai decorrer. Isso obrigou-me a trabalhar desde há três meses na tese que vou apresentar e a viajar até Espanha, à procura, nos arquivos espanhóis, de materiais relacionados com o primeiro desterro de Martí no país vizinho, entre 1871 e 1874».

E.S.

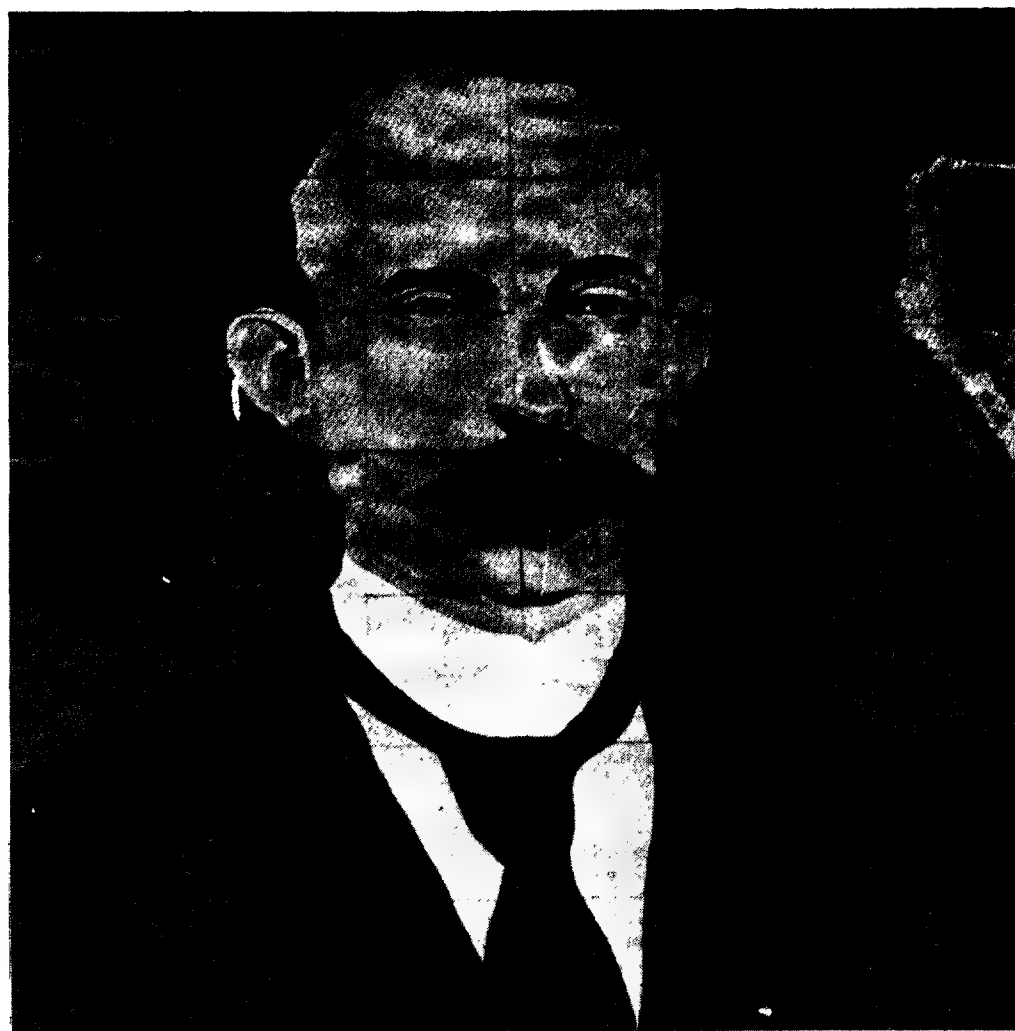
Da Declaração de Princípios que determinaram a fundação da Casa das Américas em 1960

● A falta de comunicação é uma das grandes limitações na vida política e cultural da nossa América. Os países do Continente vivem isolados uns dos outros ignoram-se entre si. A Casa das Américas quer contribuir para o conhecimento e para a unidade cultural entre os países latino-americanos. E, também, expressar a nossa nova realidade. Os nossos povos lutam ferozmente para saírem do subdesenvolvimento, e subdesenvolvimento é também a falta de relações estreitas, de comunicação cultural, de um destino unido. «Implantamos fronteiras artificiais que criaram diferenças que não existem — insistiu Fidel Castro —, temos vivido à margem da orientação dos nossos libertadores, a quem temos erguido estátuas, a quem temos dedicado milhares, milhões de ramos de flores, milhares de discursos, mas a quem temos esquecido no que respeita à mais pura essência do seu pensamento. E, parece-nos, que se agora se apresentassem perante nós, todos os próceres das liberdades da América Latina, desde Bolívar a Martí, de San Martín a Artigas, todos eles nos censurariam a posição em que ainda nos encontramos e perguntariam se é esta a América que eles sonharam, grande e unida, e não um grupo de povos divididos e débeis como somos hoje».

● É necessário romper esse bloqueio continental entre os nossos

povos. E também com o resto do Mundo. Já não podem existir povos isolados na História contemporânea. A nova geração de artistas e intelectuais da América Latina quer um lugar no mundo moderno e não apenas uma existência cheia de exotismo e costumes típicos, e que não é mais que uma manifestação de ignorância e de miséria.

● Reclamamos justiça social e um lugar na aventura do homem de hoje. A nossa responsabilidade e a nossa obrigação é assumir o nosso destino revolucionário. Arrancar a nossa Cultura, tanto ao mimetismo «snob» como ao atraso; transformar o nosso subdesenvolvimento numa voz nova e violenta no Mundo. Temos que nos pôr em dia, tanto no que respeita à Cultura, como à Economia ou à Política: revelar os contrastes e a injustiça. Revolucionários, mas revolucionários na segunda metade do século XX. Há um verdadeiro Novo Mundo — tanto na nossa América, como em África e na Ásia — que irrompe já na História contemporânea. Os escritores e artistas devem exprimir a crueldade e as ansiedades, transformar e dar consciência a todo um Continente. Somos duzentos milhões de homens com voz própria e destino próprio. Chegou a hora da nossa América. A hora de nos unirmos num destino comum e grande e de levar a nossa contribuição à Cultura Universal.



José Martí, nos muros de Havana, onde o seu sonho de um povo uno «na origem, na esperança e no perigo», do Rio Bravo à Patagónia, começou a tornar-se realidade

Maria Belo

Falar com os outros ainda é possível

Entrevista de Lurdes Féria
Fotos de Rui Pacheco



No burgo acanhado e preconceituoso onde nos movemos, Maria Belo penetrou devagar, sem estrilho, afirmando-se pelo que é e o que vale. Não persegue de uma forma tenaz o poder (qualquer que seja) até porque talvez não soubesse muito bem o que fazer com ele. Sendo mulher não recorreu ao triste expediente da «astúcia feminina» para «vencer» no mundo dos homens — ela repudia a concepção da mulher no seu papel de sedutora. Sendo psicóloga pela Universidade de Lovaina e também psicanalista da «escola lacaniana» de Paris não optou pelo exibicionismo fácil. Sendo de esquerda ousou assumir posições — algumas delas contraditórias — susceptíveis de crítica por parte dos inúmeros juizes que neste país proliferam.

Maria Belo assentou a base da sua vida no exercício da profissão de psicanalista, no ensino (dá aulas de psicanalista na Universidade Nova), na escrita de artigos de análise psico-política em revistas e jornais (embora confesse escrever mal o que é discutível) e na participação, sempre que solicitada, quando a causa da mulher e da liberdade individual estejam em questão. Na conversa longa que tivemos falou com naturalidade, sem rodeios. Diz o que faz e faz o que diz — e por isso merece respeito.

Três temas centrais dominaram esta entrevista: a psicanálise, o feminismo e a política. Deu pistas e elementos para a elaboração do seu perfil que numa perspectiva sociológica retrata um dos lados da classe a que pertence: com o seu «background» cultural, as suas contradições e a sua lucidez. Nem o radicalismo nem o dogmatismo marcam as suas posições, seja em que campo for. Questiona e equaciona os problemas sem lhes atribuir um carácter definitivo.

SUBMISSÃO

— Nunca fui militante feminista. Colaborei apenas no CNAC quando actuante na Cova da Piedade. Penso que os grupos feministas são inevitáveis mas... têm cometido muitos erros. Enquanto os grupos sufragistas, no princípio do século, vinculavam questões sobre a igualdade dos direitos cívicos e profissionais, as feministas de hoje reclamam a igualdade, em relação ao homem, em todos os planos — o que a meu ver talvez seja um pouco utópico. A mulher, no entanto, tem dado passos importantes no caminho da sua libertação, mesmo aqui em Portugal. O facto de Maria de Lourdes Pintasilgo ter sido primeiro-ministro já é significativo.

— Aliás isso foi muito mal suportado pelos homens...

— Sim. E também por algumas mulheres. Eu própria tenho tido problemas, no ponto de vista político, por viver sozinha. Uma mulher que vive sozinha em Portugal não tem safa nenhuma. A sua iniciativa está travada, não funciona a nível dos mecanismos. O homem interessa-se pelas mulheres que se fazem desejar e que, por tanto, ele controla. Se a mulher se sujeita à submissão o homem sente-se no seu lugar. A minha experiência dentro do PS, neste aspecto é exemplar. Quando militei num movimento de mulheres socialistas deparei com uma situação interessante: apareceram apenas as mulheres cuja vida é toda dedicada ao activismo político. As outras, as mulheres dos dirigentes muitas vezes bastante mais interessantes do que eles (diga-se) não vieram ao movimento talvez porque não estavam dispostas a desequilibrar a estabilidade de casal.

A sociedade machista não admite, não tolera que a mulher opte pelo estatuto social de celibatária e viva, em seu nome, sem ser apontada como a mulher de fulano de tal. Sente nisso uma competição hostil e contra isso impõe uma perseguição contínua, uma vigilância implacável activismo político. As outras, as mulheres dos dirigentes muitas vezes bastante mais interessantes do que eles (diga-se) não vieram ao movimento talvez porque não estavam dispostas a desequilibrar a estabilidade de casal.

A sociedade machista não admite, não tolera que a mulher opte pelo estatuto social de celibatária e viva, em seu nome,

sem ser apontada como a mulher de fulano de tal. Sente nisso uma competição hostil e contra isso impõe uma perseguição contínua, uma vigilância implacável.

A sociedade machista não admite, não tolera que a mulher opte pelo estatuto social de celibatária e viva, em seu nome, sem ser apontada como a mulher de fulano de tal. Sente nisso uma competição hostil e contra isso impõe uma perseguição contínua, uma vigilância implacável.

— Em Portugal apesar dos desaires ainda funciona. As mulheres escolhem o casamento por ser uma situação em que estão super protegidas... Os representantes das estruturas e do estabelecido impedem a todo o custo qualquer mudança dentro deles e no seu pequeno mundo — são os cães de guarda das instituições. Aliás parece-me que os psicanalistas se encaixam um pouco nisso. Até o próprio Freud ao defender «o ideal de feminilidade passou a si próprio um atestado de reacção». Na «Carta a Martha», o pai da psicanálise diz patéticos como esta: «Muito antes em que o homem pode ter uma posição social, a natureza decide o destino de uma mulher dando-lhe encanto, beleza, e meiguice...» Não achas o Freud assustadoramente conservador?

— Essa história da beleza da mulher, também se alterou muito, sobretudo em França, graças aos movimentos feministas que criaram um novo padrão de objecto sexual que é uma forma de se encontrarem como sujeito. Conseguiram impor ao desejo dos homens um novo tipo de mulher a que eles não estavam habituados: quer sejam feias, bonitas, gordas ou magras. As mulheres estão lá muito mais erotizadas o que faz com que «não sejam passivas na relação do desejo. Quanto a Freud, a questão das mulheres é complexa. Por um lado ele tem os seus próprios problemas na relação com as mulheres que são muito evidentes em toda a sua vida pessoal, mas também na relação de contra transferência com as clientes. Problemas que, podemos dizer, ele não resolveu. Mas por outro lado a psicanálise leve-se exactamente às questões que o Freud tinha sobre as mulheres, à sua curiosidade sobre quem elas eram e o que era o desejo, à sua capacidade de que,

pela primeira vez, no mundo alguém criar uma ciência a partir do estudo dos «problemazitos» do quotidiano das mulheres ditas históricas. O que, 80 anos mais tarde, as feministas reivindicam (que o seu discurso, a sua fala, é importante) já então, graças a Freud, estava na base da psicanálise. A nossa civilização herdou, por um lado, traços da democracia grego-latina e por outro, no ponto de vista ideológico, os valores judaico cristãos. Civilização, por isso, duplamente baseada na marginalização das mulheres da vida política e económica. A psicanálise é de certo modo a análise deste aspecto e o Edipo é exactamente a história disso já em Sófocles. Não é por acaso que Freud, vai buscar essa tragédia como fulcro da sua teoria. Aqui também a psicanálise abre

caminhos à mulher. Permite-lhe entender a ratoeira em que está metida...

— E o Lacan?

— Bastante diferente. Fez parte do grupo surrealista do Breton, era amigo do Bataille... tem outro percurso. Lacan coloca a mulher e o homem como sujeitos da sua história e ambos objectos um do outro. E descobriu aqui, o em que Freud não foi capaz de tocar: um certo cepticismo na relação sexual. Destruiu o mito da relação de paixão. Freud acreditava no amor único, na mulher virgem, na pura, na mãe — o que é perfeitamente mistificador.

RECUPERAÇÃO

(Há teóricos, nomeadamente David Cooper e Ronald Laing, que se opõem aos conceitos e à

prática dos psiquiatras e psicanalistas ortodoxos ou até mais liberais denunciando-os como recuperadores de pessoas no contexto capitalista. Acusam-nos de guardiões da ideologia burguesa. Nos Estados Unidos consome-se psicanálise como se se consomem electrodomésticos. Ninguém faz nada sem primeiro consultar o psicanalista — situação bem ridicularizada por Woody Wallen nos seus filmes. Maria Belo: será assim?)

— É curioso que Lacan se opôs aos psicanalistas ortodoxos, pelo modo como, dentro da situação psicanalista, procurava reforçar o Ego, ou seja, criar uma pessoa forte, com defesa e capacidade de adaptação. Para Lacan a psicanálise não é isto. Trata-se sim, de um meio de levar as pessoas a assumirem-se, para que deixem de funcionar apenas segundo as regras estabelecidas e sejam capazes de utilizar palavras próprias sem repetir o discurso social. Para Lacan a psicanálise tem uma função cultural.

— Parece-me que a psicanálise se transformou um pouco em moda. Lembro-me da telenovela brasileira «Dancin' Days» onde o personagem Cacá, o intelectual, também faz psicanálise. Tudo isto me dá impressão de que a psicanálise é uma receita de consumo assimilada pelas massas letradas.

— A Medicina também é um produto de consumo. É verdade que nas sociedades altamente consumistas a psicanálise se tornou moda. No Brasil a psicanálise está bastante desenvolvida e vulgarizada em certos meios. As pessoas podem ir ao psicanalista porque não funcionam umas com as outras. Podem ter angústias de burgueses letrados mas de qualquer maneira são angústias... e sérias.

— O facto de em Portugal a psicanálise não ter ainda entrado nos nossos hábitos, será sinal de pureza e saúde mental?

— De certa forma é isso, embora tenha a ver também com um recalcamento muito forte do pré-25 de Abril que só desaparecerá com o desenvolvimento económico. Em França os emigrantes portugueses, já vão ao psicanalista. Os seus problemas de adaptação levam-nos aos Dispensários de Higiene Mental onde há sempre uma secção de psicanálise. Às vezes não sabem bem o que vão fazer. Tive um cliente, emigrante português, que pensava que ir ao psicanalista era ir à bruxa. Aqui, até nos meios onde se fala de psicanálise, se nota um desconhecimento completo em recusa do inconsciente.

— Tenho ideia de que a psicanálise se dirige às pessoas cultas, com capacidade de expressão. Não é através da palavra que funcionam os mecanismos da angústia?

— É verdade. Mas o princípio psicanalítico nada tem a ver com essa questão. A psicanálise aprende-se sendo a pessoa psicanalizada e não nos livros. Se formos buscar um operário à Lisnave para lhe dar uma formação psicanalítica é natural que ele ao fim de dois dias gritasse que queria voltar à sua fábrica achando que éramos todos doidos. Conheci, no entanto, um operário em Vincennes que se tornou psicanalista. Claro que isso tem a ver com os meios culturais à volta. Um operário de Paris é diferente de um operário do Barreiro.

(Treze anos esteve Maria Belo fora do País: sete em Lovaina e seis em

Paris. Neste espaço de tempo houve um intervalo — o ano em que deu um salto breve a Portugal. Foi em 1967. Um ano preenchido com o ensino no ISPA e a ocupação de um lugar no Centro de Orientação Vocacional do Colégio S. João de Brito. E depois, Paris onde fez quase seis anos de psicanálise, o último deles com Jacques Lacan, fundador da chamada «Escola Freudiana de Paris» que agora ele próprio dissolveu.)

Para Maria Belo, Lacan é «um homem diferente do habitual: incrivelmente culto, esotérico e muito louco; um poeta, de certa maneira...». Na sua opinião a dissolução da Escola Freudiana «é o primeiro acto político que uma instituição psicanalítica faz para o nosso mundo». E acrescenta: «Do ponto de vista individual muitos psicanalistas já fizeram actos políticos, nomeadamente na América Latina, na Argentina, sobretudo. Na carta que Lacan escreveu, no dia 5 deste mês aos membros da Escola, explica que falhou e não conseguiu, como queria, fazer uma instituição cujo peso não abafasse o que os seus membros tinham para dizer aos outros, como acontece com todas as instituições da nossa cultura». Considera que a parte de psicanálise que fez com ele imprimiu um sentido de mudança à sua vida.

— Deu-me uma estrutura que me permite viver sem ilusões mas também sem tristeza. Gosto de viver, divertir-me... e isso devo-o à psicanálise.

— Não vives com raiva nem revolta?

— Sinto raiva, revolta, entusiasmo mas não me deixo abater por esses estados de espírito. Não preciso de fugir às situações, divirto-me a encará-las.

MARCAS DE CLASSE

(Descendente de uma família da média-alta burguesia que embora «pobretona» tinha os hábitos e os tipos de classe, Maria Belo absorveu dela alguns vícios e também algumas virtudes. Envolvida por uma atmosfera de bom gosto (de objectos bonitos e livros) sentia-se inferiorizada, em relação às amigas, com os seus dois modestos vestidos, enquanto estas, em contraste, exibiam um guarda-roupa variado e rico. A família dos Belos vivia numa moradia própria, na Rua Alexandre Herculano — o que era um privilégio. Eram nove irmãos, os pais e quatro criadas: os habitantes da casa. Apesar de tudo levavam uma vida de pouco dinheiro. A mãe, administradora do orçamento doméstico, fazia contas de tudo quanto se gastava. Esse cuidado nos gastos, a tendência para a poupança, ainda hoje pesa na vida de Maria Belo que afirma «ser um pouco sovina com a comida porque na sua infância era assim...» Recordar também a sua vocação, na cultura, para o isolamento. Vivía fechada em casa, a ler, sem se aperceber do que se passava lá fora. Com 20 anos nem sequer deu pelas eleições do Humberto Delgado. Nada sabia de política, nem da vida. Andava preocupada com problemas religiosos, tendo mesmo militado na Acção Católica e nas Noelistas — um movimento de mulheres católicas da alta sociedade. Era tal o seu alheamento do mundo que decidiu ser freira, sem hábito. Em 1959, ainda na intenção de fazer os votos, partiu para Povaina, na condição de bolsista de uma Ordem Religiosa).

Continua na pág. 8

Maria Belo

Continuação da pág. 7

— Ao fim de três anos de estar em Lovaina desloquei-me a Angola para recolher elementos com vista à elaboração da minha tese de licenciatura. A tese centrava-se em testes de desenvolvimento das crianças africanas até aos três anos e que viviam em regime tribal. A partir daí a minha vida modificou-se radicalmente. Percebi o que é a política, sobretudo a situação das pessoas no regime colonial. Antes da ida a Angola dava-me praticamente só com belgas e depois passei a relacionar-me com gente da América Latina. Então comecei a envolver-me na política, atravessando várias fases ideológicas: fui maoísta, convivi intimamente com um guerrilheiro boliviano, militei no PCP... mas tudo isto muito pela mar, sem

— Consideras-te liberta?
— É evidente que não sou capaz de fazer certas coisas que gostaria de fazer. A religião serviu-me de protecção até ser capaz de enfrentar a sexualidade. Foi em Angola que me dei conta da sexualidade e só a partir daí passei a fazer uma vida normal. Quanto à religião, deixei de ser católica sem sentir angústias... com naturalidade.

MILITÂNCIA SOCIALISTA

A adesão de Maria Belo ao PS espantou muita gente. Pelo menos houve quem afirmasse (e nisso acreditasse) que a sua opção era um pouco oportunista. Só que as interpretações, muitas vezes não resistem ao teste definitivo do confronto com a realidade. Porquê o PS?
— Uma das razões deve-se ao facto de estar interessada (e ainda estou) em ver como a política evoluiu no nosso País. Isto ao nível da grande política. Sentia-me isolada, sobretudo depois de ter acabado a revista «Opção» onde ainda me chegavam os ecos da política. E depois queria ver a política por dentro... Porquê o PS? Bem... na altura a malta da direita estava a sair e o PS encontrava-se um pouco na

Percebi aliás a sua atitude. Não sabia se eu tinha senso político, dado à minha imagem pincelada de esquerdismo, feminismo e até de presidencialismo...
A perplexidade perante as atitudes, aparentemente contraditórias, de Maria Belo ganhou corpo quando ela na «Opção» escreveu análises políticas favoráveis a Ramalho Eanes. Numa altura em que o Presidente da República — e ainda hoje isso sucede — era aceite com profundas reservas. E para cúmulo da confusão havia nas fileiras dos presidencialistas pessoas de formação política mais díspares.
— Ainda sou eanista. De início achava Ramalho Eanes uma pessoa detestável — sem um projecto político definido. O seu único projecto era de ordem. Ao fim de um ano e tal verifiquei que ele tinha a vantagem de ouvir o que as pessoas diziam e também por apresentar um projecto próprio. Para mim é o menos ideológico dos nossos políticos o que pode parecer que reflecte uma certa pobreza teórica mas também lhe permite ocupar o cargo em seu nome próprio. Eanes tem a virtude de deixar as coisas acontecer, sem paralisar o que acontece. Embora o seu projecto político seja tradicional, respeita as liberdades e as pessoas. Acho interessante a dinâmica do seu

cultural. Parece-me que foi mais contra esse tipo de coisas que Ramalho Eanes participou no 25 de Novembro. Penso que o PCP não queria o poder popular...
— E o PS queria? Quem tentou destruir a Reforma Agrária?
— A administração pública matou um pouco o poder popular e isso deve-se fundamentalmente ao PS. Ou aos governos do pós 25 de Novembro. Também o poder popular na Reforma Agrária, nessa linha, foi marginalizado pelo PS desde Lopes Cardoso no MAP... mas no fundo mais por uma política de menor esforço. O PS seguiu a política de Lopes Cardoso enquanto ele esteve no Governo e depois de António Barreto. Muito mais do que praticar uma política reacçãoária o PS fez a política de avestruz...

«Dinâmica» da AD

— Que esperas do Governo AD?
— Acho que de início vai dar uma imagem de si liberalizante mas julgo que terá de enfrentar muitos problemas internos. Há quem espere que a AD ponha e disponha a favor das forças de direita. Não sei como se vão desenrascar desses conflitos embora tenham certos factores a favor deles no ponto de

de direita... tal como Lucas Pires e outros. Se a AD se portar bem, nestes dez meses, e na mira de ganhar as eleições em 80.
— Em termos psicanalíticos como entendes a chamada «dinâmica da AD relativamente às massas populares?»
— Faz apelo a coisas muito positivas mas é logo de muito ambíguo e perigoso, porque ao menor passo em falso a vontade de vida da AD pode transformar-se numa vontade de destruição. Apela ao inconsciente das pessoas, enquanto massa, tal como o nazismo, na Alemanha, no seu acto de nascimento. A AD promete a mudança, a revitalização da sociedade portuguesa mas, ao jogar com a psicologia de massas, tem de ter muito tacto e não creio que seja capaz de o ter. E nesse caso, a passagem para o fascismo está a um passo...
— Mas a mudança que a AD propaga não se refere ao processo desencadeado com o 25 de Abril?
— Isso não é muito claro. O PS está cansado no ponto de vista de vitalidade e a AD surge como a promessa vaga de mudança. Para mim essa mudança não significa nada mas compreendo que os jovens dos 18 aos 20 anos, se sintam seduzidos pela propaganda da AD, no país de transição em que

Políticos no «divã»

Penso que há diferenças culturais muito grandes entre os nossos políticos. Os mais conservadores e desinteressados são os dirigentes do CDS que, estando na casa dos trinta, parecem ter sessenta anos. Não entendo como tendo tanto tempo de vida à frente a podem imaginar tão parada, sem movimento e dinâmica.
Eanes não é conservador, é preconceituoso. Tem muitos preconceitos culturais e antigos, mas sempre que percebe que algo não passa de preconceito é extremamente aberto à mudança. Cunha é talvez o líder político, hoje, mais capaz de abertura do ponto de vista de mudança de vida. Mas porque é talvez o único que não tem nada a perder nacional e internacionalmente. Está no «top» da sua carreira, pode dar-se a esse luxo e a essa benevolência. Os outros dirigentes do PC estão longe dessa abertura.
Sá Carneiro é também muito aberto embora tímido e receoso. Esse talvez porque tem quase tudo a ganhar. E porque implica muito de si próprio e da sua vida pessoal na política, é muito inteiro, mas também pouco maduro. O PSD tem outros dirigentes também bastante abertos. O PS é hoje o partido cujos dirigentes me parecem mais fechados do ponto de vista cultural (fora do CDS, claro), porque são também os que até hoje, mais tinham a arriscar. E por isso se fecharam, se amedrontaram.
São, no entanto, a meu ver, os mais socializados, sobretudo Mário Soares. Ou seja: sabem fazer política sem deixar nela todos os seus problemas pessoais. Gostava ainda de acrescentar que, a nível de bases, passa-se o contrário. As bases do PS, são as únicas de facto prontas para os riscos de uma revolução cultural. Nenhum outro partido se pode gabar disso...

média, a mudança de costumes e das relações familiares e sexuais, até a mudança das relações de poder e de produção tudo isso só hoje começa a produzir efeitos. E a AD soube polarizar esse novo espírito. Claro que é um espírito muito na linha consumista, ainda pouco imaginativa. Mas revela uma grande vitalidade. Uma força política culturalmente progressista poderia basear-se nela para fazer em Portugal de gente grande. A conversa vai morrendo e Maria Belo abandona o «divã». Desta vez inverteram-se as posições: ela falou e eu ouvi. Foram duas sessões, na mais belíssima casa pomalinal, de pinturas no teto e lareira de mármore — em Alfama. A espreitar da parede, numa fotografia a preto e branco, Agustina Bessa Luís, «a escritora que melhor sabe manejar a língua portuguesa», olhava-nos com uma expressão enigmática. E talvez de cumplicidade. Sabe-se lá...



bases sólidas. Sentia-me um pouco «em casa» com os revolucionários latino-americanos que estudavam na Bélgica com bolsas da Igreja. Aliás foi o caso de Camilo Torres que também lá esteve. Aliás os portugueses que faziam política, muitos deles, eram ex-padres ou ex-seminaristas...
— E Maio de 68 não te influenciou?
— Não muito porque aconteceu precisamente na altura em que eu estava em Portugal. Por outro lado as questões que se punham não me diziam totalmente respeito pois já tinha feito o meu processo de libertação individual...

mó de baixo, a meu ver por culpa dos que saíram. Porquê o PS? Talvez por ser o partido que mais se coaduna com a minha origem de classe. É o único partido com que tenho afinidades políticas e culturais... Por outro lado é um partido onde as pessoas se sentem à vontade, bastante permissivo...
— Será?
— É mesmo. Ao princípio confesso que tive uns certos problemas de adaptação. Lembro-me que fui convidada para falar num comício da FAUL em nome das mulheres e Mário Soares impediu-me de o fazer.

projecto dentro da política. E há ainda outra questão: ele actuou com firmeza, dando-nos segurança a nível nacional. Por outro lado, do meu ponto de vista é, de longe a carreira política e humana mais interessante desde o 25 de Abril.
— Pensas que antes do 25 de Novembro (e Eanes está metido nisso) não havia segurança? Em que termos defendes a segurança e o que é que ela representa para ti?
— É evidente que eu também defendia o poder popular. Mas o fantasma do Partido Comunista paralisava as pessoas, fazia-lhes medo, inclusive no ponto de vista

vista socio-económico — e até uma parte significativa da população. Mas penso que vão agir com muita cautela... Por exemplo são capazes até de baixar alguns preços e para isso fazem dos intermediários. Se o fizerem têm de lhes prometer que lhes facilitam a vida depois das eleições de 80 porque estou convencida que quem pagou a campanha da AD lhe vai mais tarde ou mais cedo exigir dividendos. Não acredito que Sá Carneiro seja revanchista mas certamente vai fazer uma política de tipo capitalista. Depois há os outros: Freitas do Amaral tem uma estrutura

vivemos. A «ilusão» da AD até se nota na forma como as mulheres da pequena burguesia se vestem...
— Vestem os casacos de pele de coelho e os modelos em série de centros comerciais, o que quanto a mim denota uma falta de imaginação muito grande. Quanto aos jovens... para além dos anúncios de Coca-Cola nos blusões o que é que eles revelam?
— Revelam de facto a mudança. Só hoje se começa a sentir, do ponto de vista cultural, os efeitos do 25 de Abril: a liberdade de expressão a todos os níveis, o desenvolvimento socio-económico, a nova classe

Dez anos de teatro

Continuação da pág. 3

coisas mais fortes que fizeram no t.p. do pós-guerra.
Os encenadores argentinos (Gitkin, Oviedo), o português radicado no Brasil, Luís Lima que encenou no CITAC um Marivaux, «A Ilha dos Escravos» (que não vi), e aí revelou um actor com grandes possibilidades (José Oliveira Barata), e o catalão Ricard Salvat, que no TEUC encenou «A

Excepção e a Regra», acabaram por ser rapidamente expulsos pela PIDE, o que veio a provar que, afinal, o regime não dormia. Citei, finalmente, Vítor Garcia, que também no CITAC encenou alguns dos mais importantes espectáculos do t.p., universitário ou não, especialmente «O Grande Teatro do Mundo», de Calderón, e um Lorca surrealista, «Assim que Passem Cinco

Anos».

Tenha-se em consideração o facto de que os encenadores argentinos citados, relativamente pouco conhecidos quando passaram por Portugal, vieram a fazer grandes carreiras internacionais: Vítor Garcia no Brasil, em Espanha, em França; Gitkin, em Cuba de onde voltou recentemente; Augusto Fernandes é hoje um dos mais cotados encenadores da República Federal Alemã: Oviedo nos Estados Unidos. A sua passagem por Portugal não

podia deixar de exercer uma influência mais profunda e mais duradora, tanto a nível de criadores como de público, do que geralmente se pensa.

Deve-se ter ainda em conta a participação de artistas portugueses neste renovo do teatro universitário: Fernando Gusmão, no Grupo Cénico da A.A. da Faculdade de Direito num espectáculo pouco interessante: «Os Físicos», de Durrenmatt (1971). Com mais ou menos interesse, todos estes espectáculos provaram que algo mexia no

cultura de Medicina, um espectáculo gozadíssimo, baseado no esquema da récita tradicional mas parodiando por dentro e contendo uma enorme carga de crítica «Os Cavalos Também se Abatem» (1970).

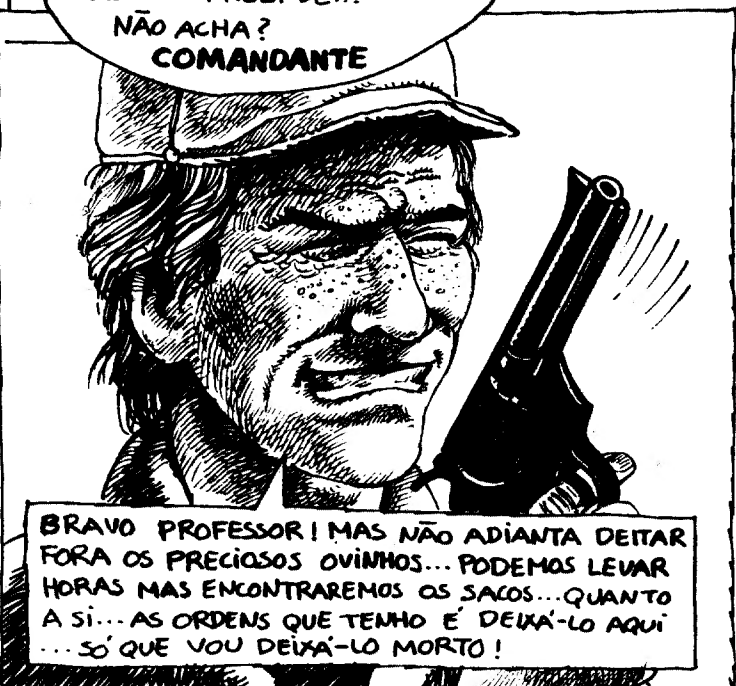
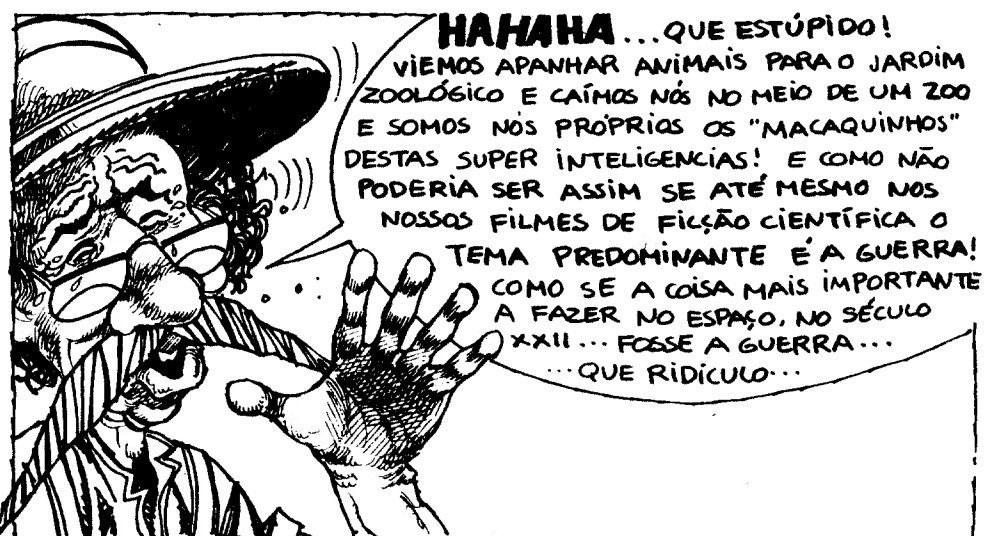
Um outro argentino, Federico Wolf, dirigiu o Grupo Cénico da A.A. da Faculdade de Direito num espectáculo pouco interessante: «Os Físicos», de Durrenmatt (1971). Com mais ou menos interesse, todos estes espectáculos provaram que algo mexia no

teatro português. E seria só no teatro?

Lembrarei por fim que o grupo Cintra-Silva Melo, tendo deixado a Faculdade de Letras, criava um espectáculo com «Três Intermeços», de Cervantes. Situado na mesma área estética de «Anfitrião», o espectáculo não tendo a mesma frescura, confirmava no entanto as possibilidades dos seus criadores (1970). Como viámos a verificar alguns anos depois.

CARLOS PORTO

MEMÓRIAS DO ÚLTIMO ELÉCTRICO DO CARMO



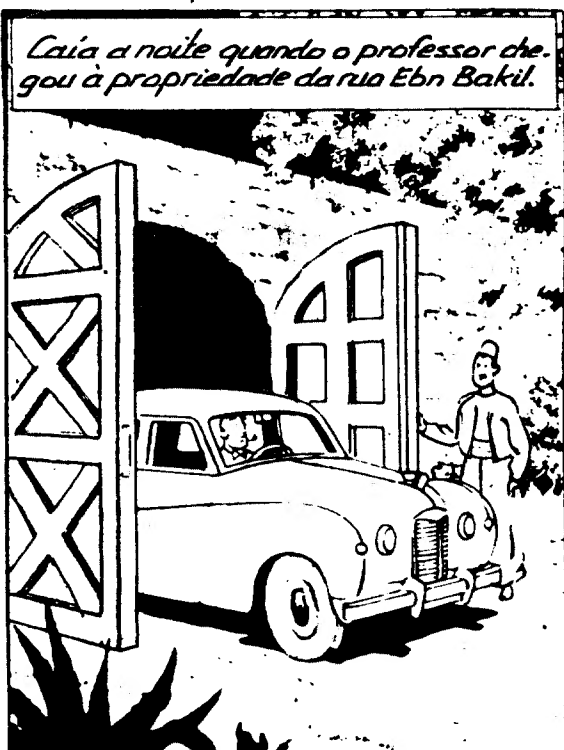
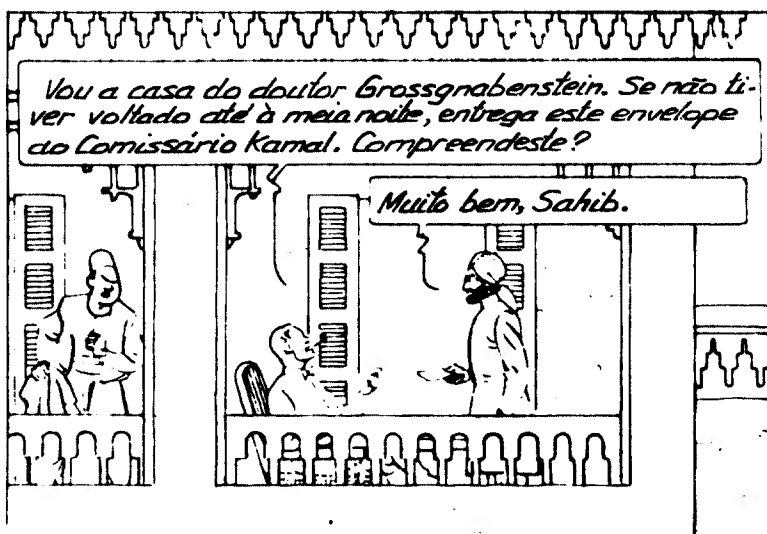
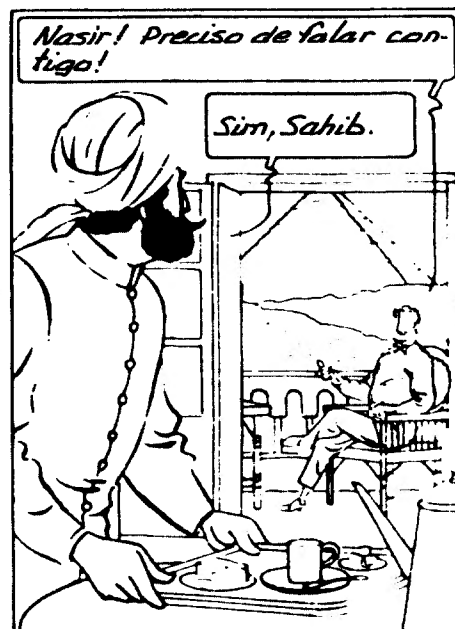
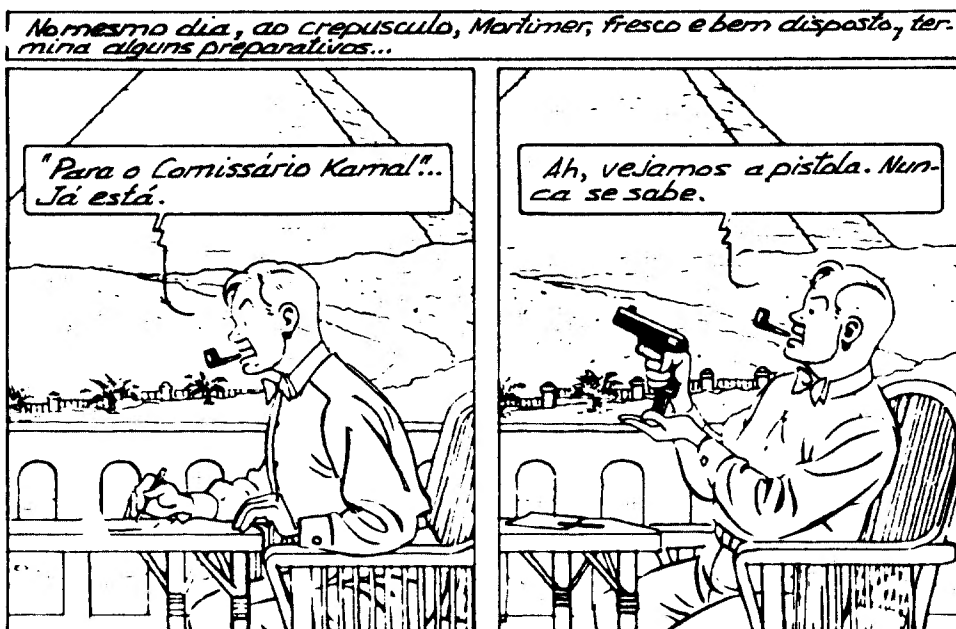
CLARO! EU NÃO SOU UM ASSASSINO, MAS VOCÊ É E COMO TAL PENSA COM OS MÚSCULOS ENQUANTO EU PENSO COM A CABEÇA. O MEU PLANO É SIMPLES. VAMOS ATÉ JUNTO DOS SEUS COMPANHEIROS.

MAS... COM UM SÓ OVO NÃO HÁ HIPÓTESE DE REGRESSO... NÓS SOMOS EM NÚMERO SUFICIENTE PARA LHE ARRANCARMOS ESSE OVO...

OS TEUS AMIGOS VÃO-ME DAR TODAS AS ARMAS QUE TRAZEM E QUE EU DESTRUIREI... DEPOIS EU VIREI AQUI BUSCAR 2 OVOS QUE VÓS DAREI PARA REGRESSAREM...

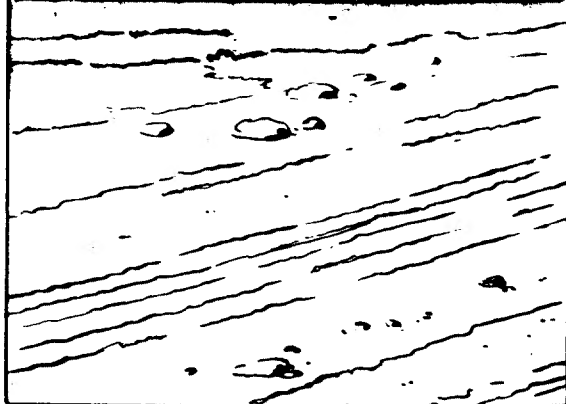


O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE



O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE

Mortimer acaba de ver, impressa na areia, a marca dos pneus de um grande carro.



Isto parece recente... E dirige-se para a garagem. Mas o que deixou estas marcas não foi a velha lata do Grossnabenstein.



Levado pela curiosidade, Mortimer entreabre a porta da garagem e...



... Surpreendido, avista, brilhando na penumbra, os cromados de um grande carro de luxo.



By Jove! Parece mesmo um "Lincoln"!... Ora vejamos...



Mas no momento preciso em que Mortimer vai entrar na garagem, é delatado por uma voz tonitruante.



Ach, carro amigo! Mas... que diabo está aqui a fazer? Tenho andado à sua procura...

Não diga nada. Já percebi. Quería ver outra vez o carro do Grossnabenstein para fazer troça dele. Ah, ah, ah! Tenho razão, não tenho?



É verdade mas... Onde está ele? Vendeu-o?



Was? Eu, vendê-lo? Está a brincar, professor. Não, não, levou uma pancada e o garagista insistiu em me emprestar este carro enquanto estou sem o meu. Mas venha...



Um momento depois, na sala, enquanto o doutor abre uma garrafa de Whisky, Mortimer pouco a vontade e preocupado pensa na sua curiosa descoberta...



E então essa terrível história que me queria contar? De que se trata?

Pois bem, aqui está. Aquilo que tenho para lhe dizer, vai parecer-lhe incrível. Mas pode crer que é verdade. O doutor está cercado por um bando de malfetores perigosos que se servem de si para esconder as suas actividades criminosas...



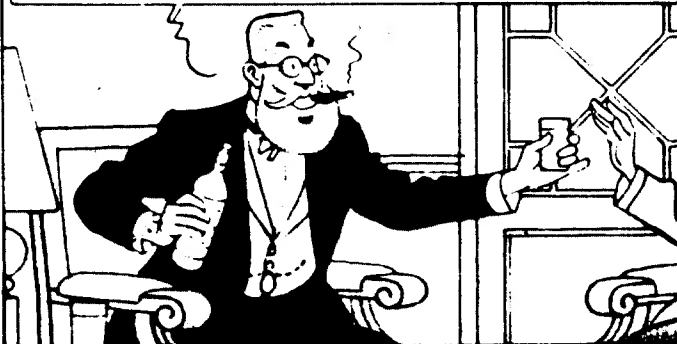
O quê? O que está a dizer? Eu, Herr Grossnabenstein, estaria a ser vítima de uma quadrilha de ladrões? Ah, ah, ah! Vejamos, carro confrade, está a brincar comigo!



Como quiser. Mas fique sabendo que hoje mesmo vi o seu Sharkey na companhia do maior palife que há neste mundo!



O Sharkey? Ele um malfetor? Ah, ah, ah! O seu humor é mesmo inglês, professor! Ora beba o seu Whisky em vez de me contar histórias dessas!



Obrigado mas não me apetece beber...



E Mortimer repele tão bruscamente o copo que Grossnabenstein lhe oferece que...



Com os diabos!!!

O FANTASMA ESPANHOL

